

"Davis cria uma história inspiradora em que o sexo é apresentado como liberdade e como uma metáfora para o poder..." – *Publishers Weekly*

O ESTRANHO

APENAS UMA NOITE, PARTE I

KYRA DAVIS

SUMA
de letras



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



KYRA DAVIS

O ESTRANHO

APENAS UMA NOITE, PARTE I

Tradução
Sonia Augusto



Copyright © 2013 by Kyra Davis

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a editora original, Pocket Books, uma divisão da Simon & Shuster Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Stranger

Capa

Marianne Lépine sobre layout original

Imagens de capa

© Thorsten Henn/Getty Images

© Michael Grimm/Getty Images

Revisão

Ana Grillo

Beatriz Sarlo

Juliana Souza

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D287e

Davies, Kyra

O estranho [recurso eletrônico] / Kyra Davies ; tradução Sonia Augusto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *The Stranger*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

118 p. ISBN 978-85-8105-239-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Augusto, Sonia. II. Título

14-13660 CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

Para o amor da minha vida

O Estranho

CAPÍTULO 1



O VESTIDO HERVÉ LÉGER de bandagem vermelha que estou usando não é meu. Ele pertence à minha amiga Simone. Ontem, eu riria se alguém sugerisse que eu vestisse algo assim tão provocante. Amanhã, vou descartar a ideia sem pensar duas vezes. Mas hoje? Hoje é uma noite de exceções.

Fico em pé no meio do quarto de hotel que Simone e eu dividimos no Venetian, seguro na bainha e puxo o vestido para baixo. Será que vou conseguir sentar com este vestido?

— Você está muito sexy — afirma ela, enquanto passa por trás de mim e coloca meu cabelo preto e ondulado para trás dos meus ombros. O movimento parece um pouco íntimo demais, e eu me sinto um tanto exposta.

Eu me afasto dela e me contorço como um pretzel enquanto tento ver as costas do vestido no espelho.

— Será que saio deste jeito?

— Está brincando? — Simone balança a cabeça, confusa. — Se eu ficasse metade do que você fica sexy nesse vestido, usaria ele todos os dias!

Puxo a bainha de novo. Estou acostumada a usar terninhos. Não do tipo que as mulheres usam nos filmes, mas daqueles usados na vida real quando se trabalha em uma empresa de consultoria multinacional. O tipo de terninho que quase faz você esquecer que é mulher, quanto mais um ser sexual. Mas este vestido é diferente de tudo que já usei antes.

— Não vou poder comer nem uma tirinha de cenoura se estiver vestida com isto — reclamo enquanto olho para o decote.

Estou sem sutiã. A única coisa que consegui usar por baixo do vestido foi uma tanguinha delicada. Mas o vestido foi feito para realçar tudo... e eu não sei bem se gosto. O que me surpreende é que *até* que gosto. Estou um pouco constrangida, o que era de se esperar. Também me sinto um pouco culpada só de vestir isto, mas tenho de admitir que Simone tem razão. Eu estou *sexy*.

Nunca pensei em mim nesses termos. Ninguém pensa. Quando as pessoas ouvem o nome Kasia Fitzgerald, elas pensam em alguém responsável, confiável e estável.

Estável, estável Kasia.

Foi por esse motivo que Simone me arrastou para Las Vegas no fim de semana. Ela queria que eu me sentisse instável só por uma noite antes de me comprometer com uma vida de estabilidade com o homem com quem vou me casar, Dave Beasley. Ele vai me pedir em casamento... ou talvez já tenha pedido. “Acho que, no próximo fim de semana, devíamos ir comprar as alianças”, foi o que ele disse enquanto terminávamos um jantar tranquilo em um café em Beverly Hills. Estamos saindo há seis anos e ele tem falado sobre a possibilidade de casamento há cinco, examinando a ideia de todos os ângulos possíveis e fazendo nosso casamento hipotético passar por testes de estresse também hipotéticos como um banco que se prepara para outra crise financeira.

Dave é cuidadoso mesmo. Não é nada sexy, mas é confortável. Uma vez, depois de alguns copos a mais, eu disse a Simone que beijar Dave era como comer uma batata assada. Ela nunca mais me deixou em paz por causa disso. Mas o que eu queria dizer era que uma batata assada, embora não seja a comida mais empolgante do mundo, é quente e macia, e suficiente para afastar a fome. Dave era assim. Ele era minha comida caseira, minha batata assada.

Você devia dormir com um estranho.

Esse tinha sido o conselho de Simone. Uma última diversão antes de eu me casar, enquanto ainda tenho vinte e poucos anos. Eu não ia fazer isso, é claro. Tinha combinado com ela que só iria flertar com um desconhecido e ainda estava tentando encontrar coragem para fazer *isso*.

Quando estiver velha, você realmente quer olhar para trás e se dar conta de que nunca foi jovem?

Essas tinham sido palavras de Simone também. Mas ela não entendia. Eu não sabia como ser jovem. Não tinha sido jovem nem quando era criança.

“Ela é tão mais séria do que a irmã!”, era o que os amigos dos meus pais diziam quando eu me sentava perto deles com a cabeça enfiada em um livro. “Não é nem um pouco feminina!”

De algum modo, tinha sido estabelecido que feminilidade excluía o interesse pelos estudos e vice-versa.

Mas aqui estava eu, formada em Harvard e trabalhando em uma das maiores multinacionais de consultoria do mundo. E eu estava *sexy*.

— Vinte e um — diz Simone em tom confiante. — Se você se sentar à mesa de vinte e um com esse vestido, todos os homens vão se esquecer de contar até vinte e um.

Eu bufei e depois cobri a boca com a mão, enquanto Simone caía na risada. Nem mesmo este vestido fazia um bufar ficar *sexy*.

QUANDO CHEGAMOS ao cassino, as cabeças se viram. Não estou acostumada com isso. Os homens observam meus movimentos; os olhos deles me avaliam, estimam suas chances, reparam em todos os detalhes que meu vestido revela... e ele revela muito. As mulheres também olham. Alguns olhares são críticos; outros, invejosos. Coro ao perceber que alguns olhares femininos são tão avaliadores quanto os dos homens.

Uma parte de mim quer sair correndo pela sala, mas o vestido me obriga a andar lenta e cuidadosamente. Eu tinha ouvido falar de modelos que caíam na passarela no meio de desfiles de Hervé Léger e entendo como isso pode acontecer. Com os sapatos que Simone insistiu que eu tinha de usar e o vestido justo, cada passo se transforma em um desafio.

Um homem passa por mim e me olha de cima a baixo sem nem fazer uma tentativa de ocultar seu desejo. Fico ainda mais corada e me afasto. O jeito como ele olhou para mim... Será que pensa que sou uma prostituta? Eu teria de ser muito bem-sucedida para conseguir comprar esse vestido. Olho por cima do ombro e percebo que ele parou para me olhar enquanto eu me afastava. Parece esperto e arrogante. Não o quero, mas gosto do fato de ele *me* querer, e até mesmo esse pequeno prazer faz com que me sinta um pouco envergonhada e escandalosa.

Paramos em uma mesa de vinte e um com aposta mínima de cem dólares. Isso não é exatamente uma aposta alta, mas é muito mais do que eu arriscaria normalmente.

Quando me sento, a bainha do vestido sobe, e eu me lembro da tanguinha, a única roupa de baixo que estou usando.

O que estou fazendo aqui?

Respiro fundo e me concentro na mesa. Não sou exatamente uma especialista no jogo, mas Simone mostrou ser bem pior do que eu. Ela fez apostas altas e, depois, continuou tentando o vinte e um, mesmo que suas tentativas a levassem a perder mais de uma vez. Finalmente, ela desiste e decide tentar o jogo de dados. Eu fico onde estou. Consigo somar os pontos das cartas, mas nunca dominei a arte de jogar os dados.

— Esta parece uma boa mesa.

Eu me viro quando um homem vestido com jeans escuro e camiseta marrom senta-se ao meu lado. Seus braços esculpados criam um contraste estranho com o cabelo grisalho, mas gosto disso. Ele olha pra mim bem na hora em que eu o estou avaliando e rapidamente desvio o olhar. Ficou óbvio que me esquivei, e

me contraio internamente com minha falta de jeito.

Uma mulher com uma prancheta se aproxima e sorri para o homem a meu lado.

— É bom vê-lo aqui, sr. Dade.

— É bom ver você, Gladys. Vou começar com 5 mil.

A mulher acena com a cabeça e, depois de ele assinar um pedaço de papel, uma pilha de fichas pretas e roxas é colocada na frente dele.

Não é desse modo que as pessoas costumam receber suas fichas.

Fiz uma aposta de duzentos dólares e o carteador deu algumas cartas. Comecei com um cinco e um ás. Não é um começo ruim. O sr. Dade não tem tanta sorte, pois ganhou um dez e um seis.

Bato meu dedo perto das minhas cartas e recebo outra. O sr. Dade faz o mesmo.

Minha carta é um quatro. Sorrio comigo mesma. Estou indo bem.

Ou, pelo menos, achei que estava até o sr. Dade receber um cinco.

Vinte e um.

Ninguém diz nada, mas as fichas são empurradas na direção dele.

Enquanto o carteador põe algumas fichas na minha pilha, reconhecendo que eu tinha ganhado da casa, o sr. Dade se inclina ligeiramente para mim.

— Quer tornar isto interessante?

— Achei que era isso que estávamos fazendo. — Contemplo minhas fichas, não porque precise contá-las, mas porque estou um pouco nervosa demais para olhar diretamente para ele.

— Ainda mais interessante — esclarece ele. — Se eu tiver a melhor mão, saímos da mesa e você toma um drinque comigo.

— E se eu ganhar de você? — pergunto, mudando as palavras a meu favor.

— Aí eu vou tomar um drinque com você.

Eu rio. Com a energia na sala e meu novo look temporário, eu já me sinto um pouco alta. Nem imagino o que uma bebida faria comigo.

— Se eu ganhar, tomamos uma bebida aqui na mesa e continuamos a jogar — digo eu. Do ponto de vista econômico, meu plano era mais arriscado que o dele, mas, de todos os outros ângulos, era com certeza o mais seguro.

— Uma negociadora — diz o sr. Dade. Embora ainda não esteja olhando para ele, posso sentir seu sorriso. A energia dele é sexy, mas também um pouco maliciosa.

Gosto disso.

O carteador deu mais algumas cartas. Recebo um três e um seis enquanto o sr. Dade recebe um rei e um quatro. Qualquer um pode ganhar. Tudo depende do que vier depois; uma boa metáfora para a vida.

Mas eu não digo nada e bato calmamente minhas unhas vermelho-sangue contra a mesa de feltro verde. O sr. Dade também faz um gesto pedindo cartas.

Dessa vez, ele chega até 20. Eu não cheguei nem a 18.

Ele se levanta e me oferece a mão.

— Vamos?

Junto minhas fichas e hesito, enquanto planejo como levantar da mesa sem expor mais do que desejo.

Mais uma vez, sinto o sorriso desse homem. Uma velha canção vem à minha cabeça, *Devil Inside*, e toco-a mentalmente como trilha sonora, enquanto me levanto com cuidado. Ele não me apressa enquanto me acompanha primeiro ao caixa para trocar minhas fichas e, depois, ao elevador. As pessoas ainda estão olhando, mas agora elas olham para nós.

Mas não existe um nós, lembro a mim mesma. Isso é uma fantasia. Um encontro passageiro e sem significado. Vamos beber, flertar e, depois, desaparecer da vida um do outro como a fumaça de uma chama controlada.

— Aqui — diz ele, dirigindo-se para um bar com paredes de vidro.

As pessoas são atraídas pela fantasia de nós dois.

Ele anda a meu lado até o bar e espera enquanto eu luto para me sentar na banquetta. Pego o celular para mandar um SMS para Simone com minha localização, mas o barman aparece antes de eu digitar a primeira palavra.

— Acho que a moça gostaria de uma taça de seu melhor champanhe, Aaron — diz o sr. Dade.

— Não — falo depressa, seguindo algum impulso nocivo. — Uísque.

Não sei por que aumento a aposta. Esse momento é mais áspero, mais forte, pede grãos e não bolhas, então não combina com champanhe.

O sr. Dade sorri de novo e pede dois uísques, de uma marca que eu não conhecia.

— Então — pergunta ele quando o barman se afasta —, vinte e um é o seu jogo?

— Não. — Abaixo a cabeça enquanto envio a mensagem para Simone. — Esta é apenas a segunda vez que jogo. Na verdade, não tenho um jogo.

— Você está jogando um esta noite.

Olho para cima, arqueando as sobrancelhas de forma inquisitiva.

— Você não costuma se vestir desse jeito — continua ele enquanto as bebidas são colocadas na nossa frente. Ele dá algum dinheiro ao barman. Não lhe perguntam se gostaria de abrir uma comanda. O barman parece saber que não é hora de interromper.

— Como sabe como eu costumo me vestir?

— Você não costuma usar saltos como esses. Não sabe andar com eles.

Rio nervosamente.

— Ninguém que não seja do Cirque du Soleil sabe como andar com saltos tão altos.

— E caso se vestisse assim o tempo todo, estaria acostumada com os olhares. E não está. — Ele se inclina para a frente e posso sentir um leve toque de uma colônia amadeirada. — Você está inibida. Não está à vontade com os olhares nem com o fato de estar gostando deles.

Tento desviar o olhar, mas ele pega o meu queixo e o segura para que eu o olhe diretamente.

— Agora você está corando.

Não conheço esse homem, esse homem que está me tocando. Ele é um estranho. Uma folha em branco. Eu devia ir embora. Não devia deixar que a pele áspera do polegar dele acariciasse meu rosto deste modo.

Você devia dormir com um estranho.

Lentamente, coloco a mão sobre a dele e a afasto do meu rosto. Mas não a solto. Eu gosto do toque dele: forte e com várias texturas. Essas mãos construíram coisas e foram expostas aos elementos. Eu as visualizo segurando as rédeas de um cavalo. Eu as vejo dentro do motor de um carro esportivo brilhante que pode se afastar rapidamente dos limites que restringem o resto de nós. Imagino essas mãos me tocando e os dedos dele dentro de mim..

O que estou fazendo aqui?

— Meu nome é Kasie — digo eu. Minha voz sai rouca e confusa.

— Você quer saber meu nome? — pergunta ele. — Meu nome inteiro?

Percebo imediatamente que não quero. Não quero saber quem ele é. Nem quero saber quem eu era ontem ou quem serei amanhã. Só quero saber quem eu sou agora.

— Eu não faço isso — murmuro. Mas, mesmo enquanto falo, sei que estou falando sobre ontem e amanhã. Esta noite é diferente.

Este homem não é como aquele que me despiu com os olhos, completamente arrogante e sórdido. Este homem não está me pressionando com seus planos. Ele está esboçando os meus; lendo meus movimentos, meus sorrisos, o caminho rápido de meus olhos. Posso ver meu próprio desejo no rosto dele. Ele não é mais uma página em branco. Ele é minha fantasia, e a química, a intensidade que existe entre nós, é aquilo pelo que eu teria ansiado se soubesse o que era.

Mas eu sei o que é agora.

Notei o botão no cós do jeans dele. Nele está escrito “Dior Homme” — um jeans de seiscentos dólares —, mas a camiseta podia ter sido comprada em uma loja qualquer. Como seus braços jovens e musculosos e o cabelo grisalho com corte conservador, são essas contradições que me seduzem.

— Eu gostaria de fazer um drinque para você — diz ele.

Não é preciso nem um minuto para entender o que ele quer dizer. Sei que está me convidando para ir ao quarto dele. Olho ao redor do bar. Nunca fiquei com alguém apenas por uma noite. Eu sou estudiosa. Sou a garota com quem todos podem contar por sua coerência sólida e solene.

Menos esta noite. Hoje eu sou a garota que vai dormir com um estranho.

CAPÍTULO 2



COMO UNIVERSITÁRIOS, paramos em uma loja no lobby para comprar nossa própria bebida. Quase ri quando o balconista deu ao sr. Dade um saco de papel pardo contendo a garrafa, como se nós fôssemos nos esgueirar embaixo de alguma arquibancada em vez de subir aos apartamentos de um hotel luxuoso, como se o plano fosse ficar bêbado com *coolers* de vinho barato em vez de beber uísque escocês de duzentos dólares.

Eu nunca tinha sido a garota embaixo das arquibancadas, mas não julgo as que foram. Mesmo que rejeitasse a ideia para mim, eu podia ver que havia certa inocência desajeitada nessa tradição norte-americana. Nada do que estou para fazer com o sr. Dade é inocente.

Nós não falamos enquanto ele me leva para o quarto. É uma suíte. Eu sabia que seria. O hall de entrada é grande o suficiente para fazer uma festa. A cozinha imaculada pode acomodar uma mesa de banquetes. Nós não precisamos de todo esse espaço, mas acho esse excesso sombriamente delicioso.

Ouçõ quando ele fecha a porta, e meus olhos vão direto para as portas francesas à minha direita. Nem preciso perguntar qual é o cômodo atrás delas.

Eu o sinto andando atrás de mim. Posso sentir o calor dele e fico tensa, esperando pelo toque.

Mas o toque não acontece.

Em vez disso, ele aproxima a boca da minha orelha.

— Fique à vontade — diz ele, com a voz mais rouca conforme as palavras seduzem. — Tire alguma coisa.

Eu me viro para ele. Não consigo falar. Penso em Dave. Isto é uma traição. Posso viver com isto? Posso separar esta única noite do resto da minha vida?

— Os sapatos — fala ele, com um sorriso provocante. — Tire os sapatos.

Solto o ar que eu nem sabia que estava prendendo. Mas não estou a salvo; nem dele, nem de mim. Mantendo os olhos nele, relaxo em uma cadeira. Ele se ajoelha na minha frente e seus dedos tocam suavemente meus tornozelos enquanto solta as fivelas pequenas e delicadas de meus sapatos altos. Minhas pernas estão pressionadas firmemente uma contra a outra. Não estou pronta para lhe mostrar meu mundo. Ainda não.

Mas, quando ele tira os sapatos, as mãos dele sobem lentamente pelas minhas panturrilhas, pelos meus joelhos e pelo lado de fora das minhas coxas. Mais uma vez, o ar que eu tinha inalado fica preso no meu peito e, momentaneamente, esqueci como respirar. A saia é muito curta, as mãos dele continuam a subir e, mesmo assim, ele demora a chegar à bacia, até que a toca e a leva ainda mais para cima, antes de parar.

Espero, imaginando que ele vá continuar, mas as mãos dele se afastam.

— Vou servir aquele uísque agora — diz ele.

E então, de novo, aquele sorriso provocante, aquele equilíbrio cuidadoso entre urgência e paciência.

Ele se levanta e eu fecho os olhos, tentando encontrar algum equilíbrio. Ouço a porta do freezer abrir e fechar e, depois, o barulho dos cubos de gelo caindo em um copo vazio. Não me mexo. Não posso me mexer. Eu estava preocupada com algo há alguns minutos; havia algo em que eu precisava pensar. O que era mesmo? Não consigo me concentrar.

Quando abro os olhos, ele está na minha frente, com um único copo na mão que estende para mim.

— Não vai me acompanhar? — pergunto. Estou sussurrando, com medo de quebrar o encanto, com medo de sair dessa realidade obscura. Isto é só um sonho, afinal de contas, e eu vou mantê-lo em segredo. Vai parecer cada vez mais um sonho a cada dia que passar. Mas agora não estou pronta para despertar.

O sorriso do sr. Dade se amplia enquanto ele coloca o copo na minha mão.

— Ah, vou te acompanhar, sim.

Tomo um gole do uísque e, depois, mais outro. É bom. Assim como este quarto, tem tons dourados e quentes e toques de luxo.

Ele pega o copo.

— Minha vez.

Tira um cubo de gelo e o usa para traçar um caminho ao longo do decote do meu vestido. Quando a superfície fria e úmida toca meus seios, sinto os mamilos endurecendo, como se buscassem o sr. Dade, implorando que ele continue. Ele responde sorvendo as gotas de uísque na minha pele; beijos leves e cheios de calor, com as mãos dele subindo pelo meu quadril. Volto a respirar, mas cada inspiração é curta, enquanto luto para permanecer imóvel.

Ele levanta o copo de uísque novamente e o leva até meus lábios, inclinando-o levemente para que o gosto intenso só toque a minha língua. E então os dedos dele escorregam de novo para o copo e, desta vez, o gelo que ele segura sobe pelas minhas coxas. Meu corpo e minha mente não estão mais conectados. Sinto as pernas se abrindo, levemente a princípio, mas, conforme ele levanta cada vez mais o meu vestido, eu o incentivo com acesso maior.

Mais uma vez, ele abaixa a boca até a trilha gelada de uísque em minha pele, e observo enquanto ele a segue, subindo pelas minhas pernas. Com um movimento súbito e decisivo, ele puxa meu vestido até a cintura e coloca as mãos ali, me segurando com firmeza, enquanto sua boca sobe cada vez mais. Aquela tanguinha frágil é a única coisa no caminho dele. Ele retira uma das mãos da minha cintura e acaricia o tecido sedoso.

Pelas pálpebras entreabertas, eu o vejo sorrir novamente. Sei o que ele está pensando. O tecido está molhado. É outro convite sobre o qual eu não tenho controle.

Mas não é o bastante para ele.

— Peça — diz ele, com os dedos enganchados na minha calcinha.

Sinto meu rosto enrubescer mais uma vez. Um pedido em voz alta significa que não vou poder dizer que fui levada a isso, nem que eu estava fora de mim. Estou pronta para expor meu corpo, mas agora o estranho está pedindo que eu o compartilhe de um modo tão completo que me assusta.

— Peça — fala ele de novo.

— Por favor — murmuro.

— Não é o bastante. — A voz dele ainda é suave, mas posso ouvir o toque de autoridade no seu tom. — Peça.

— Tire.

Ele se levanta agora, inclinado sobre mim, um dedo ainda na minha tanguinha.

— O que é que você quer que eu tire?

O leve sorriso em seu rosto não diminui em nada sua intensidade.

— Por favor — falo tão baixinho que tenho de me esforçar para me ouvir. — Por favor, tire minha calcinha.

— Mais alto, por favor.

Hesitante, olho nos olhos dele. Posso ver a fagulha de travessura neles, e isso me faz sorrir. Uma coragem inesperada me toma, e eu me inclino e seguro a camiseta dele, amassando o algodão barato.

— Por favor — digo, puxando-o para mais perto e desequilibrando-o. — Por favor, tire minha calcinha, sr. Dade.

Agora, o sorriso dele é igual ao meu. A calcinha é arrancada do meu corpo e, antes de eu perceber plenamente o que está acontecendo, sinto o leve toque do úísque contra meu clitóris, seguido imediatamente pelo choque do calor de um beijo ali, um beijo em meu centro mais íntimo. A boca dele toca e provoca. Eu gemo e seguro o assento embaixo de mim. Sinto o dedo dele me tocando suavemente enquanto ele continua a lamber e a provar, primeiro gentilmente e, depois, com uma pressão mais firme, uma velocidade maior. A língua dele dança sobre todas as minhas terminações nervosas, e os estímulos são incansáveis. Eu gemo e jogo a cabeça para trás quando o orgasmo chega, rápido e intenso.

Mas não tenho tempo para me recuperar. Ele me coloca de pé. Nem precisa procurar o zíper oculto do vestido; sabe intuitivamente onde está. De repente, eu não visto mais nada.

Ah, os olhares daqueles homens no cassino não foram nada, nem mesmo uma imitação pálida do olhar que o sr. Dade me dá. Os olhos dele não só passeiam por mim, eles me consomem. Fico ali em pé, querendo, palpitando, enquanto ele me circula lentamente, como um lobo planejando seu ataque, como um tigre espreitando uma presa...

Como um amante, pronto para adorar.

Eu não o procuro; os olhos dele me seguram com mais firmeza do que qualquer corda poderia. Quando ele termina de dar a volta, tira a camiseta. O tronco combina com os braços, músculos firmes embaixo de uma pele macia e vulnerável.

Ele me puxa e eu sinto o que provoquei nele. A ereção dele pressiona a minha barriga.

Arquejo ao sentir dedos pressionando dentro de mim. Primeiro um, depois dois. Ele brinca comigo, acariciando e explorando enquanto eu tremo contra o corpo dele. Tento sabotar os jeans dele, mas minhas mãos tremem. Eu vou gozar de novo, bem ali, em pé, meu corpo contra o dele.

Então ele me encosta na parede enquanto continua a me acariciar. Envolvero seu pescoço com meus braços e cravo as unhas, enquanto solto um grito. Explodo e me contraio, os dedos dele dentro de mim. Inspiro e percebo que traços daquela colônia amadeirada passaram para a minha pele. Nada nos separa.

Eu me sinto corajosa e vulnerável, mais uma contradição deliciosa. Finalmente, consigo sabotar os jeans dele. E, quando eu tiro a roupa dele, é a minha vez de examiná-lo.

Ele é bonito, perfeito e impressionante.

Provavelmente não chegaremos ao quarto.

Com as pontas dos dedos, exploro cada centímetro de seu pau, até chegar à ponta.

Pau: essa não é uma palavra que eu costumo usar, mas minha cabeça está girando e os eufemismos não me interessam. Não quero ver o que está acontecendo através de uma lente suavizante. Essa não é a minha fantasia.

— Me come — murmuro.

— Sim — diz ele. Então sou levantada no ar. Minhas pernas envolvem a cintura dele, minhas costas ainda estão pressionadas contra a parede, e, mais uma vez, eu grito enquanto ele entra em mim, mais e mais.

Sinto que estou me abrindo mais ainda para ele. Sinto que estou ficando mais molhada, uma reação primária a essa invasão bem-vinda. Sinto *tudo*.

Ele está me preenchendo com uma energia dura, pulsante e obstinada. Está passando pelas portas atrás das quais eu tinha trancado todos os meus desejos secretos, e esses desejos estão explodindo em mim com a força selvagem que se espera de quem foge de uma prisão. Enquanto ele continua a me segurar, inclino a cabeça e mordisco levemente o ombro dele; chupo seu pescoço. Quero devorá-lo enquanto ele me come.

E agora estamos no chão. Meu quadril não se afasta do dele. Eu ainda o envolvo com as pernas, puxando-o contra mim. Cada centímetro dele mantém seu lugar dentro de mim enquanto ele me abaixa e me deita de costas. O tapete fino embaixo de mim oferece um toque de gentileza enquanto eu arranho a pele dele. As mãos dele estão nos meus seios, beliscando os meus mamilos, antes de ir para as minhas

costas. Estamos nos movendo no nosso próprio ritmo, um ritmo ascendente e radiante como tudo que se ouve em uma sinfonia de Beethoven. Cada impulso me leva a um novo nível de êxtase.

Eu não sabia que podia ser assim.

É um clichê. Uma fala que toda moça ingênua em uma comédia romântica de segunda é forçada a pronunciar. As palavras sempre são ditas delicadamente, como se nossa heroína tivesse atingido um novo nível de inocência.

Isto não parece inocente. Isso é bom pra caralho. Sinto que estou ganhando vida.

Eu não sabia que podia ser assim.

Este é o último pensamento coerente que tenho antes de ele me levar novamente ao ápice. Sinto os ombros dele se tensionando nas minhas mãos e, depois, ele segura meus braços acima da minha cabeça, prendendo-me fisicamente quando meu orgasmo não pode mais ser controlado. A combinação me deixa louca e eu jogo a cabeça de um lado para outro e empurro o quadril para a frente, levando o sr. Dade cada vez mais fundo dentro de mim. Ele geme e mete mais rápido e forte, enquanto nosso ritmo crescente nos leva para um clímax estonteante.

Grito mais uma vez quando chegamos juntos ao orgasmo, bem ali, no chão de uma suíte do Venetian.

Eu não sabia que podia ser assim.

CAPÍTULO 3



NÃO ACREDITO em vida após a morte. Sempre achei que, quando alguém se vai, é para sempre. Talvez também seja assim com os momentos. Tenho a lembrança de ter estado com o sr. Dade, apenas duas noites atrás, mas sem nada de tangível para me conectar a essa lembrança. Esse *momento* simplesmente... deixou de existir.

Ele me abraçou depois e acariciou meu cabelo. A ternura pareceu fora de lugar. Eu não estava preparada para isso. Então simplesmente me vesti e fui embora. Ele não tentou me parar, mas algo na expressão dele enquanto me olhava sair fez meu pulso acelerar. Ele não estava olhando para mim como um estranho olharia. Estava olhando para mim como se me conhecesse... talvez melhor do que devia.

Simone já estava no quarto quando cheguei. Ela me pressionou, querendo saber os detalhes, mas eu contei poucos. Eu contei uma história sobre fletar com um homem misterioso em um bar com paredes de vidro enquanto ele me servia bebidas que custavam um pouco demais e tinham sabor de sedução.

Ela ficou decepcionada.

— Você é um caso perdido — reclamou ela enquanto eu tirava o vestido Hervé Léger e colocava o inócuo robe branco fornecido pelo hotel. Ela guardou o vestido em uma capa de proteção. Enquanto olhava o vestido sendo engolido pelo plástico preto, eu me lembrei de um caixão. Não era apenas o momento que estava perdido para mim; eu também estava enterrando uma versão de mim mesma; enterrando-a em uma capa de proteção que nem era minha.

Porém, ao me sentar em meu escritório em Los Angeles, com paredes amarelo-claras e arquivos bem-organizados, percebi que é assim que as coisas devem ser. Tinha sido um sonho, só isso, e, como todos os sonhos, praticamente não tinha consequências. As lições que eles trazem podem ser estudadas ou esquecidas. Foram apenas algumas horas em que meu subconsciente assumiu o controle e uma pequena parte oculta de mim teve permissão de ditar uma história em cores vívidas. Uma história marcada por paixão e excitação, duas coisas que nunca podem ser mantidas por muito tempo na vida real.

Apenas um sonho.

Peguei o arquivo de um cliente. Meu trabalho é dizer a outras pessoas como fazer o trabalho delas. Invista seu tempo e seu dinheiro nisto, não invista naquilo, e assim por diante. Eu já pensava nas empresas como pessoas muito antes de a Suprema Corte se pronunciar a respeito. Assim como nós, elas são entidades multifacetadas, e, no caso das bem-sucedidas, sabem quais partes de si mesmas devem ser desenvolvidas e quais partes devem ser suprimidas e ocultas das vistas do público. Elas sabem quando diminuir suas perdas.

Para mim, a única parte da pessoalidade das empresas que todos entenderam fundamentalmente errado é a ideia de que o dinheiro é uma forma de discurso de uma empresa. Na verdade, o dinheiro é a própria alma dela.

E isso me transforma em uma conselheira espiritual.

Eu sorri diante dessa ideia enquanto examino o meu arquivo, na expectativa de passar a bandeja de doações.

— Kasie Fitzgerald, encontramos ouro!

Olho para cima e vejo meu chefe, Tom Love, parado na porta da minha sala. Minha secretária,

Barbara, está em pé atrás dele, com um sorriso de desculpas. Tom nunca dá a ninguém a chance de anunciá-lo antes de entrar. O sobrenome dele parece uma piada infeliz, pois nunca o vi dar ou inspirar algo que se pareça com amor.

— Temos uma nova conta! — diz Tom, enquanto entra na sala e fecha a porta atrás dele, aparentemente sem perceber que praticamente bateu a porta na cara de Barbara.

Fecho a pasta que está nas minhas mãos. Não sou a pessoa que Tom procura quando uma nova conta cai no seu colo. Ainda estou me esforçando para ser promovida aqui e minha escalada é ainda mais íngreme pelo fato de eu ter usado contatos da família de Dave para conseguir o emprego. Um diploma de uma universidade da Ivy League devia ter sido o bastante, mas nada é suficiente atualmente. Você tem de se formar como o melhor de sua turma e ter feito estágios sob supervisão direta dos melhores da indústria. Você tem que saber jogar golfe muito bem.

Tenho um emprego que muitos graduados *magna cum laude* da Rhodes fariam tudo para ter. Eu o consegui porque sou inteligente, capaz e estudei em uma universidade da Ivy League... e porque o padrinho de meu namorado é um dos cofundadores da empresa.

Tenho algo a provar.

— Isso significa que serei parte da equipe que vai cuidar dessa conta? — pergunto enquanto observo Tom sentar-se na cadeira à minha frente e olhar calmamente as páginas da agenda sobre a minha mesa. Aprendi a registrar meus compromissos pessoais exclusivamente no meu telefone e a mantê-lo fora do alcance de Tom.

— Não — diz ele, enquanto folheia as semanas e os meses da minha vida profissional. — Você vai liderar a equipe.

Há uma mudança na atmosfera da sala. Os olhos dele ainda estão na agenda, mas posso ver que ele não está lendo. Está esperando a minha reação. Eu queria liderar uma equipe desde que entrei na empresa, mas há tempos aceitei que teria de esperar mais alguns anos antes de receber essa honra. E, no entanto, Tom está na minha sala, me oferecendo esse presente. Por quê?

— É uma conta pequena? — pergunto, tentando achar sentido no absurdo.

— Não. É a Maned Wolf Security Systems.

Agora a atmosfera não apenas está mudando, como está se transformando em um redemoinho de confusão. Maned Wolf Security Systems! Ela fornece segurança para as maiores empresas no mundo, produz os sistemas de segurança de tecnologia mais avançada, proteções de *firewall* e tem até uma divisão de guarda armada que opera em algumas das partes mais instáveis do mundo. Essa empresa tem contratos com governos e políticos que disputam seu apoio.

Não tenho o direito de liderar essa equipe. Nem devia haver uma equipe. A Maned Wolf é tão isolada quanto poderosa. Uma operação de bilhões de dólares que ainda não tem ações negociadas na Bolsa. É a Apple encontra Blackwater que encontra a Fábrica de Chocolates de Willy Wonka. Os segredos são mantidos; os estranhos não são bem-vindos.

Não conquistei o direito de penetrar na concha deles.

Mas eu realmente quero fazer isso.

— Por que eu?

Tom levanta os olhos da minha agenda.

— Ele pediu você.

E agora a atmosfera fica pesada. Sinto a pressão nos meus ombros e no meu peito. Tom olha para mim com uma expressão de curiosidade e suspeita.

— Quem é *ele*? — pergunto.

— O CEO.

Eu devia saber o nome dele, mas não sei. Conheço os contratos deles, o marketing e o poder. As pessoas que trabalham lá nunca me interessaram muito.

E, no entanto, enquanto espero que Tom diga mais, sinto que o foco de meu interesse está para ser irrevogavelmente alterado.

— O nome dele é Robert, Robert Dade. Ele disse que a conheceu em Las Vegas.

As pessoas dizem que não há nada mais maravilhoso do que ver seus sonhos se realizando. Mas alguns sonhos deviam continuar sendo sonhos. Algumas vezes, quando nossa vida onírica invade nosso mundo desperto, isso provoca uma reação química.

E, quando isso acontece, tudo explode.

TIVE APENAS alguns dias para me preparar para a reunião. Formei uma equipe, mas, por solicitação do sr. Dade, a primeira reunião será particular. Só nós dois.

Quando Tom me disse *isso*, mais uma vez vi suspeitas nos olhos dele. Era fácil subestimar os maneirismos de Tom, até mesmo seu estilo de gestão, mas não sua inteligência. Inventei uma história para explicar como eu tinha conhecido o sr. Dade, como eu tinha dito a ele o que fazia profissionalmente e como tinha me vangloriado de êxitos profissionais enquanto esperávamos em uma longa e lenta fila de segurança do aeroporto. Disse que tinha dado meu cartão ao sr. Dade, mas que a minha vez na fila chegou antes de eu saber o nome de sua empresa.

Mesmo enquanto dava minhas explicações e desculpas, eu podia ver as falhas. Mas eu queria que Tom parasse de desconfiar de mim. Queria que ele aceitasse a ideia ridícula de que, sem querer e sem saber, eu tive a conversa mais influente do mundo com um poderoso CEO. Queria que ele parasse com aquele sorriso curioso que tem me dado nestes dias. Queria que ele parasse de me olhar como se tivesse percebido, de repente, que eu podia estar escondendo algo embaixo de meus blazers sérios e calças sociais largas. Queria que ele parasse de me tratar como se eu fosse tão ambiciosa e inescrupulosa quanto ele.

Tom agora vem falar comigo todos os dias.

Mas, neste momento, eu não estou no escritório. É sexta-feira de manhã. Tomo cuidados adicionais com a minha aparência. Penteio os cabelos para trás formando um coque severo. Meu blazer azul-marinho cai em linha reta até meu quadril, sem nenhum toque de feminilidade. Eu o combino com uma saia reta. Não há nenhuma sugestão de convite nas dobras deste tecido. Não há nada aqui para seduzir.

Enquanto olho meu reflexo no espelho do banheiro azul-claro, penso que seria melhor usar maquiagem. Sem ela, eu pareço mais suave, mais jovem, mais vulnerável.

Sempre uso maquiagem.

Passo uma esponja úmida pela minha pele, espalhando a base sobre as pequenas imperfeições — uma pequena espinha na linha dos cabelos, algumas sardas adquiridas enquanto andava de bicicleta nos dias de verão da infância —, e cubro todos os pequenos detalhes que me tornam humana. Escureço minhas faces com pó bronzeador e passo um lápis cinza na tenra carne abaixo dos cílios inferiores.

Esta é a versão de mim mesma que me permito mostrar ao mundo. Esta não é a mulher que o sr. Dade encontrou em Las Vegas.

Enterrei aquela mulher em uma capa de proteção.

COMO CHEGUEI aos escritórios da Maned Wolf Security Systems com quinze minutos de antecedência, posso parar e admirar o edifício onde a empresa funciona. Como possuía seu exterior espelhado e escuro, o prédio deveria ser frio, mas aqui, em Santa Monica, ele refletia o sol e as palmeiras que o rodeiam, então havia calor em sua imponência.

E o sr. Dade estava quente quando eu o toquei. Os beijos no meu pescoço tinham sido gentis mesmo quando ele me prendeu contra a parede. E os dedos, quando ele me tocou, me penetrando, me tocando como se ele fosse um pianista virtuoso tocando as notas doloridas da *Sonata ao Luar* de Beethoven, quentes e poderosos...

Minha bolsa vibra quando meu celular toca e me traz de volta à realidade.

— Alô.

— Kasie Fitzgerald? Meu nome é Sonya, secretária executiva do sr. Dade. Houve uma pequena mudança de planos. O sr. Dade gostaria de encontrá-la no bar La Fête. Ele fica a apenas um quarteirão do nosso escritório.

— Algum motivo específico para essa mudança?

— É claro que o sr. Dade cobrirá os gastos com o que a senhorita pedir e com o estacionamento.

Eu não tinha perguntado isso, mas parecia improvável que essa mulher me desse uma resposta satisfatória.

Olho de novo para o edifício e, depois, para a pasta na minha mão.

— Estarei lá. A *minha* empresa cobrirá qualquer despesa adicional.

— Posso saber a que distância está?

— Estou aqui — digo — em seu prédio. A um quarteirão de distância do La Fête.

Desligo e começo a andar, deixando para trás o edifício com janelas escuras e palmeiras refletidas, me aproximando do sr. Dade.

ELE PARECE IGUAL. Paro na mesa da recepcionista para poder observá-lo discretamente. Ele está sozinho em uma mesinha do bar enquanto lê algo no iPad. Veste uma camisa cinza-clara de algodão e calças pretas. Nenhuma gravata, nem blazer, nada que imponha respeito no mundo que ele controla.

Acontece que o sr. Dade não precisa de roupas para demonstrar sua autoridade. Essa afirmação é feita pela postura dele. Está na intensidade de seus olhos castanhos, na força óbvia de seu corpo, no sorriso confiante que ele dirige a mim.

Ah, claro, ele me viu, e, sob a intensidade de seu olhar, tenho de me esforçar para me lembrar de pequenas coisas: mantenha a cabeça erguida, ande com firmeza, respire, não se esqueça de quem você é.

Ando pelo labirinto de mesas até chegar ao lado dele.

— Sr. Dade. — Mantenho minha voz fria e profissional enquanto estendo a mão.

— Kasie. — Ele se levanta e segura a minha mão, dando um aperto firme por um tempo um pouco longo demais. — Estou feliz de ver você de novo.

Ele está mexendo o polegar de um lado para outro sobre a minha pele. É algo tão simples, algo que eu deveria ignorar com facilidade. Mas, em vez disso, todos os pelos de meu braço se eriçam.

Ele nota e seu sorriso fica um pouco mais aberto.

— Da última vez que a vi, isto caiu de sua bolsa. — Ele segura meu cartão de visita. — Eu o achei no chão da minha suíte.

Afasto a mão e me sento.

— Sempre faço reuniões em escritórios, sr. Dade.

— Ah, mas temo que meu escritório não esteja pronto para você hoje.

— Pronto pra mim?

Ele acena, e, do nada, uma garçonete aparece com dois copos equilibrados em uma bandeja.

— Chá gelado. — Ela coloca o copo alto diante do sr. Dade. — E uísque com gelo.

Sinto meu rosto pegando fogo enquanto ela coloca o copo mais baixo na minha frente.

— Pensei em pedir um copo para mim — explica ele —, mas me lembrei de sua vontade de compartilhar.

Olho para os cubos de gelo no líquido acobreado.

Eu sei o que pode ser feito com cubos de gelo.

— Estou aqui a trabalho, sr. Dade.

Ele sorri e se inclina para a frente, apoiando os cotovelos na mesa um tanto instável.

— Agora você sabe meu nome. Pode usá-lo.

— Acho que é melhor mantermos as coisas em tom profissional. — Há um leve tremor na minha voz.

Contra meu próprio juízo, pego o copo.

— Muito bem. Continue a me chamar de sr. Dade e eu continuarei a chamá-la de Kasie.

Tomo um longo gole de uísque; o gosto é muito familiar, as lembranças são nítidas demais.

— Estou aqui para conversar sobre minhas ideias para a Maned Wolf Security Systems.

— Para ficar mais fácil, vamos chamá-la de Maned Wolf.

Concordo com a cabeça. Foi a primeira coisa sem duplo sentido que ele disse, e eu fico incrivelmente grata por esse pequeno presente. Então digo:

— Se está pensando seriamente em negociar ações da Maned Wolf na Bolsa de Valores, e os documentos que sua equipe me enviou por e-mail sugerem que sim, precisa desenvolver seus negócios em segurança pessoal na internet. Todos sabem que o governo depende de vocês para manter seus arquivos em segurança. O consumidor médio vai gostar de saber que está comprando o mesmo nível de proteção.

— Por que tentar atingir tantos quando posso atingir uns poucos que vão me pagar muito mais?

— Porque o maior crescimento e os lucros mais expressivos cabem aos que valorizam o volume e não a exclusividade. Uma única Starbucks, de grande movimento, sempre será mais lucrativa do que uma cafeteria de luxo, como a Le Cirque.

— Entendo. — Observo enquanto a boca dele forma as palavras com lentidão exagerada. Gosto de sua boca. Alguns diriam que é um pouco grande demais para o rosto, mas é sensual. — Então você não é fã de exclusividade — continua ele. — Você gosta de variar um pouco.

A alusão é clara.

— Sr. Dade, o senhor conhece as leis de assédio sexual da Califórnia?

— Kasie, está me dizendo que está disposta a ir a público com a nossa pequena escapada a fim de me acusar?

Não respondo. Minhas mãos se fecham ao redor da alça de minha pasta.

— Tome a sua bebida. O gelo está derretendo.

— Não me chamou aqui porque queria ouvir as minhas ideias? — Eu quero que a pergunta soe como um desafio, não como uma súplica.

Não tenho muito sucesso nisso.

— Sim — diz ele com voz firme. — Fiz algumas pesquisas. Você é uma estrela em ascensão em sua empresa. Estou pagando pelo seu conhecimento, só isso.

Bebo mais um pouco de uísque e espero que isso me dê alguma coragem.

— O senhor não precisa de mim.

— Não, não preciso. Mas quero você.

Outro gole de uísque queima minha garganta e afia a minha língua.

— Minhas propostas. — Apoio cuidadosamente minha pasta na beirada da mesa e, depois, consigo retirar alguns arquivos sem derrubar nada no chão. — Vamos examiná-las agora? Ou prefere remarcar a reunião?

Observo uma mudança no corpo dele, trocando a postura de provocação para uma de acolhimento. Ele faz um gesto na direção da minha pasta.

— Por favor.

Até mesmo essa expressão simples me faz ter lembranças.

E, mesmo assim, consigo manter minha concentração. Eu lhe conto histórias de crescimento, de prosperidade incomensurável, do tipo que mesmo uma empresa como a Maned Wolf ainda não tinha atingido. Mas poderia. Minha equipe poderia levá-la até lá. *Eu* poderia levá-la até lá. Se tiver a oportunidade, posso encontrar as pequenas falhas que impedem, silenciosamente, um gigante de atingir a conquista máxima. Algumas vezes, essas imperfeições podem ser extraídas, totalmente removidas. Em outras, elas só precisam ser cobertas com um pouco de maquiagem.

O sr. Dade ouve. Ele é um ouvinte ativo. Nem precisa dizer nada. Eu posso ver que ele entende, sentir quando aprova, quando está impressionado e quando não está. Alimento isso, mudando meu tom levemente com as mudanças na expressão dele. Eu sei quando lhe dar mais detalhes sobre um assunto e quando passar rapidamente por outro. Estamos em sincronia.

São negócios. Isso não devia ser sexy.

No entanto...

Por fim, ele estala os longos dedos. Ele é o empresário, o pianista, o demônio.

— É claro que você está falando de modo geral — diz ele. — A fim de ser mais específica e apresentar ideias que sejam implementáveis, você terá de examinar nossa empresa um pouco mais detalhadamente. Falar com os diretores das várias divisões. Você terá de ultrapassar as muralhas do meu mundo.

— Mas vou fazer muito mais do que isso — respondo. — Vou derrubar essas muralhas. É o único modo de vocês conseguirem atingir seu potencial.

Ele ri. Eu me sinto relaxada agora. Estou me divertindo.

Mais do que devia.

Ele coloca o cartão de crédito sobre a mesa; esse é o único sinal necessário para o garçom atento. É tudo que eu preciso também. Começo a me levantar, mas ele me impede com um pequeno gesto de mão.

Mais uma vez, me sinto capturada pelo olhar dele.

O garçom passa o cartão e o devolve. O sr. Dade dá uma gorjeta ridiculamente alta antes de me acompanhar.

— Onde estacionou?

Faço um sinal com a cabeça na direção do meu carro.

Ele começa a andar comigo sem nem perguntar se pode.

— Detesto o seu terno — diz ele.

— Ainda bem que não precisa usá-lo — digo eu. Aqui está o meu carro, estacionado na rua, pronto para me levar para longe e me deixar em segurança.

— Você também não.

Paro diante do carro. As chaves estão na minha bolsa. Eu só preciso pegá-las agora. Por que não consigo me mexer?

Sinto as mãos dele, mesmo que elas não tenham tocado a minha pele. Elas estão na minha gola. Ele está desabotoando o meu blazer, tirando-o dos meus ombros, bem ali no meio de uma rua movimentada. Não posso deixar que as pessoas o vejam fazendo isso. Não posso deixar que ele faça isso.

Algumas vezes, fico chocada com a fraqueza desse *não posso*.

— É o meu terno — murmuro.

— É um hábito.

Olho para ele, fazendo um pedido silencioso de esclarecimento.

— Como o hábito de uma freira — diz ele. — Roupas planejadas para esconder todas as curvas, cada detalhe atraente, uma escolha respeitável para uma mulher que optou por uma vida de castidade. Mas...

Ele faz uma pausa e leva a mão até a minha nuca. Tremo enquanto os dedos dele sobem, descem e sobem de novo e chegam aos meus cabelos.

— Nós dois sabemos que você não é uma freira.

— Estou namorando uma pessoa. Nós vamos nos casar.

— É mesmo? — Os cantos da boca dele se contraem. — Bom, existem hábitos de todos os tipos, não é? Algumas mulheres escondem seu verdadeiro eu embaixo de várias camadas. Algumas vezes, essas camadas são feitas de tecido; outras, de relacionamentos equivocados.

— Você não sabe nada sobre meu relacionamento. Você não me conhece.

— Talvez não. Mas sei como você é quando está completamente despida de todas essas camadas.

Minha saia tem o corte reto até os meus joelhos, minha camisa não revela nada. E, mesmo assim, eu me sinto nua, parada ali na calçada, sendo silenciosamente examinada por esse homem. E olhar para ele me remete à noite íntima que passamos juntos, imprudentemente.

Todos os pedestres estão nos encarando. Eu nem preciso olhar para saber disso. Sinto os olhares, assim como senti em Las Vegas.

Mas existe uma diferença importante: em Las Vegas, a audácia é apropriada. Exibir meu corpo naquele vestido justo diante de uma sala cheia de olhares combina com as expectativas da cidade. Tudo está detalhado nos folhetos de turismo. A economia de Las Vegas se baseia na fantasia. É assim que as coisas são.

Mas aqui, em pé na frente de um edifício comercial em Santa Monica, a quilômetros de distância dos artistas de rua que se enfileiram no Promenade, a atenção do sr. Dade está fora do lugar.

As pessoas estão olhando para nós. Elas podem ver as fagulhas e sentir a tensão. Querem saber o que vai acontecer a seguir.

Eu quero saber o que vai acontecer a seguir.

Mas não posso ceder. Inspiro profundamente, estico os ombros e tento não sentir os olhares delas nem o olhar dele.

— Está me colocando em uma posição difícil, sr. Dade. — Essa é a minha voz, cheia de confiança e compostura convincentes, mas falsas? Essa sou eu, olhando direto nos olhos dele, como se o desafiasse a me pressionar? — Meu chefe acha que eu dormi com você para conseguir esta conta. O senhor comprometeu minha reputação profissional.

Ele inclina a cabeça para um lado, enquanto seus olhos continuam a me fitar de cima a baixo, mesmo trajeto dos dedos dele na minha nuca, um instante atrás.

— Não faço negócios com todas as mulheres com quem durmo. Só com aquelas que têm diplomas de administração de Harvard.

— Ah — digo eu —, então acho que foi muito bom eu não ter ido para Yale.

Eu me afasto dele com gentileza, me viro e entro no carro. O riso caloroso dele me segue enquanto eu escapo.

Só depois de alguns quilômetros é que me dou conta de que ele acabou ficando com o meu blazer.

CAPÍTULO 4



É NOITE DE SEXTA-FEIRA. Eu faço o jantar para Dave no meu apartamento nas noites de sexta. Sempre. Esse é um pequeno ritual que apaga parte da irritante incerteza de nossas vidas.

Agora ele está sentado à mesa da sala de jantar comendo frango com alecrim e aspargos no vapor. Um copo de vinho branco está intocado ao lado do prato dele.

— Fiz um orçamento para o anel — diz ele.

— Um orçamento?

— Eu estava pensando que devíamos gastar por volta de 1.200 dólares — sugere ele. — Mil e duzentos dólares comprem algo de qualidade, mas não da moda. Queremos agir dentro da realidade, não é?

Olho para a porta de vidro que leva ao quintal. Dave sempre sugere que devemos *agir dentro da realidade*, mas ele não parece saber direito o que isso significa ou como usar a expressão de modo adequado.

Será que *eu sei*? Quando o sr. Dade deslizou aquele cubo de gelo pela minha coxa, quando ele me beijou em um lugar que Dave nunca beijaria, quando ele me provocou com toques de sua língua, será que foi real? Pareceu mais real do que qualquer outra coisa. E, ao mesmo tempo, não pareceu nada real.

Olho de novo para a mesa. Ela é feita de uma madeira escura que foi polida até ficar muito brilhante. É sólida, confiável e útil. É real. Exatamente como Dave.

O sr. Dade foi o primeiro homem que me fez gozar enquanto eu estava em pé. Ele foi o primeiro homem que me viu nua enquanto ainda estava inteiramente vestido. Mesmo agora, posso vê-lo, me circundando, avaliando, planejando, querendo... Eu me contorço no meu lugar.

— Você está bem? — É a voz de Dave. A voz da cautela e da razão. A voz que eu devia ouvir. — Você parece... agitada hoje.

A palavra me incomoda.

— Tenho uma nova conta, a maior em que já trabalhei. Acho que isso está me agitando.

— Deus sabe que te entendo. Também estou com muito trabalho ultimamente. Você sabe como é.

Sei mesmo. Dave é advogado tributarista. Como eu, ele gosta de coisas seguras, e sempre se pode contar com os mais privilegiados para sonegar impostos. É aí que o Dave entra. Os ricos dão a ele o dinheiro que se recusam a pagar ao governo, e Dave faz as preocupações deles desaparecerem.

Enquanto eu o observo terminar de comer, percebo que quero ser alguém com quem ele possa contar. E quero que ele faça minhas preocupações desaparecerem como o dinheiro invisível que ele oculta em paraísos fiscais.

Ele come a última garfada e eu fico em pé e ando para trás dele. Minhas mãos vão até seus ombros e começo a massagear e a dissolver a tensão.

— Passe a noite aqui, Dave.

— Humm, eu estava pensando em fazer isso.

Ele leva o copo de vinho até a boca enquanto eu levanto meus dedos e os passo por seu cabelo loiro. Passando para a frente dele, eu me sento em seu colo com as pernas abertas.

— Eu quero você, Dave.

— O que deu em você? — pergunta ele com um sorriso desconfiado. O copo de vinho volta para a mesa.

Eu me inclino e deixo que meus dentes mordisquem o lóbulo da orelha dele.

— É para quem eu vou dar que importa.

Ele não fala nada. Suas mãos vão, hesitantes, até as minhas costas.

Isto pode ser bom. Isto pode ser real.

— Não precisa ser gentil comigo hoje — murmuro. Mais uma vez, minha mão vai para o cabelo dele, mas desta vez eu o seguro em meu punho e puxo a cabeça dele para trás para que me olhe nos olhos. — Quero que tire minhas roupas. Quero que me segure enquanto mete em mim.

— Espere um pouco, você quer... — As palavras dele morrem; eu posso sentir as mãos dele tremendo contra mim.

— Hum, quero muito, força, paixão, bem selvagem. Quero que você me domine. Hoje quero ser malvada. — Minha voz é provocante e doce. — Dave, você vai me *foder* hoje?

Em um instante, ele me empurra do colo dele; tenho de me apoiar na mesa para me equilibrar enquanto ele se afasta de mim.

— O que está havendo? — Ele parece confuso e perdido. — Você não é assim. Você nunca falou assim.

A doçura acabou. O espanto dele está se transformando em raiva.

Ele está olhando para mim com... repugnância. E diz:

— Você nem xinga!

Me retraio, posso sentir a vergonha subindo pela minha coluna e se apossando de meu coração.

— Eu estava... só pensei...

Me encolho com a hostilidade do olhar dele. O poder que eu sentia há um segundo desapareceu.

— Acho que só estou cansada — termino, constrangida.

Ele hesita. Sabe que estar cansada não explica nada, mas posso ver que gostou da simplicidade da desculpa. Ele quer aceitá-la.

— Você está sobrecarregada no trabalho — diz ele cuidadosamente, testando a própria capacidade de desafiar a lógica. — Isso é sempre exaustivo. Sei como é.

— Sim — digo eu, embora minha voz esteja tão baixa que nem sei se ele me ouviu.

— Acho que devemos terminar a noite mais cedo, afinal de contas. — Ele pega o casaco e o veste. As palavras dele ficam mais rápidas enquanto implementa a fuga. — Você precisa dormir. Vou voltar às... que tal às 11 horas, amanhã de manhã? Tenho uma lista de joalherias pelas quais devemos começar.

Aceno que sim. Não consigo falar. Pelo menos, não sem chorar. Dave quer se afastar do demônio que me possuiu brevemente. Ele supõe que tudo desaparecerá depois de eu me enfiar embaixo das cobertas, sozinha na cama.

Ele se aproxima de mim de novo e me dá um beijo leve e cavalheiresco nos lábios. É o beijo do perdão.

A vergonha chega até minha garganta e me sufoca.

Ao abrir a porta para sair, ele se vira com um sorriso compreensivo.

— Queremos ir a várias lojas antes de tomar uma decisão. Vamos pesar nossas opções e tudo mais.

Concordo com a cabeça mais uma vez.

— Então não se esqueça de usar sapatos confortáveis. Não quero que fique cansada.

Ele me manda um beijo antes de a porta se fechar às suas costas.

Com cuidado, pego o copo dele. Por um momento, aprecio o modo como as luzes fazem brilhar o líquido pálido antes de levá-lo aos lábios. O sabor é floral, doce, puro. Angelical.

Deixo essas notas brincando na minha língua antes de atirar o copo do outro lado da sala.

Dou um passo à frente e piso na bagunça que acabei de fazer, apreciando o som do vidro quebrado

sendo esmagado pelos meus sapatos confortáveis.

É TARDE AGORA. Tomei uma ducha, tentando lavar o constrangimento e a raiva com um xampu barato. Fui longe demais. Como as empresas com que trabalho, sou multifacetada, complicada. E, como nas empresas, existem alguns departamentos de minha alma que simplesmente precisam ser fechados.

Mas tenho meus pontos positivos. Sou boa no meu trabalho. Posso reconhecer um potencial não utilizado, ver forças onde os outros não veem nada e encontrar modos de otimizá-las até que tudo que se vê seja poder.

Eu me sento ao computador, com o cabelo molhado solto sobre um curto robe Donna Karan. O tecido absorvente suga a umidade do meu corpo e adiciona uma suavidade que faltava na noite, até agora.

Mando um e-mail para o sr. Dade: “Preciso encontrar o diretor de sua divisão de software de segurança de celulares. Podemos marcar uma reunião para segunda-feira?”

Essa é uma área óbvia para crescimento. Já houve certo alvoroço a respeito de alguns produtos que eles lançaram. Trata-se de uma necessidade, dos medos da sociedade... Sempre há muito lucro no medo. As seguradoras, filmes de suspense de Hollywood, carros com mais airbags do que suportes para copos, tudo isso explora o medo.

Meu Mac dá o sinal sonoro de chegada de mensagem: um convite do sr. Dade para uma videoconferência.

Meus dedos pairam sobre o teclado, depois vão para o cinto do meu robe, apertando-o um pouco mais. Eu posso ignorar o convite. São 23h de uma sexta-feira.

Eu devia ter me vestido antes de mandar esse e-mail.

Eu podia me vestir, colocar um terno, prender o cabelo, mas quem usa um terninho em casa, às 23h de uma sexta-feira? Ele vai saber que fiz um esforço para ele, não para agradá-lo, mas um esforço, de qualquer maneira. Vai saber o efeito que tem sobre mim, e essa não é uma opção aceitável.

Por algum motivo, rejeitar o convite também não parece uma opção. E parte de mim sabe que esse pensamento, esse impulso de clicar em “Aceitar”, não é bom. Mas não quero ouvir essa parte de mim. Não esta noite. Ela tem uma voz muito suave e sua sabedoria não me convence.

Clico em “Aceitar”.

O sr. Dade surge na minha tela como uma aparição que evoquei de alguma lembrança sombria. Ele está arrumado, me observando do conforto de sua casa. Posso ver a cama ao fundo. O edredom é de um laranja claro e luminoso que me lembra chamãs.

— Eu não esperava notícias suas — diz ele. — Sempre trabalha até tão tarde nas noites de sexta-feira?

— Foi só um e-mail — digo eu, tentando manter minha expressão fria e ativa para compensar a intimidade do robe branco. — Eu não esperava uma conferência. O seu convite é que veio numa hora incomum.

— Ah, mas foi um e-mail de trabalho. Suponho que vai me cobrar pelo tempo necessário para escrevê-lo e, provavelmente, pelos minutos que levou para pensar no assunto e talvez até mesmo para ligar seu computador. Você faz seu horário, Kasie. Você escolheu esta como uma hora de trabalho e, neste momento, está trabalhando para mim. E eu espero que, durante as horas em que trabalha para mim, você esteja plenamente disponível... para mim.

As palavras me excitam, mas aperto meus lábios severamente, esperando que isso me ajude a traçar um limite, algo necessário aqui.

— Estou sempre disponível para falar sobre trabalho, sr. Dade.

— Pode me chamar de Robert.

— Se fôssemos amigos, eu o chamaria de Robert.

— E não somos amigos? — Ele se inclina para trás e, pela primeira vez, posso ver as curvas graciosas da cadeira em que ele se senta. Uma antiguidade, talvez do século XVIII. É uma cadeira que tem uma aura

de domínio e realeza, mas principalmente de riqueza.

Entendo de dinheiro. Posso lidar com ele, posso manipulá-lo. Posso lidar com esse homem em sua cadeira ridiculamente cara.

— Não — digo com firmeza. — Não somos amigos.

— Amantes, então? Como chama seus amantes, Kasie? Você se dirige a eles pelo sobrenome? Ou pelo nome? Ou usa palavras de natureza um pouco mais descritiva?

— Não somos amantes.

— Ah, você está errada quanto a isso. Eu senti você embaixo de mim, segurei esses belos seios, estive dentro de você. Sei onde tocar para fazer você perder o controle.

— Foi apenas uma noite. — Tento manter o tom frio na minha voz, mas posso perceber que meu limite está sendo ameaçado. — Uma anomalia. Não sou sua amante agora.

— Ah, mas então por que reage como se fosse?

As palavras me atingem. Elas brincam com meus nervos e tensionam minha força de vontade. Desvio meus olhos da tela. Isto é idiota. Não está nos meus planos. Já limpei os cacos de vidro do piso da sala de jantar. Nada mais precisa ser quebrado.

— Quero encontrar seus diretores, seus engenheiros — digo, ainda mantendo meus olhos afastados do computador. Preciso acalmar minha voz e minha respiração. — Quero falar com eles sobre algumas possibilidades.

— Você se lembra de quando me tocou aqui?

Eu me viro para olhar para a tela e, com um gesto gracioso e quase lânguido, ele puxa a camiseta preta que está usando. Ele é perfeito, belo, poderoso; passa os dedos pelos arranhões na pele que cobre seu coração.

Fui eu que fiz isso? Eu me lembro de ter arrastado as unhas nas costas dele, mas... ah, sim, foi quando ele me puxou da parede e me deitou no chão. Ele tinha beliscado suavemente meus mamilos enquanto eu pressionava o quadril contra o dele, sem controle, só desejo, luxúria e aquela sensação... a sensação dele me tocando, a sensação dele me abrindo, mexendo-se dentro de mim até não existirem mais palavras.

— Você se lembra de onde eu toquei *seu corpo*, Kasie?

Eu estou corando agora, e saber que ele pode me ver só me faz corar ainda mais. Toco a gola do meu robe. Não a abro, só passo os dedos sobre ela, me segurando cuidadosamente aos últimos restos de controle que tenho.

— Abra seu robe, Kasie.

— Não posso fazer isso, sr. Dade. Preciso continuar concentrada. Temos de conversar sobre os negócios... segurança... percepção do público... Existem estratégias que podemos implementar.

A boca dele se curva em um leve sorriso e perco minha frágil linha de pensamento enquanto lembro da sensação desses lábios subindo pelo lado interno de minhas coxas.

— Ah, estou muito concentrado. acredite, estou implementando uma estratégia.

— Não sou o seu projeto, sr. Dade.

— Não, você é minha amante, Kasie. E estou lhe dizendo para me mostrar onde eu te toquei.

Essa é a hora de afastar as mãos do meu robe. Essa é a hora de desligar o computador. Essa é a hora de manter a coerência: vinho branco em vez de uísque, jantares tranquilos em casa em vez de noites selvagens em Las Vegas, nada mais de cacos de vidro.

— Abra seu robe, Kasie.

Puxo as bordas da minha gola, o robe abre-se um pouco mais e ele pode ver o contorno interno de meus seios.

— Um pouco mais, senhorita Fitzgerald. — Ele diz as últimas palavras em tom provocante. Está zombando de mim, me desafiando. É infantil e deveria ser *muito* fácil resistir a ele.

Puxo o robe e o abro um pouco mais. Olho nos olhos dele e, mais uma vez, sinto seu poder, mas desta

vez eu o sinto entrando em mim. Eu posso respirá-lo, ele me preenche, me toca, como uma carícia.

Com mãos firmes, puxo o robe todo para trás. Ele fica frouxamente pendurado nos meus ombros. Eu mantenho os olhos nos dele e toda agitação desaparece, de repente. Coloco os ombros para trás, meus dedos escorregam até meus mamilos que se voltam para ele, duros e prontos.

— Você me tocou aqui.

E agora estamos contra a parede do Venetian e, mais uma vez, eu posso senti-lo, posso me envolver com a energia impetuosa dele.

— Onde mais?

Meus dedos se movem pelo contorno dos meus seios antes de traçar uma linha das costelas até a barriga.

— Você me tocou aqui.

E eu posso senti-lo beijando a base do meu pescoço, aquela pequena área côncava em que a carne é mais suave e mais sensível.

— Onde mais?

Meus dedos continuam descendo. Ele não pode ver onde eles estão, mas sabe; posso ver isso nos olhos dele.

E eu o sinto profundamente dentro de mim. Ardo de vontade de estar naquela cama cor de fogo.

— Você me tocou aqui — falo, ofegante.

Eu sei que o provoco. Uma energia está emanando de nós dois. A respiração dele está um pouco mais rápida; seus olhos transmitem um pouco mais de urgência. As mãos dele se mexem abaixo da tela, e eu sei o que ele está tocando, conheço os detalhes, conheço sua força. Quero senti-lo de novo. Quero prová-lo como ele me provou.

— Você me penetrou aqui — respiro, sentindo e acariciando a umidade entre as minhas pernas. Ele geme enquanto eu jogo a cabeça para trás e o controle me abandona rapidamente. Posso sentir o olhar dele, quase tão gostoso quanto as mãos, e as mãos dele foram *muito* boas. E eu me toco, repetindo suas carícias. Estou imersa no desejo dele e no meu próprio desejo.

— Kasie — murmura ele. Meu nome é a carícia final de que eu precisava. Minha mão livre agarra o apoio de braços da cadeira e meu quadril arqueia para a frente, enquanto sigo esse caminho perigoso com uma única conclusão possível. Eu o ouço gemer de novo. Sei que não estou sozinha. Sei o que estou fazendo com ele e comigo.

Meu corpo treme enquanto o orgasmo chega com força, convulsivo e delicioso. É o último acorde de uma rapsódia erótica que me deixa com um misto de satisfação e de anseio infinito.

Por um momento, não me mexo. Meus olhos estão fechados e o único som é o da minha respiração e o da dele. Do outro lado da cidade, do meu lado, ele está em toda parte.

E a vizinha que tinha tentado falar comigo antes, a voz que vem da parte de mim que eu devia ter ouvido, agora murmura, resignada: você quebrou outro copo.

Sinto um aperto na garganta e, com mãos trêmulas, procuro o teclado e me desconecto.

CAPÍTULO 5



EU ESTOU SENTADA NA sala de estar, esperando. Esperando Dave. Esperando o caos. Algo está queimando dentro de mim. Um desastre anunciado e também um desejo impetuoso. Eu tenho de tirá-lo de mim. Jogá-lo no esgoto junto com todo o resto do lixo tóxico que suja a nossa vida. Não posso acrescentar falsidade a essa borbulhante panela de confusão. Tenho uma coisa para contar para Dave.

Eu me levanto, ando até a janela e fico olhando para um céu cinzento e luminoso. Posso culpar Dave pelos meus erros recentes? Eu gostaria de fazer isso. O nervosismo por causa do casamento me fez perder o controle, foi isso. Meu subconsciente está me dizendo que a união proposta por ele não é tão perfeita como eu tinha imaginado. Ele me rejeitou muito facilmente na noite passada, provavelmente como faria com um morador de rua que estendesse a mão para um trocado. Dave me descartou com um sorriso, uma expressão educada de simpatia e repulsa.

Foi a rejeição que mexeu comigo, a ofensa que provocou minha rebeldia. Então, vou falar com Dave. Vou enfrentar a música. E, se a música for áspera, vou achar um meio de suavizar suas bordas, vou desligar as guitarras elétricas e desmontar o contrabaixo até que não sobre nada, exceto uma canção suave e não ameaçadora com que eu possa me embalar.

Mas, quando a campainha toca, começo a mudar de ideia. Dave está à minha porta com uma dúzia de rosas brancas. Houve rosas brancas no almoço em que nos conhecemos... há seis anos. Há tempo demais... mas agora a lembrança está muito perto, pode ser tocada. Quando ele me acompanhou até o carro, passamos por uma floricultura e Dave insistiu que eu precisava ter rosas brancas e me comprou uma dúzia para levar para casa. Ele pediu meu número de telefone nessa hora e eu decidi lhe dar. A maioria das mulheres dá alguma coisa em troca de um buquê: um número de telefone, um sorriso, até mesmo raiva. Mas, é claro, o preço mais frequente de tal presente é a perda da própria determinação.

Eu dou um passo para o lado, deixo que ele entre e observo enquanto desaparece na minha cozinha e volta com as rosas bem-arrumadas num vaso. Ele encontra o lugar perfeito para as rosas na minha mesa de jantar.

Dave e eu ainda nem dissemos olá, mas as rosas simbolizam algo mais tangível do que palavras.

— Eu reagi exageradamente ontem à noite — diz ele. E fica olhando para as rosas, não para mim, mas não me incomodo com isso. — Não queria me mudar para Los Angeles, você sabia? Só fiz isso por causa do trabalho.

Eu dou de ombros evasivamente. Ele já tinha me dito isso antes, mas não vejo relevância no assunto.

— Esta cidade é muito espalhafatosa — continua ele. — Um lugar em que os homens sorriem para você com dentes brancos e as mulheres enfiam os seios falsos na sua cara. Todos aqui são agressivos, mas as mulheres agem como homens. Como drag queens exibicionistas. Elas não são *damas*. Elas não são você.

— Eu sou uma *dama*?

— Mas você também é forte — Dave continua depressa. Ele está sentado em uma das minhas cadeiras de jantar estofadas. — Forte, ambiciosa, controlada, tranquila, bonita. — Ele pausa enquanto procura uma metáfora. — Você é uma arma escondida. Uma pistola dentro de uma bolsa Hermès.

Gosto da imagem.

— A mulher com a bolsa Hermès sabe que ela só pode pegar essa arma quando precisar manter os lobos a distância. Só em casos de extremo perigo. Porque uma arma na mão é vulgar, comum — diz ele. — Mas, em uma bolsa de grife, ela se transforma.

Quando a metáfora é estendida, ela perde a força. Uma arma que não pode ser usada se torna inútil. Ela perde sua razão de ser.

Mas entendo o que ele quer dizer. Ontem à noite, eu não era a mulher que ele queria que eu fosse, a mulher que sempre fui com ele, a mulher por quem ele se apaixonou. Ontem à noite, a arma tinha saído da bolsa.

— Eu reagi exageradamente ontem à noite — diz ele mais uma vez. — Mas você me assustou. Não porque disse algo muito extremo, mas porque não foi algo que você diria.

Ele se levanta de novo, pega uma rosa do buquê e a estende na minha direção.

— Você se lembra da primeira vez que lhe dei rosas brancas? No dia em que nos conhecemos?

— Eu tinha acabado de terminar a faculdade — digo, balançando a cabeça ao lembrar. — Ellis me levou ao evento dos ex-alunos da Notre Dame porque os eventos de Harvard não tinham apresentado nenhuma oferta de trabalho interessante.

— Eu me lembro de como você se comportou — diz ele —, de sua descrição e sua força. Assim que a vi, eu quis ficar perto de você.

Meus olhos se voltam para as flores enquanto minha mente volta ao passado.

Dave tinha me impressionado naquele dia. Juvenil, doce, talvez um pouco desajeitado em sua camisa com listras vermelhas e gravata azul-marinho usada em uma cidade onde as gravatas são comuns em vendedores de carros e bancários. Mas eu gostei de ele não seguir as regras de estilo de Los Angeles. Ele se destacou. Ele me lembrava de uma época e um lugar em que os homens educados deviam ser cavalheiros e elitismo não era uma palavra ruim.

Ele ficou tímido quando começamos a conversar, mas logo ganhou confiança enquanto a conversa se aprofundava. Ele disse que daria boas referências sobre mim para a empresa global de consultoria onde eu queria trabalhar. Eles tinham decidido não me recrutar quando saí de Harvard, mas o padrinho de Dave era o fundador da empresa. Ele podia me dar a tão rara e muitíssimo desejada segunda chance.

Então Dave começou a falar de si mesmo, de como estava sendo sua vida desde que se mudara para Los Angeles, há dois anos. Ele odiava a poluição, detestava o trânsito, não gostava das pessoas nem da cultura de Hollywood. Mas gostava do escritório de advocacia em que trabalhava e adorava a riqueza que conseguia extrair dos bolsos dos ternos Armani da cidade. Seria irresponsável partir só para poder morar em uma cidade de que ele gostasse mais.

E foi aí que eu soube que Dave e eu éramos parecidos. Ele seguia regras. Ele era responsável e pragmático, não era dado a tentações nem queixas. Dave era estável. E ali em pé ao lado dele estava uma graduada de Harvard com uma enorme dívida do empréstimo estudantil e sem nenhuma oferta de emprego de uma empresa em que tivesse vontade de trabalhar. Bom, estável me pareceu agradável e até mesmo sexy.

Eu também quis ficar perto dele.

Ele empurra a rosa um pouco mais e agora as pétalas tocam a base do meu pescoço. O gesto me traz de volta ao presente.

— Não mude, Kasie — diz ele. — Você é a única coisa nesta cidade que a torna suportável. Quando estou com você, eu me sinto mais perto da cidade em que cresci. Quando estou com você, eu me sinto em casa.

E agora ele dá mais um passo para a frente; a rosa fica onde estava, com as pétalas delicadas contra a minha pele.

— Não mude. Por favor, não mude.

Esse é o homem que eu queria culpar pelo meu comportamento impensado. Esse é o homem que eu traí duas vezes em uma semana. Esse é o homem que me vê como eu quero ser vista. Para ele, eu sou uma *dama*, uma arma mortal em uma bolsa de grife. Dave vê a aspiração daquilo que desejo ser enquanto o sr. Dade vê a mulher da qual eu fujo. Dade vê a versão de mim que eu tentei enterrar na capa de proteção.

Eu devia ter percebido isso antes de aceitar o convite.

Nunca tive de procurar meu papel na vida. Ele sempre foi designado para mim. Pelos meus pais, por meus professores, por este homem com suas rosas muito brancas. Minha irmã escolheu outro caminho. Ninguém da família fala sobre ela. Como os antigos egípcios que apagavam as imagens e os nomes dos deuses que haviam caído em desgraça, minha família simplesmente apagou minha irmã de nossas vidas. Eu levo a vida que esperam que eu tenha e eles me amam por isso. Por que mudar meus padrões agora?

— Vou comprar um anel para você hoje — diz Dave.

E eu aceno com a cabeça e sorrio.

Loja após loja, anel após anel, nenhum parece o certo. Um é pesado demais, o outro é triste demais. Diamante após diamante, todos são lapidados a ponto de conseguir cortar vidro. Cada um deles é parte de uma convenção que data do século XV. Uma história respingada com sangue e ambição. Existem tradições mais inocentes. Na época colonial, os homens davam dedais às mulheres como uma expressão de companheirismo eterno. Eu não saberia o que fazer com um dedal.

Mas também não tenho certeza do que fazer com um diamante.

— Talvez uma outra pedra? — sugiro, olhando o vermelho intenso de um rubi.

A mulher por trás do balcão dá aquele sorriso que todos os vendedores dão quando sentem cheiro de dinheiro.

— Ele não é lapidado. — Ela tira o anel da caixa de vidro e o entrega a mim. — Foi apenas retirado do solo, cortado e polido.

Dave torce o nariz. Ele não gosta do que está ouvindo, mas eu estou encantada. Seguro a pedra contra a luz.

— Todos os rubis têm pequenas imperfeições — continua a vendedora. — Nós as chamamos de sedas. O rubi é uma pedra mais complexa que o diamante. As imperfeições o distinguem.

Sedas. Essa palavra me aquece. Até mesmo as imperfeições soam elegantes.

— Queremos um diamante — diz Dave em tom definitivo. — Ele é mais puro.

Não sei se isso é verdade. Décadas de opressão de sul-africanos versus a brutal ditadura militar de Míamar, rico em rubis. Injustiça e dor em torno dessas belas pedrinhas que supostamente simbolizam o amor. Ainda assim, talvez isso combine bem, se considerarmos a verdadeira natureza do amor.

— Seria tão inapropriado se fizéssemos algo diferente? — pergunto a Dave.

Dave hesita. Posso ver o conflito nos olhos dele. Sei que ele está avaliando sua culpa por causa da grosseria da noite passada contra seus verdadeiros desejos.

Mas a culpa vence.

— Se você realmente quer o rubi, deve ganhá-lo. — Ele beija meu rosto e passa o braço em volta de meus ombros tensos. — Quero que você seja absoluta e verdadeiramente feliz.

Enquanto coloco o rubi no meu dedo, fico pensando se é sábio desejar alguma coisa tão fugaz e irreal quanto a felicidade absoluta.

HORAS MAIS TARDE, minutos depois de Dave ter ido jogar raquetebol com um dos sócios de sua empresa, eu estou em casa, contemplando... bom, tudo.

O anel não está comigo. O preço tinha ultrapassado o orçamento que Dave tinha estabelecido. Então, nós fomos embora; ele disse à vendedora que queria pensar um pouco, e ela nos garantiu que ia falar com o gerente para ver se poderia fazer um preço um pouco mais baixo para nós. Dave me disse que aquele era apenas o primeiro passo em um processo de negociação, que a margem de lucro em pedras preciosas

era tão alta que *não* barganhar era estranho. Mas eu teria o meu anel. Ele o colocaria no meu dedo e ele ficaria ali, para sempre; exatamente como tínhamos planejado.

Mantenho essas palavras na minha mente: *para sempre*. Não sei o que significam.

Pego uma revista *Forbes* na mesa de centro e começo a folheá-la, mas não consigo me concentrar.

Não há uma única razão lógica pela qual eu não deva me casar com Dave. Ele está fazendo tudo que se espera dele. Vai comprar o anel que quero em troca de minha concordância em ser a pessoa que tenho sido por toda a minha vida. Tudo o que ele quer é que eu abandone meus caprichos recentes. Concessões são as vigas mestras que sustentam todos os relacionamentos.

Minha concessão é só desistir de uma parte de mim mesma com a qual não me sinto muito à vontade.

Então, por que isso parece tão impossível?

De repente, estou cansada. Fecho os olhos, inclino a cabeça contra o encosto da minha poltrona de couro creme.

Posso ver o rosto do sr. Dade contra a escuridão de minhas pálpebras fechadas. Posso senti-lo. Sinto um pulsar que está se tornando familiar.

Isso não é bom.

Levanto, vou até a cozinha e coloco água Evian em um copo de cristal. Fantasias são normais. Eu sei disso. Isto é mesmo tão diferente de fantasiar com um ator, um astro de rock, um modelo olhando para mim em um anúncio de jeans Diesel?

Sim. Porque eu nunca toquei o ator, o astro de rock, o modelo.

Nunca tirei meu robe para esses homens. Nunca pedi que eles tirassem a minha calcinha. Não sei qual é a sensação de ser tocada pelos dedos deles.

Quero fechar os olhos, mas não posso porque *ele* está ali. É necessário um esforço consciente para mantê-lo fora da minha mente. Afastar a imagem dele é tão difícil quanto vencer uma queda de braço. Se eu relaxar, se deixar que a força das lembranças me domine, fico perdida.

Tomo um gole de água. Sei que já estou um pouco perdida porque, embora consiga manter a imagem dele afastada com os olhos abertos, não posso afastar a lembrança do seu toque. Mesmo agora, enquanto tento, fico úmida.

Abro os meus jeans e cuidadosamente escorrego a mão ali dentro.

Quando eu me toco, me assusto, surpresa com a minha própria sensibilidade. Eu não devia estar fazendo isto, pensando no homem errado, lembrando. O telefone toca e eu me assusto de novo. Olho depressa ao redor da sala como se pudesse haver alguém ali para me ver. Retiro a mão e lavo-a na água quente da torneira da cozinha. Depois, com os jeans ainda desabotoados e soltos ao redor da minha cintura, saio da cozinha e encontro o celular perto das rosas, na mesa de jantar.

E a tela mostra o nome do sr. Dade. Só uma mensagem de texto, um pedido para que minha equipe esteja no escritório dele na terça-feira, às nove e meia, para conhecer as instalações da empresa. Não há nada ali para me provocar, me preocupar, me deliciar; nada, exceto o nome dele.

Mas isso é o bastante.

Pressiono os dedos sobre a tela *touch screen*: Quero me encontrar mais cedo.

Passa um momento e mais outro antes que ele responda com uma pergunta: Em que horário sua equipe pode estar aqui?

Eles estarão em seu escritório às nove e meia na próxima terça-feira, respondo e pauso antes de acrescentar: Eu chegarei às oito horas.

Mais um momento de silêncio enquanto espero pela resposta dele. O tempo parece estender-se enquanto o frio em meu estômago aumenta.

E, então, surge a resposta dele, resumida em uma só palavra:

Sim.

CAPÍTULO 6



NA TERÇA-FEIRA, entro no edifício de vidro escuro. Meus saltos fazem barulho contra o piso de mármore enquanto eu me aproximo dos elevadores e, a cada passo, meu pulso acelera, só um pouco, mas o bastante, o suficiente para me lembrar de que eu posso estar indo longe demais.

Não hesito nem olho para o quadro para confirmar o número do escritório dele. Sei aonde estou indo; só não sei bem o que vou fazer ao chegar lá.

Há uma sala de espera fora do escritório, mas não há ninguém na mesa da secretária. A porta está aberta para mim e posso ver uma xícara de café e uma caixa de biscoitos finos em uma mesa lateral, ao lado da janela, aparentemente esquecidas. Então eu o vejo à sua mesa, com a cabeça inclinada sobre alguns papéis. Gotas de água em seus cabelos grisalhos brilham sob a luz e indicam que ele tomou uma ducha há pouco tempo.

Paro por um momento e imagino essa cena: Robert Dade em pé, nu no chuveiro, a água caindo sobre seu corpo, os olhos fechados, perdido em seus pensamentos. A sensação de calor em sua pele, quieto e vulnerável. Eu me imagino entrando no chuveiro atrás dele, passando meus dedos pelo seu cabelo enquanto ele se tensiona com a surpresa e relaxa com as minhas carícias. Eu me imagino deslizando as mãos cobertas com sabonete pelas costas, pela bunda dele, ao redor de seu quadril e, depois, tocando seu pau até que fique limpo, duro e perfeito.

Uma inspiração forte é o bastante para afastar a atenção dele dos papéis que estão à sua frente. Ele me olha, vê meu rosto enrubescido e sorri.

Enfio as unhas nas palmas das mãos e tento me concentrar na dor.

Eu tive dias para pensar bem nisso. Não estou aqui para me deixar levar por fantasias. Estou aqui para terminar tudo. Estou aqui para terminar tudo com clareza e ser a mulher que desejo ser. As placas nos parques nacionais nos dizem para seguir a trilha. Se nos desviarmos dela, podemos nos perder; podemos destruir os motivos que nos levaram ao parque, para começar.

Entro no escritório, determinada a permanecer na trilha, mesmo enquanto fecho a porta atrás de mim.

Olhando nos olhos dele, posso ler muitas informações. Ele me deseja. Está curioso. Como eu, ele não sabe o que esperar e quer saber onde está o limite hoje, o limite entre me atrair e me afastar.

— Isto vai acabar — digo.

— *Isto?* — pergunta ele, sem se levantar.

Minha voz está firme e muito mais fria do que meu rosto ruborizado.

— Sem mais transgressões, sem mais erros. Acabou. Dave e eu escolhemos um anel.

— Dave. — Ele diz o nome cuidadosamente enquanto se levanta e dá uma volta incompleta ao redor da mesa, ainda procurando aquele limite. — É esse o nome dele?

Concordo com a cabeça.

— Ele é um homem bom. Gentil, educado, ele me deu rosas brancas. — As palavras saem da minha boca como flechas, mas sem direção. Nenhuma chega perto de acertar o alvo.

— Então, ele não te conhece muito bem.

— Ele me conhece há seis anos, a maior parte de minha vida adulta.

— Isso significa que não há desculpa para a ignorância dele. — Ele dá um passo à frente. — Rosas

brancas são bonitas, mas não têm nada a ver com quem você é. Você é mais uma violeta africana. Você já viu uma violeta africana?

Faço que não com a cabeça.

— É uma flor que, frequentemente, é de um roxo profundo, a cor da realeza. — Ele me estuda, cruzando os braços relaxados sobre seu peito largo. — Suas pétalas são aveludadas, elas realmente parecem querer ser tocadas. E o centro, o núcleo, de onde as abelhas podem extrair o néctar, é de um dourado vibrante. Sua sensualidade não é estilizada como a do antúrio nem um clichê como a da orquídea, que é frágil demais para ser comparada com você, de qualquer modo. A violeta africana é forte, sedutora, e sua beleza pode ser vista, mas para apreciar plenamente sua profundidade é preciso tocá-la. É uma flor muito complexa.

— Não — digo. — Gosto de rosas tradicionais. Não me importa se elas são comuns. Elas são simples, elegantes, meigas. — Endireito minhas costas, mas não encaro Dade. — Isso tem de parar — murmuro. — Chega de erros.

— Não cometemos nenhum erro. Tudo que fizemos foi pensado e intencional.

— Não, eu não pensei bem. Eu fui dominada.

Ele sorri de novo. Gosto do sorriso dele. Gosto do modo como isso o torna mais jovem e atrevido. Gosto do modo como isso aquece meu ventre e outras partes de mim.

— Eu não arrastei você da mesa de vinte e um — disse ele. — Você me acompanhou. Você pediu uísque.

— Era para ser só um drinque.

Ele dá outro passo à frente.

— Você subiu no elevador até o meu quarto.

Mais um passo.

— Você ficou à vontade, aceitou uma dose de um uísque muito caro.

Ainda outro passo.

— E, quando eu tomei esse uísque na sua pele, você agarrou minha camisa.

Outro passo. Ele estende a mão e segura a frente de minha blusa de seda branca. A outra mão vai para o meu quadril, escorrega para minha barriga e continua a descer.

Arquejo quando a mão dele me cobre.

— Você pediu que eu tirasse sua calcinha.

A blusa que estou usando é solta demais. Ela permite que ele tenha muito acesso. Sinto a mão dele pressionando o tecido que separa a pele dele da minha, aplicando a pressão exata. Afundo as unhas mais fundo nas palmas das mãos, mas a dor é fraca e insignificante diante das outras sensações.

— Peça que eu pare e eu vou parar — diz ele calmamente. — Mas não me diga que *isso* vai acabar. Não existe um *isso*. Isso é feito de *você* e *eu*. Sempre temos a opção de nos conter. Sempre temos o poder de dizer não. — Ele diminui a pressão da mão. — Ou sim. — E com essa palavra sua mão começa a se mover, para a frente e para trás. Eu me sinto respondendo, meu quadril se arqueando para se mover junto com o movimento dele.

— Peça que eu pare, Kasie, se é isso que você quer. Você só precisa pedir.

— Sr. Dade — sussurro antes de respirar fundo —, Robert.

— Sim — diz ele. A palavra não parece uma pergunta. É uma declaração. Uma afirmação do que é e do que não é.

Seguro a mão que ainda toca minha blusa, olho nos olhos dele, leio o que está ali.

— Robert Dade — digo calmamente —, pare.

As mãos dele se afastam. Sem deixar de olhar nos meus olhos, ele dá um passo para trás. Minha respiração ainda está irregular. Espero que minha excitação se dissipe. Mas isso não acontece. Ela só muda e se transforma em outra coisa.

Em algo que se parece muito com poder.

Eu sorrio.

Andando em semicírculo ao redor dele, eu paro quando as costas dele estão viradas para mim. Diminuo a distância que tinha acabado de pedir que ele colocasse entre nós.

Eu não devia fazer isso, mas faço.

Deixo meus dedos mexerem no cabelo dele, como na minha fantasia. E, como previ, ele se tensiona e depois relaxa.

— Você ficou com o meu blazer — murmuro na orelha dele.

Encosto em seu casaco esportivo e o tiro, antes de deixá-lo cair deliberadamente no chão. Posso ver sua bela forma e me aperto contra ele, esmagando meus seios na área entre suas escápulas, onde as costas musculosas começam a estreitar-se até a cintura.

— Esta será a última vez — digo. — Esta manhã marcará o final. Esta é a última vez que vou sair da trilha.

Ele se vira e olha para mim. Está tentando encontrar a conexão entre as minhas palavras e o sorriso que brinca nos meus lábios.

— Esta é a última vez — digo de novo, me apoiando na mesa dele. Estou um pouco nervosa e chocada com o que estou dizendo, querendo e fazendo. — Esta é a última vez — digo mais uma vez enquanto me inclino contra a mesa dele, abrindo as pernas. — Então, vamos fazer com que seja boa.

E, em menos de um segundo, ele está em cima de mim. Sua boca está pressionando a minha, enquanto ele puxa o meu cabelo; a mão dele sobe pela minha blusa, e eu o sinto puxar bruscamente minha calcinha antes de seus dedos mergulharem em mim. Dessa vez, eu não resisto. A boca dele tem sabor agridoce. Seus dedos começam a se mexer mais depressa, e eu mordo suavemente seu lábio, enquanto luto para controlar meus gemidos.

Começo a abrir os botões da camisa dele. Estou desesperada para tocá-lo, cada parte dele. Não quero deixar nada para a imaginação ou para as lembranças que passei tantas horas revivendo.

Esta é a última vez, e eu vou fazer com que seja boa.

Agora o peito dele está despido e exposto, meu para ser acariciado e provado. Enquanto os dedos dele continuam a se mexer, minha boca vai para o pescoço dele, sentindo seu pulso com a minha língua. Quando o polegar dele escorrega para o meu clitóris, eu gemo de novo e, desta vez, não sou rápida o bastante para conter o som.

Ele não pode ver meu rosto enquanto minha boca percorre um ombro e depois o outro; ombros que parecem tão fortes quanto os do deus grego Atlas. Não, ele não pode ver meu rosto, mas pode sentir minha reação quando o orgasmo começa. Todo o meu corpo treme com seu impacto.

Estou tirando o cinto dele agora, desabotoando a calça, procurando o que espera por mim. Enquanto a calça dele cai ao chão, meus dedos escorregam para a base e, depois, traçam uma linha subindo por aquela veia até a saliência que marca o início da ponta.

Agora é o gemido abafado dele que preenche a sala. É a respiração *dele* que está fora de controle enquanto ele desabota minha blusa, solta meu sutiã, passa as mãos pelos meus seios, beliscando suavemente meus mamilos enquanto beija o meu cabelo.

Tiro a minha saia sozinha. Quero lhe dar isso e quero dar a mim mesma tudo que ele tem a oferecer. A experiência precisa ser não apenas tátil, mas também visceral. Eu o estou respirando, sentindo o toque dele.

Quero saboreá-lo.

Fico de joelhos e deixo que minha língua dance sobre a ereção dele, amando o jeito como ele endurece ainda mais, ansiando por mim, esperando por mim, implorando por mim.

Quando eu o tomo na boca, ele faz um som que me lembra um rugido.

O efeito que tenho sobre ele aumenta minha vontade, meu senso de urgência, meu desejo. Enquanto

minha boca continua a trabalhar, minhas mãos se movem pela barriga, o quadril e as pernas dele.

Então ele me afasta. Me levanta até a mesa, afasta minhas coxas, olha nos meus olhos por um momento antes de me penetrar com força.

Eu grito enquanto gozo de novo. Estou preenchida por ele, o gosto dele ainda está nos meus lábios, minhas mãos agarram seus ombros enquanto ele se mexe, metendo mais e mais. Os olhos dele voltam aos meus e, desta vez, ele mantém o olhar, do qual não consigo desviar. Meu quadril encontrou o ritmo dele e se eleva voraz para encontrar cada impulso como se o desafiasse a ir mais longe. Ele empurra meus joelhos até meu peito, colocando-se em uma posição melhor.

E, enquanto meu terceiro orgasmo explode, eu o sinto estremecer, sinto o gozo dele, sinto a nossa intensidade.

Enquanto estamos ali, apertados um contra o outro, a sala cheirando a café e sexo, eu o ouço murmurar, talvez para si mesmo, talvez para mim:

— Última vez, uma ova.

QUINZE MINUTOS DEPOIS, volto à sala de espera do sr. Dade, sozinha, completamente vestida, mas ainda alisando os novos amassados da minha blusa. Não vejo a secretária executiva do sr. Dade até me sentar no sofá.

Ela tem cabelo ruivo escuro e grandes olhos verdes que me lembram grandes bolas de gude. E está me observando. Eu prendo uma inspiração audível de surpresa e ela responde com um sorriso inquisitivo.

Há quanto tempo ela está ali? Será que nos ouviu?

Mas o que importa ela ter ouvido? A questão é que ela *sabe*! Aqueles olhos verdes não estão refletindo a imagem que eu criei tão cuidadosamente para as pessoas que me rodeiam. Em vez disso, ela vê uma mulher movida pelos impulsos mais básicos, uma mulher que chegou a um edifício comercial às oito da manhã para transar com seu novo cliente.

Uma mulher que consegue o que quer.

As palavras estão vindo de uma vizinha dentro da minha cabeça. Não é uma voz que eu conheça muito bem. O anjo no meu ombro direito derrotou o demônio há muitas eras. Mas agora o demônio fala. É o anjo que se esforça para encontrar sua voz.

— Gostaria de um copo de água? — pergunta a mulher. Ela inclina a cabeça para o lado, fazendo com que o cabelo ruivo caia sobre um dos ombros.

Aceno que sim, silenciosamente, e o sorriso dela se amplia enquanto sai da sala e volta com um copo limpo e uma garrafa de Smartwater.

— Meu nome é Sonya — diz ela enquanto eu pego o copo e a água. Ela não vai embora depressa. Quando olho para cima, ela está olhando os botões da minha blusa. Eu deixei de abotoar um. Pego rapidamente a água e o copo e coloco-os na mesa lateral antes de me apressar para acertar os botões.

Posso discernir a essência das perguntas que ela está se esforçando tanto para reprimir. As mãos dela, agora vazias, agitam-se como se quisessem me ajudar com os botões.

— É uma bela seda — diz ela, observando calmamente o trabalho rápido dos meus dedos.

Ela me deseja. Esse entendimento surge dentro de mim como um gêiser. Observo as mãos impacientes, os olhos verdes. A secretária do sr. Dade me deseja.

E, incrivelmente, isso faz sentido pra mim. Eu nunca me senti tão desejável, tão atraente, tão potente. Nunca estive com uma mulher. Nem posso imaginar isso plenamente. A pele de uma mulher é macia demais, o toque é delicado demais.

O sr. Dade tinha puxado meu cabelo, me levantado, me penetrado. Não, eu não consigo imaginar uma transa com uma mulher, mas entendo o desejo dela, e ele me excita em todos os lugares que ela deseja tocar. Olho de relance para a porta fechada do escritório do sr. Dade. O desejo dela me faz querer abrir aquela porta e pedir que ele me tome de novo — contra a parede, na mesa dele, no chão. Eu quase rio

quando percebo que um dos únicos lugares em que nunca fizemos amor é uma cama.

Os olhos verdes se desviam. Reconheço o rubor constrangido nas faces de Sonya.

— Não sei se ele mencionou — diz ela, seguindo meu olhar para a porta do sr. Dade —, mas ele tem uma reunião às nove e meia.

— Sim — digo, finalmente ousando murmurar algumas palavras, com todos os meus botões bem fechados. — Comigo e com minha equipe.

— Você é a pessoa das nove e meia? — Ela volta para a mesa e confirma na tela do computador. — Kasie Fitzgerald?

Concordo com a cabeça.

— Ah — diz ela, sentando-se —, você chegou lá mais cedo. — Aparentemente, divertindo-se com seu trocadilho involuntário, ela torce a boca com o esforço de segurar a risada.

A diversão dela não me agrada. A confiança inexplicável que eu sentia momentos antes desapareceu e pressiono as pernas uma contra a outra tão tensamente que os músculos do quadril e das coxas disparam pequenas adagas de dor em protesto. Eu posso ser desejada, mas também me arrisquei a ser humilhada.

Orgulho e vergonha se chocam, provocando uma avalanche de emoções pouco compreensíveis. Quero ir para casa, trancar a porta e tentar entender a batalha que acontece dentro de mim.

Mas eu tinha pedido à minha equipe que me encontrasse na sala de espera do escritório do sr. Dade. Assim, tomo minha Smartwater e tento, sem sucesso, dissolver a confusão.

Eu me recuso a olhar para Sonya enquanto os minutos passam. Finjo não ver quando ela bate na porta da sala do sr. Dade e lhe pergunta se há algo que ele deseje. Fico pensando se ele está tão constrangido quanto eu, mas o tom seguro e profissional que usa com ela não demonstra desconforto. Eu sou a única nervosa.

Ela volta para sua mesa e tenta me enviar um sorriso conspirador, mas, mais uma vez, eu a ignoro. Fico ainda mais tensa ao ouvir vozes conhecidas vindas do hall. As quatro pessoas da minha equipe entram na sala de espera como um grupo de leões em uma excursão de caça, com Dameon, o único homem da equipe, deixando que as mulheres entrem primeiro. Nina, Taci e Asha são as minhas mulheres. Seus movimentos são lentos, quase lânguidos, mas há uma ação furtiva acontecendo. Elas estão observando tudo, tentando identificar os elos mais fracos na empresa. Estão famintas e prontas para aproveitar qualquer coisa que sugira oportunidade. Mas elas não me veem, ou melhor, elas me enxergam, mas não veem os detalhes. Elas não veem o amassado na minha blusa que agora quase desapareceu. Não veem os punhos fechados apoiados no meu colo. Tudo o que elas enxergam é Kasie Fitzgerald, cumprimentando-as uma a uma conforme elas entram. A única coisa que lhes parece incomum é meu cabelo que agora está solto na altura dos ombros. Isso contradiz a severidade de meu terno e é um estilo que meus colegas nunca me veem usar. Todas elas demoram um instante para me elogiar e lançar um olhar curioso. Eu agradeço o elogio e ignoro o olhar.

Quando o sr. Dade sai da sala, eu me levanto e, rigidamente, aceito a mão que ele me oferece.

— Senhorita Fitzgerald, é muito bom vê-la de novo.

O sorriso provocador é desconcertante. Quero saber se mais alguém notou, mas não quero dar nenhum sinal.

— Posso apresentar minha equipe? — pergunto.

Ele faz que sim, e eu digo os nomes de meus colegas, um a um. Ele os cumprimenta com sua confiança casual e com palavras breves de saudação antes de voltar seu sorriso para mim.

— Devo dizer — diz ele para todos na sala — que sua chefe me impressionou. O entusiasmo e a paixão dela me dão esperança de que vocês possam ajudar a levar a Maned Wolf para o próximo nível.

Olho rapidamente para a secretária, que está mordendo o lábio. Mas minha equipe não nota nada de incomum.

Solto um leve suspiro de alívio por essa pequena bênção e repasso a frase do sr. Dade mentalmente.

Dou mais importância à palavra “chefe” do que à insinuação sutil. Esta é a *minha* equipe. Nunca tive uma antes. Finalmente estou no controle!

Mas, quando seguimos o sr. Dade, saindo da sala de espera para visitar a empresa, repasso outras coisas mentalmente: a sensação das mãos dele entre minhas pernas, os beijos que ele deu em meu cabelo.

Enquanto penso nessas coisas, olho para a secretária. Ela me observa, quase com desejo, quase com admiração. *Ela* vê os meus detalhes. Nesse momento, percebo que o controle está cada vez mais fora de alcance.

CAPÍTULO 7



SALA APÓS SALA, escritório após escritório, o sr. Dade leva minha equipe pelos corredores sinuosos de sua vida. E fica claro que esta é mesmo a vida dele. Prova disso é o modo como ele descreve seus produtos, com um carinho infantil que eu não tinha visto ainda. Fica evidente no modo como ele acaricia os planos que lhe são entregues pelos engenheiros a quem nos apresenta. Não são tão íntimas quanto as carícias que ele fez em mim mais cedo, mas mesmo assim são amorosas. Eu ouço isso em seu riso fácil enquanto conversamos com a equipe de marketing durante um almoço de negócios na sala de conferências. Ele sabe o nome de cada empregado e sabe exatamente o papel de cada um deles. Ele recita as tarefas deles para nós com o entusiasmo de um homem recitando as estatísticas de seus jogadores de futebol favoritos. Minha equipe faz muitas anotações e eu também. Mas mesmo enquanto minha caneta desliza sobre o papel, continuo a observá-lo. Tudo nele me fascina. Até mesmo o modo como ele se move enquanto nos leva para a reunião com outros de seus executivos.

— Tenham em mente que este lugar é mais do que apenas uma empresa para Robert e para mim — diz o vice-presidente em tom simpático enquanto aperta a minha mão e, depois, a de Asha, de Taci e a dos outros. O sr. Dade fica um passo atrás dele, dominando a sala sem dizer uma palavra. — Especialmente para Robert — continua o homem. — Esta empresa é a segunda casa dele. Mas é aqui que ele realmente vive. *Este é seu verdadeiro lar.*

A afirmação me pega de guarda baixa. Minha carreira sempre foi uma grande parte de minha identidade. Sou impulsionada pelo sucesso, motivada pelo fracasso, mas será que alguma vez a empresa onde trabalho me deu a sensação de ser um lar?

O sr. Dade ri levemente e sacode a cabeça.

— Você não é muito melhor, Will. Se eu fico aqui 70 horas por semana, você fica 68. É por isso que sua esposa me detesta tanto.

A discussão deles é gentil e agradável. Mais do que isso, é fraternal. Tom Love, Nina, Dameon; considero algum deles como parte da minha família?

Observo enquanto minha equipe dá sorrisos artificiais e acenos de cabeça encorajadores a esse homem, Will, que agora está falando sobre projeções e ambições empresariais. Não conheço essas pessoas. Sim, conheço as estratégias delas, sua ética de trabalho, seu nível de inteligência, mas não sei o que as torna únicas. Não sei há quanto tempo aquela aliança está no dedo de Taci, nem quem a colocou ali. Não sei por que existe só uma marca de sol onde o anel de Dameon costumava estar. Não sei quais fotos estão dentro daquele medalhão da Tiffany que está sempre pendurado no pescoço de Nina.

E eles não me conhecem. Se conhecessem, teriam passado mais tempo imaginando por que meu cabelo está solto.

A única que já me despertou mais interesse e curiosidade é Asha. Ela tem uma energia sombria e sedutora, mais sombria do que os olhos castanhos indianos ou o cabelo preto e grosso. O vestido dela é mais justo do que qualquer coisa que eu usaria no escritório, mas o blazer azul conservador o torna aceitável. Ainda assim, fico imaginando o que acontece quando ela sai do escritório e tira o blazer. Será que ela tem outra vida?

Penso nisso, mas, se eu estiver certa, seria hipocrisia censurá-la.

O sr. Dade está olhando para mim agora. Eu o sinto sem ter de retornar o olhar. Esse homem pode deslizar para dentro da minha cabeça com tanta facilidade quanto desliza para dentro do meu corpo. Ele olha para outro lado, para a mesa do vice-presidente, não muito diferente da mesa sobre a qual eu estava há apenas uma hora, excitada, úmida, por causa dele.

Cruzo os braços sobre o peito, um pouco inibida. Estou em uma sala cheia de estranhos; o que eles pensariam de mim se soubessem? O que pensariam se vissem? Eles me olhariam como Sonya me olhou?

As imagens dançam na minha cabeça, rápidas demais para serem controladas ou reprimidas. Eu me imagino sobre essa mesa, com uma sala cheia de meus colegas.

Eu os imagino me observando enquanto ele me despe; vejo os olhos deles seguindo o caminho de minha blusa de seda enquanto ela flutua até o chão, o primeiro item em uma cascata contínua de tecido até eu estar envolta por nada exceto o ar frio e o calor do toque de Robert Dade. Ouço os murmúrios suaves de nossa plateia enquanto Robert explora meu corpo com o dele, enquanto ele me abre com as mãos, a boca. Sinto-os chegando mais perto enquanto eu me entrego a cada beijo, a cada afago e carícia. E eles observam enquanto Robert geme de desejo e me penetra. Raios de prazer atravessam meu corpo e, depois, o dele; sacudimos com o impacto enquanto a sala suspira e geme. Estou completamente exposta a todos eles. E nesse momento eles me entendem. Completamente. Não só a mulher de negócios ambiciosa que aconselha os CEOs do mundo, não só a moça educada que sabe qual garfo usar quando janta nos restaurantes cinco estrelas da cidade. Agora eles sabem que essa mesma mulher que pode levá-los ao poder e ao sucesso, a mesma mulher que pode conquistar cada desafio profissional, também consegue desencadear um caos delicioso quando é tocada do modo certo pelo homem certo.

Eu me obrigo a sair dessa fantasia, surpresa com a extravagância dela e ainda mais nervosa com a ideia de que a pessoa que está agora em pé do outro lado da sala possa ser o homem certo. Olho para ele e vejo que ainda está olhando para a mesa. Os olhos dele vão de um lado para outro como se também estivesse sonhando acordado. Ele também está vendo coisas naquela mesa que não estão ali.

A fantasia não foi só minha. Sem partilhar nem mesmo um gesto de comunicação, dividimos a mesma visão.

Conheci esse homem há menos de uma semana, mas eu o conheço melhor do que Nina, Asha, Dameon ou Taci. Sei o que ele quer.

Ele me quer.

Ele suspira suavemente. Sou a única que nota o leve elevar e abaixar de seu peito. Ele cruza a sala, calmo e aparentemente sem motivo. Mas sei que não é bem assim. Ele passa na minha frente. Não mais do que 30 centímetros nos separam naquele momento passageiro enquanto ele se dirige para a janela. É um sinal minúsculo, um pequeno gesto para me mostrar que ele quer estar perto de mim. O que me surpreende é que eu vejo em seu rosto mais do que desejo; vejo frustração, determinação, talvez até mesmo uma confusão igual à minha. Will, ainda falando, ainda respondendo às perguntas da minha equipe, olha de relance na direção de Robert enquanto ele olha passivamente pela janela. As linhas que marcam a testa de Will se aprofundam ainda mais. Esse não é o comportamento normal de Robert. Ele está reagindo a algum elemento invisível que Will pode notar, mas não pode sentir.

“Você acabou de pensar nele como Robert em vez de sr. Dade.” Meu demônio se diverte com a intimidade crescente que tenho com esse homem que o liberou. Meu anjo só sacode a cabeça calmamente e pensa em Dave, o homem que compra rosas e rubis para mim.

— Então, seu foco principal é um ótimo posicionamento antes da oferta inicial de ações? — Foi Asha quem perguntou. Ela está olhando para o vice-presidente, mas percebo que está especialmente sintonizada com Robert.

— O momento certo é tudo — diz Robert calmamente. Ele se afasta da janela e sorri para Asha, mas o sorriso tem um toque de melancolia. — Precisamos projetar força, e as vulnerabilidades precisam ser escondidas tão bem a ponto de ninguém ser capaz de revelá-las por anos. Não podemos permitir que os

grandes investidores nos vejam de um modo e os pequenos, de outro. Isso só provocaria teorias de conspiração a respeito de informações privilegiadas e práticas antiéticas. Precisamos ser vistos por todos como um gigante.

— Toda empresa tem pontos fracos — retruca Asha. — Se vocês parecerem bons demais para ser verdade, os investidores não vão acreditar em vocês.

— Eles acreditarão porque querem que estejamos à altura dos mitos que já criaram para nós — explica Robert. — Nossa função é apenas ajudá-los a ver aquilo que desejam ver e ser quem eles querem que sejamos.

Olho para o piso de madeira duro e brilhante embaixo de meus sapatos italianos de salto alto. Sim, conheço Robert Dade melhor do que qualquer outra pessoa nesta sala. Eu o compreendo porque, pelo menos em algum nível, eu entendo a mim mesma.

CAPÍTULO 8



— ELE É UM HOMEM INTERESSANTE — diz Asha enquanto voltamos para os carros.

O resto da equipe tinha deixado os veículos no estacionamento da Maned Wolf, mas eu tinha deixado o meu a alguns quarteirões, na rua. Não queria que ninguém reparasse em como eu tinha chegado cedo. Asha aparentemente tinha estacionado perto de mim, por razões que só posso tentar adivinhar.

— Ele estava muito entusiasmado no começo da visita — continua ela —, mas depois aconteceu algo naquele escritório.

O vento estava aumentando, despenteando meu cabelo e gelando meu pescoço.

— Não reparei — digo. Meu carro está à vista. Procuo as chaves na bolsa.

— Reparou, sim — diz Asha —, mas agora está negando. Fico me perguntando por quê.

Viro a cabeça contra o vento para poder olhar para ela. Eu não esperava essa insolência e fico pensando se haverá ou não um confronto no futuro. Mas ela não diz mais nada até chegarmos ao meu carro e, mesmo então, só se despede alegremente antes de continuar a andar até seu carro.

Asha tinha entrado para a empresa apenas semanas antes de mim. Em todos esses anos, eu admirara silenciosamente o mistério dela. Só agora me dou conta de que ela pode ser perigosa.

Entro no carro, seguro o volante e respiro fundo, esperando que meus pensamentos voltem para o lugar. Olhando meu reflexo no retrovisor, toco as sardas que esqueci de cobrir hoje de manhã. Quando fiquei tão descuidada? Quando deixei as coisas desandarem?

Mas essa é uma pergunta fácil de responder. Tudo começou a desandar no Venetian, em Las Vegas.

Se quero encontrar meu caminho, tenho de refazer meus passos. Encontrar a trilha da qual me afastei e redescobrir a alegria de ser fiel a um homem. Se puder retrazar meus passos mentalmente, posso deixar para trás esse desvio insano.

Vou encontrar Dave para jantar às oito da noite, mas isso me dá três horas de folga.

Pego meu telefone e ligo para Simone.

SÃO QUASE 17h quando chego ao apartamento de Simone. Ela me diz para entrar. O sofá bege tem almofadas com estampa de leopardo; as paredes têm fotografias em preto e branco de mulheres e homens dançando, com a sensualidade do movimento capturada em uma fração de segundo.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta ela. — Chá? Água com gás?

— Que tal um coquetel?

Ela pausa por um momento e olha pela janela para o céu azul enevoado. Ela sabe que eu raramente bebo antes do pôr do sol. Essa é uma regra que aprendi com minha mãe quando era jovem.

— Bebidas combinam com o luar — dizia ela, enquanto servia vinho. — A escuridão oculta nossos pequenos pecados. Mas o sol não perdoa. A luz exige a inocência da sobriedade.

Mas fui inocente quando tomei água na sala de espera do sr. Dade, arrumando os botões da minha blusa? Quantos pecados eu já cometi em plena luz do dia? As regras estão mudando e preciso de um coquetel para lidar com isso.

Simone desaparece na cozinha e volta com dois copos, um para ela, outro para mim. O líquido claro parece casto, mas o gosto é de algo muito melhor. Tomo vários goles e relaxo no sofá dela. Ela se senta no braço, ao meu lado.

— Você sempre me conta os seus segredos — digo. Estou encostada em uma das almofadas de leopardo.

— E você nunca me conta os seus — responde ela, em tom leve.

Não é verdade. Já contei a Simone sobre a minha irmã. Já falei sobre o brilho cegante dela e sua energia que era tão poderosa quanto assustadora. Mas Simone não achou que essas confissões fossem segredos. Para ela, um segredo era algo que ninguém sabia, não algo que todos estavam tentando esquecer.

— Nunca tive segredos antes — digo, usando a definição dela.

— Antes. — Ela pronuncia a palavra com cuidado, saboreando o significado. Enrola um cacho de cabelo dourado no dedo indicador, como um anel.

— Sabe, segredos e mistérios são pesados. Eu gostava de ter pouco com o que lidar.

— Que tipo de peso você está carregando, Kasie?

Não respondo, e ela muda de tática.

— Quando você começou a ter segredos?

— Em Las Vegas — murmuro.

— Eu sabia! — Simone se inclina para a frente e coloca o copo na mesa de centro com um baque triunfante. — Você estava diferente quando voltou para o quarto.

— Eu lhe disse, tomei um drinque com um homem, no bar com paredes de vidro.

Simone dispensa minhas palavras como se fossem moscas incômodas.

— Teve mais. — Ela levanta como se ficar em pé na minha frente me obrigasse a contar a história um pouco mais depressa. — Quando eu a deixei na mesa de vinte e um, você ainda era aquela mulher sem segredos. E agora? — Ela dá de ombros.

— Agora estou diferente. — Me concentro em mim mesma, reunindo coragem para continuar. — Eu o traí.

— Dave?

— Sim, Dave. Ele é o único homem que tenho como trair.

Simone estica a perna esquerda se inclinando para a frente. Ela parece com os dançarinos imóveis na parede.

— Foi mais do que um beijo?

— Sim, mais do que um beijo.

Um sorriso se forma lentamente nos lábios dela.

— Você dormiu com um estranho.

Desvio os olhos.

— Você conseguiu! Você foi jovem por uma única noite!

— Não, fui irresponsável.

Ela arqueia a sobrancelha loira.

— Existe diferença?

Faço um pequeno gesto de concordância com o que ela diz.

— A questão é que ele não é mais um estranho.

Agora, as duas sobrancelhas dela erguem-se.

— Você está tendo um caso?

Eu me contraio; não gosto da palavra. É vulgar e feia.

E combina perfeitamente com minhas ações da última semana.

— Ele me contratou como consultora para a empresa dele. Mesmo quando não estou falando com ele, ele... — Olho para as fotos. — Ele não sai da minha cabeça. Estou fazendo coisas que nunca pensei que faria. Penso em coisas que nunca achei que pensaria. Não sei mais quem eu sou.

— Isso é fácil — diz Simone, sentada a meu lado e segurando minhas mãos entre as dela. — Você é

uma mulher com segredos — ela estuda meus olhos, lábios, cabelo —, e eles lhe caem muito bem.

Eu afasto as mãos.

— É só o meu cabelo, deixei solto.

— Não, são os segredos que a deixam corada, deixam seus olhos brilhantes. Você parece mais humana, de algum modo.

— Eu não parecia humana antes?

— Sempre bonita, mas um pouco escultural demais. Você se lembra das estátuas que vimos na nossa viagem a Florença? Elas eram fantásticas, mas por mais incrível que seja, não posso me imaginar fazendo amor com o *Davi* de Michelangelo. Duro demais, frio demais, perfeito demais.

Eu rio, olhando meu copo.

— Nunca fui perfeita.

— Mas todos pensam isso de você. Você é admirada. Agora, seu lado interior e humano está aparecendo e parece que você está conseguindo algo mais... quente.

— Transei com ele hoje.

— No apartamento dele ou no seu?

— No escritório dele, na mesa dele. — Fico surpresa por essa confissão me fazer sorrir.

— Mentira.

Olho para ela e, por um breve momento, me deleito com sua inveja e me permito sentir o prazer que vem com minha recém-descoberta audácia.

— Você fez amor na mesa dele — repete ela. — Parece uma fantasia.

Sacudo a cabeça.

— O problema é esse, eu fiz e *depois* fantasiei.

— Mas é melhor do que uma fantasia — corrige Simone. — Agora é uma lembrança e é toda sua.

— Não. — Sacudo a cabeça. — Na minha fantasia, acrescentei coisas. — Engulo o resto do líquido ardente e conto a ela o que imaginei, a imagem dele me penetrando enquanto minha equipe observava. É difícil pronunciar as palavras, mas preciso contar a alguém cuja mente seja aberta o bastante para explicar a minha mudança. — Eu me imaginei fazendo sexo na frente das pessoas com quem trabalho! — exclamo finalmente. — É um pouco extremo, não acha?

Simone me olha fixamente por um momento e se inclina para o lado oposto do sofá. Ela estica as longas pernas na minha direção e agora está na posição de uma romana que poderia comer uvas servidas por belos escravos.

— Lembra de quando eu estava saindo com Jax?

Faço que sim. Jax surge na minha cabeça com seu cabelo escuro e ondulado e olhos castanhos impertinentes.

— Enquanto eu estava com ele, desenvolvi esta fantasia.

— “Desenvolvi esta fantasia” — repito. A frase soa muito intencional, como se ela passasse as noites estruturando seus devaneios.

— Eu ainda a uso de vez em quando. Estou deitada no deque, em uma das espreguiçadeiras, de bruços, usando só a parte de baixo do biquíni. Não ouço a batida na porta nem os passos dos amigos dele. — A voz dela está mais lenta, mais baixa, com outra entonação. — Ele os leva até o deque. Eu tento levantar com um pouco de discrição, cobrindo os seios com as mãos enquanto vou ao encontro deles, para cumprimentá-los. Levo-os até a sala de estar e todos se sentam. Jax pede que eu pegue uma cerveja para cada um deles na pequena área do bar. Eu me inclino e tiro a cerveja do frigobar, tentando abri-la sem revelar demais, mas de vez em quando eles veem um relance. Estou colocando a cerveja gelada em um copo para cada um deles e então eu os sirvo, quase despida.

— E depois?

— Jax pede que eu me sente perto dele. Ele não quer que eu me vista. Quer que eu fique com ele ali. E

eu concordo. Ele já ligou a televisão; os Lakers estão jogando e, como sempre, ele está assistindo.

Posso ver pelo olhar vidrado dela que ela não está mais ali comigo. Ela está ao lado de Jax, quase despida.

— As mãos dele vão para a minha perna e eu tremo enquanto ele a movimenta para cima e para baixo, na frente de todos aqueles homens. — Ela treme e, de repente, eu fico inibida. Não devia estar vendo isso. Não fui convidada para essa sala cheia de homens.

— Jax diz aos amigos que sou a mulher mais orgástica com quem ele já esteve. Ele lhes diz que pode me fazer chegar lá com um toque.

Fecho os olhos e viro a cabeça. Não estou mais vendo Simone. Não estou vendo Jax. Estou vendo Robert Dade, com as mãos deslizando cada vez mais para cima na minha coxa.

— Ele entrega seu celular a um deles e pede que nos filme. Ele até mesmo convida os amigos a filmarem com seus próprios celulares, se quiserem, para que me vejam chegar ao clímax sempre que tiverem vontade. Eu vou estar no bolso deles, exposta para o prazer deles.

Prendo a respiração. Essa não é a minha fantasia, mas eu a entendo. Sinto as câmeras voltadas para mim, sinto os olhares.

— O biquíni só está preso por lacinhas de cada lado do quadril. Ele solta os laços, deixa que eles me vejam e, então, enquanto eles olham, enquanto eles me filmam, Jax me toca, mexendo o dedo devagar e, depois, cada vez mais depressa. Não consigo mais me controlar. Estou me contorcendo no meu lugar enquanto eles olham. Deixo que os dedos de uma das mãos dele explorem bem dentro de mim enquanto a outra afasta meu braço dos meus seios. E os homens continuam olhando, continuam filmando cada vez mais de perto enquanto eu gozo.

Os dedos dela arranham o tecido do sofá. Eu nem preciso olhar para saber que ela está completamente perdida nesse devaneio. Mas eu também estou.

— Um dos homens chega mais perto, ele vê tudo, todos eles veem, e eu sei que não devia gostar, mas gosto. Sei que o que Jax está fazendo é errado, me exibindo desse jeito, me tocando desse modo na frente de todos eles, mas saber isso só deixa tudo mais intenso. E, na frente dos olhos deles, na frente das câmeras deles, eu gozo. Eles me olham e Jax me leva ao orgasmo. Eu chego lá em uma sala cheia de homens.

Ela e eu abrimos os olhos ao mesmo tempo.

— Isso é uma fantasia — diz ela suavemente. — Eu nunca faria isso. Não na frente dos amigos de Jax, com certeza não com todas aquelas câmeras voltadas para mim, mas por isso que fantasiar é tão bom. Não existem regras, nem limites, nem consequências, nem julgamentos. Só um prazer sem culpas.

Fico pensando nisso por um momento, me deliciando com a ideia de que algo tão escandaloso possa ser irrepreensível quando contido dentro da mente. Mas eu não estou tão contida.

— Eu transei com Robert Dade, mais de uma vez. — Relutante, saio do clima etéreo em que Simone nos envolveu e reconheço essa realidade. — Existem consequências.

— Sim — concorda Simone. — Mas às vezes as consequências são boas, mesmo quando de cara não parecem ser.

— Estou noiva de outro homem.

O olhar dela cai sobre a minha mão.

— Cadê o anel?

— Encontramos um, mas Dave quer ver se consegue que o joalheiro abaixe o preço.

O sorriso de Simone se apaga, o clima do prazer recente desaparece.

— Quantos milhões Dave tem no fundo patrimonial? Quatro? E ele ganha, digamos, 120 mil por ano na empresa?

— Acho que metade do primeiro, quase duas vezes o último — digo eu, mas acrescento depressa: — Ele é conservador com dinheiro. Gosto disso nele. Ele nunca se arrisca.

Simone fica mais ereta, movendo-se lentamente como uma mulher que vai abordar de um assunto potencialmente explosivo.

— Ele alguma vez disse as palavras: “Quer casar comigo?”

— Não é isso que importa.

— Talvez não, mas ele já disse?

Não quero responder a essa pergunta. A resposta mostraria Dave como alguém frio, tão frio como as estátuas com que Simone me comparou. Mas eu vim em busca de um conselho sincero e, assim, me obrigo a dar uma resposta honesta.

— Ele disse — começo a falar, minha voz falha e, depois, deixo que o resto das palavras saiam depressa. — Ele disse: “Acho que devemos comprar um anel.”

Mais uma vez, ela faz um movimento com a cabeça, sem crítica no olhar, apenas pensativa.

— Ele falou sobre marcar o casamento?

— Não chegamos tão longe.

— Ele contou aos pais dele? Pediu permissão a seu pai?

— Nossos pais ainda não sabem, mas eles supõem que nós nos casaremos algum dia.

— Você não está noiva.

— Simone!

— Não mesmo, por nenhuma definição dessa palavra — diz ela, com mais firmeza dessa vez. — Talvez fique noiva, mas não está noiva agora. Alguma coisa está levando você para esse caso extraconjugal. Talvez seja a atração por esse tal de Dade *ou talvez* seja o medo de se acomodar com o homem errado.

— Dave e eu estamos juntos há seis anos. Como poderíamos ficar juntos tanto tempo se fôssemos tão errados um para o outro?

— Talvez ele fosse o certo há seis anos, mas será que ele é o certo para os próximos sessenta? Seu subconsciente está lhe dizendo algo e seu corpo quer explorar outras opções. Você ainda não está noiva, Kasie. Descubra o que está acontecendo com seu homem de fantasia. Dê tempo a si mesma para explorar. Se não fizer isso, se simplesmente se casar com Dave sem experimentar as alternativas, vocês podem acabar se divorciando. Ainda pior, você pode acabar presa a um casamento por obrigação com um homem do qual seu subconsciente tentou te afastar.

— Você está tentando me dar desculpas para o indesculpável.

— Se você se casar com Dave, se sorrir para ele e lhe disser que ele é o único homem que deseja, se olhar nos olhos dele e lhe disser que tem certeza, se lhe disser essas mentiras enquanto estiver no altar, *isso* seria desculpável? Se você gosta dele, não acha que ele merece uma esposa que tenha certeza de que casar com ele é a decisão certa?

— Mas estou mentindo para ele agora.

— Você está confirmando — diz Simone enquanto beberica seu coquetel. — Vocês estão namorando há seis anos, não estão casados, *não estão* noivos e não estão morando juntos. Se existe uma hora para explorar, só para ter certeza, este é o momento. É a sua última chance.

Sei que o que ela está falando é errado. Isso vai contra toda a minha ética. Mas a lógica dela é tão atraente, tão pecaminosamente libertadora... Esse é o problema com o pecado; depois de tê-lo aceitado, não precisa mais se preocupar com o que é certo. Você pode fazer aquilo que bem quiser.

É uma ladeira escorregadia da qual eu acho que quero sair.

Acho.

— E se eu decidir que não quero fazer isso? — pergunto, erguendo meus olhos de novo para os dançarinos imóveis. — Se eu decidir que quero me afastar de Robert Dade, Simone, como posso fazer *isso*?

Ela expira e engole o resto do drinque. Todos os traços da nobre romana desaparecem e ela se

transforma na essência da amiga moderna de que preciso.

— Não vejo Jax há três anos — diz ela —, mas ainda tenho as magníficas fantasias distorcidas que ele inspirou. Eu as guardo embaixo do travesseiro, no bolso, enfiadas no sutiã. Elas estão sempre a meu alcance. Você pode ficar com esse Robert Dade ou pode se afastar dele. Mas as lembranças e as fantasias são suas para sempre. Há alguns presentes que não podem ser jogados fora, mesmo quando queremos.



A ATMOSFERA NO Scarpetta é leve. Pé-direito alto, cores neutras. Mesmo depois de o céu escurecer, a sala de jantar parece estar cheia de suave luz solar. É o que eu preciso para este momento, sentada diante de Dave. Ele está falando comigo sobre trabalho, sobre família, sobre rubis. Eu sabia que não se pode mais depositar dinheiro diretamente em contas nos bancos suíços para evitar os impostos norte-americanos? Eu sabia que a mãe dele acabou de ganhar uma nova égua cuja pelagem é da mesma cor de um céu nublado? Eu sabia que os rubis são, na verdade, mais caros do que os diamantes?

A conversa é de tom leve como a sala. Entre os lembretes provocadores do custo do presente, ele partilha comigo partes de seu mundo, sem suspeitar que eu esteja ocultando partes do meu. Todas as palavras são ditas com a intimidade casual que vem com a confiança. E, por algum tempo, me esqueço de que não mereço confiança nenhuma.

Mas conforme as entradas são substituídas pelos pratos principais, e os pratos principais por cappuccino e sobremesa, descubro que representar é um hobby exaustivo. Como as celebridades fazem isso? Como elas sorriem para os atores com quem contracenam e dizem suas falas com toda a emoção planejada sem dar nenhuma pista de quem realmente são, da pessoa por trás do personagem, por trás da fama, por trás da imagem? Como elas têm energia para manter *essa* pessoa controladamente escondida? Mexo uma linha branca de açúcar na espuma do cappuccino. Nós caímos em um dos nossos silêncios. Eu costumava amar esses momentos, os momentos em que você pode ficar sentada em silêncio ao lado da pessoa com quem escolheu ficar, sem trocar nenhuma palavra. Esse é um testemunho palpável de nosso conforto um com o outro. Mas eu não consigo mais me sentar em silêncio. O silêncio é o caminho para meus pensamentos mais sombrios e eles não têm lugar nesta sala repleta de luz.

— Dave — murmuro o nome dele, com medo do que posso revelar. — Você não trabalha apenas com homens na empresa.

— É claro que não — confirma ele.

— Algumas das outras advogadas ou clientes são bonitas?

A pergunta o pega desprevenido. Ele mergulha uma colherinha em nossa *panna cotta*, fazendo uma marquinha na superfície lisa.

— Não presto atenção nessas coisas.

É uma resposta estranha. Você não tem de prestar atenção para ver a beleza, do mesmo jeito que não precisa pensar no ar para respirar.

— Você nunca se sentiu tentado? — pressiono.

— Não. — A palavra sai tão rápida e tão dura que quase machuca.

A verdade nunca vem tão depressa para ninguém. As pessoas geralmente pensam na verdade antes de falar. Pensamos no melhor modo de falar e ela sai lentamente na esperança de iniciar uma boa história. A mentira sai mais fácil.

Não. É uma mentira que ele não precisava contar. Todos ficamos tentados de vez em quando, não é? Você só tem motivo para mentir se tiver cedido à tentação. Eu sei bem. Sinto uma estranha ferroadinha interna, um ciúme que não tem direito de aparecer.

— Nem uma única vez? — digo, testando os limites da conversa, tentando encontrar o meu caminho.

— Talvez, só por um momento, você tenha notado o jeito como o cabelo de uma mulher caía sobre os ombros dela, visto como uma colega passa a língua no lábio superior, talvez uma vez você tenha pensado em como seria tocar o cabelo dela, ou provar...

— Eu disse que não. — A mentira é mais firme desta vez. Sinto que ele ergue de vez suas muralhas; sinto a resistência dele quando tento pressionar.

— Eu te perdoaria — digo. Meu ciúme aumenta, mas eu gosto da sensação, gosto do que isso mostra sobre meus sentimentos por Dave. — Quero que você, que *nós dois* sejamos humanos — continuo. — Não quero que nunca mais pensemos um no outro como estátuas.

Ele levanta os olhos da sobremesa, fazendo contato visual pela primeira vez desde que abordei esse assunto arriscado.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Estou falando de sedas — digo. Coloco a mão sobre a mesa e a aproximo dele, mas ele não faz nenhum movimento para segurá-la. — Estou falando sobre os pequenos defeitos em um rubi que o tornam único. Sei que você não é perfeito. Você sabe que eu não sou perfeita. Eu só esperava que pudéssemos parar de fingir que somos.

— Sei que você não é perfeita.

Era para ser um tapa na cara; ele reconheceu a minha imperfeição sem reconhecer a própria. Mas eu não sinto a agulhada das palavras. Elas me tocam de outro modo. Noto o elogio involuntário. E percebo a fuga.

— Eu te perdoaria — digo de novo. — Mesmo que fosse mais do que uma tentação. Mesmo que fosse um erro.

— Não cometo esse tipo de erro. — E ele se suaviza. Finalmente, pega a minha mão e a aperta rapidamente antes de soltá-la. — Talvez, algumas vezes, eu tenha me sentido *um pouco* tentado. Mas nunca fiz nada a respeito. Sou melhor do que isso, Kasie. Você sabe disso, não é?

Eu coro. Dessa vez, não houve intenção de insultar, mas eu senti a superioridade dele. Ele é melhor do que isso, o que significa que ele é melhor do que eu.

— Vou comprar um anel para você — continua ele quando demoro demais para responder. — Estou ligando minha vida à sua. Não existiu nenhuma tentação que valha a pena lembrar, eu juro.

Passo o dedo ao redor da borda da minha xícara de cappuccino. É de um branco puro, como a toalha da mesa, como as rosas que Dave comprou para mim.

— Tem uma coisa que preciso lhe contar — começo. E sei o que vou fazer. Vou dizer tudo, trazer meus pecados para esta sala bem-iluminada onde nós dois podemos vê-los claramente.

— Estamos unindo nossas vidas — repete ele, mas agora há uma súplica na frase. — Não temos de dar atenção aos momentos imperfeitos. Bom, talvez nosso passado seja um rubi. — Olho nos olhos castanhos dele. Vejo o pedido mudo. — Mas já é passado. Não temos de falar sobre isso. O que eles são? Sedas? Nosso futuro não terá isso. Nosso futuro pode ter a clareza de um diamante perfeito.

O futuro nunca tem nenhuma clareza. No máximo é como essa égua que a mãe dele comprou por uma fortuna e tem cor de céu nublado. Mas, como sempre, Dave não está falando sobre como as coisas são. Ele está falando sobre como deseja vê-las.

E não é isso que todos fazemos? Escolhemos nossa religião, política, filosofia e vemos o mundo de um modo que se encaixe nos limites que escolhemos. E se alguns fatos óbvios não se encaixam bem em nossos sistemas de crenças, simplesmente os ignoramos ou os vemos de outro modo. Nós os forçamos a se encaixar, mesmo que isso signifique espremê-los em formas completamente artificiais.

Dave é um homem com segredos. Não sei se eles o assombram ou não, mas sei que ele não quer olhá-los, o que significa que talvez, só talvez, eu não tenha de olhar para os meus.

Sorrio e pego uma colherada de *panna cotta*. Sinto a maciez dela na língua e seu gosto puro.

Estou começando a entender por que tantas pessoas gostam da simplicidade dos diamantes.



É DE MANHÃ. A VISITA ao escritório de Robert, as fantasias com Simone, o estranho jantar com Dave, tudo está no meu espelho retrovisor. Só uma grande e louca confusão que estou pronta para deixar para trás. Hoje é um novo dia, e me sinto mais firme. Ontem, eu não estava preparada para tudo que aconteceu, não estava pronta para minhas respostas. Hoje, estou pronta para tudo e agora sei a plena extensão do que isso significa. Estou um pouco empolgada, também.

Reviso mentalmente a minha agenda. Asha está trabalhando em um relatório que analisa os recentes investimentos estrangeiros da Maned Wolf. Nina e Dameon cuidam da área nacional, enquanto Taci se concentra na eficiência das campanhas recentes de marketing e relações públicas. As pessoas estão maravilhadas com a Maned Wolf, mas não está claro se elas confiam na empresa. Devo olhar o quadro mais amplo, tentando juntar as peças para dar a Robert Dade uma lista de sugestões do que deve ser feito antes de lançar ações da empresa na Bolsa, e um cronograma segundo o qual a empresa deve agir. É claro que são apenas sugestões. O valor que elas têm será medido pela confiança de Robert em mim.

Robert Dade não está impressionado comigo, mas acho que ele confia em mim.

Só pensar nele já é delicioso. Duas semanas atrás, eu não sabia qual era a sensação de ser pressionada contra uma parede, de ser colocada em cima de uma mesa, de fazer amor no chão do Venetian. Dois dias atrás, eu não tinha uma imagem mental de mim mesma, no escritório dele, de joelhos. Duas semanas atrás, toda uma vida, eu não sabia que era possível se sentir completamente vulnerável e totalmente poderosa ao mesmo tempo.

A culpa aparece, amortecendo um pouco o prazer da minha lembrança. O anjo e o demônio estão brigando de novo. O demônio emoldurou minhas lembranças e as exhibe para mim, sabendo que eu quero desfrutá-las e tocá-las, e tocar o homem que me fez sentir essas coisas.

Mas o anjo está gritando. Ele quer que as imagens sejam queimadas.

Mas não é o demônio que devia pedir a queima das lembranças? Os papéis estão se invertendo. O que uma mulher deve fazer quando seu anjo começa a usar os instrumentos do demônio?

O que uma pecadora deve fazer quando tudo que seu demônio lhe pede é para encarar suas ações e como se sente em relação a elas?

Porque a verdade é que não me arrependo de nada. Eu só *queria* me arrepender. Não posso confessar meus pecados, se não quero voltar atrás no que fiz. A absolvição está completamente fora de alcance.

Ontem à noite, Dave mentiu sobre nunca ter sido tentado. Será que ele mentiu sobre outras coisas? Será que as mentiras dele me deixam livre para explorar minhas possibilidades?

Tiro esse pensamento da minha cabeça.

— Só vou fazer o meu trabalho — digo em voz alta. Com certeza, isso não é errado.

Vou até o quarto e abro meu closet. Um mar de saias e calças escuras e blusas claras olha para mim. Acho monótono na hora. Por que nunca compro nada mais alegre? Quem disse que tenho de me vestir como uma bibliotecária de Ensino Fundamental?

Impaciente, olho roupa após roupa até que encontro o terno que Simone me deu no meu aniversário do ano passado. Ela me arrastou para sua loja preferida e me enfiou em um provador antes de me dar uma calça cinza e um blazer combinando. A cor me era familiar, mas o corte era diferente. A calça era um

pouco mais justa do que eu estava acostumada. As curvas das minhas pernas, do quadril, tudo estava marcado. E o blazer era acinturado, enfatizando minha silhueta. A blusa era demais, justa, preta, transparente; quando saí do provador para me olhar no espelho tridimensional, percebi *o quanto* era transparente. O blazer evitava que eu ficasse indecente. Mas, mesmo assim, me senti *um pouco* exposta enquanto olhava para o meu reflexo. Lembro de ter pensado que parecia dominante, sexy, até mesmo um pouco perigosa. Um homem saiu do estoque, não tinha mais de 20 anos. Eu pude sentir o esforço dele para tirar os olhos de mim. Ele queria olhar mais. Ele queria me examinar um pouco mais.

E, só por um momento, fiquei tentada a tirar o blazer. Será que ele teria conseguido afastar os olhos se eu fizesse isso? Como eu me sentiria se um estranho me olhasse assim?

Bom, agora eu sei a resposta dessa pergunta, não é?

Nunca usei o terno fora daquela loja. Eu disse a Simone que não o usaria, enquanto ela entregava seu cartão de crédito ao caixa.

Mas vou usá-lo hoje.

Encontro uma blusa um pouco mais apropriada, uma camiseta de seda preta. Ela é fechada o suficiente para evitar qualquer acusação de vulgaridade, mas o tecido contra a minha pele cria uma sensação suntuosa.

Então pego a blusa transparente, aquela que sei que nunca poderei usar, embrulho em papel de seda e a coloco na minha pasta. Não sei por quê, só quero tê-la por perto.

Olho para a mulher no espelho, com cabelos soltos na altura dos ombros, dominante, sensual.

— Quero conhecer você — falo.

A resposta dela é um sorriso.

NO ESCRITÓRIO, os olhares são só um pouco menos intensos do que os que provoquei em Las Vegas. Tom Love levanta uma sobrancelha enquanto passo por ele no hall e dá um sorriso de aprovação.

— Conquiste todos — murmura ele.

A frase me entusiasma. Hoje eu me sinto pronta para dominar o mundo.

Quando chego ao escritório, não é o mundo que me espera, mas uma mensagem da secretária de Dave pedindo que eu ligue para ele. Dave sempre liga direto para mim. Ele nunca pede que a secretária faça isso, a menos que precise me falar algo que ache que não vou gostar.

Em vez de me sentar, fico de pé diante da mesa enquanto teclo o número. Não ligo para a secretária, mas diretamente para o celular dele.

— Kasie, tenho uma reunião daqui a cinco minutos — Dave começa a dizer antes que eu o interrompa.

— Então me fala rápido o que precisa dizer.

Eu não quero que as palavras soem ásperas, mas desta vez não estou interessada em suavizar as coisas. Vejo a bandeira vermelha sendo acenada a distância e estou pronta para a luta.

Isso é *quase* excitante.

— Falei com a vendedora hoje, aquela com cabelo levemente grisalho, a da joalheria...

— A que nos mostrou o anel de rubi.

— Sim — diz ele, hesitante. — Eles não querem negociar o preço.

Eu não falo nada. Olho para o meu dedo nu. Podemos comprar o rubi. Podemos pagar por suas lindas imperfeições.

— E eu estava pensando — continua ele —, estava pensando em você, e, depois, pensei nesse maravilhoso anel antigo na vitrine de uma loja perto do meu trabalho. Fui até lá hoje de manhã. Ele é mesmo perfeito, Kasie. Então eu fui e deixei um depósito para que eles o reservem até que você possa vê-lo. Tem mais a *nossa* cara do que o outro anel.

Meu dedo nu se dobrou para a palma da minha mão, levando os outros dedos a fazer o mesmo, como se eu fechasse o punho lentamente.

— É um diamante...

— Mas eu não fico emocionada com diamantes, Dave — interrompo. — Se não pudermos comprar o anel de rubi que vimos, com certeza existem outros...

— acredite em mim, Kasie, este anel de diamante é diferente. Já disse que é um anel antigo, certo? É clássico e elegante, mas também é original e totalmente único. Como você.

Como eu. Olho para o terno que estou usando. Será que Dave me reconheceria hoje? Ele acha que sou uma arma escondida em uma bolsa Hermès. Acha que sou um buquê de rosas brancas.

Ele acha que sou diamante, mesmo depois de eu ficar na frente dele e dizer diretamente que sou rubi.

— Olhe, tenho de ir para a reunião. Ligo para você de noite, tudo bem? Vamos nos encontrar amanhã depois do trabalho e eu lhe mostro o anel. Tenho certeza de que você não vai querer um rubi como anel de noivado. acredite em mim, você ia acabar se arrependendo.

Desligo sem dizer mais nada.

Ele não me conhece.

Me lembro daquela mulher no espelho, hoje de manhã, a corretora poderosa e sensual, a estranha que dorme com estranhos, a mulher que me assusta e me intriga. Como Dave *poderia* conhecê-la? *Eu* não a conheço.

Passo meus dedos pela gola. Não é um tecido macio, mas também não é desagradável ao toque. É grosso e um pouco firme, como se poderia esperar de um casaco masculino, mas o corte é claramente feminino. Ele me lembra um curso de filosofia que fiz na faculdade. O professor explicou a verdadeira natureza do yin e do yang. Yin e yang não são uma dualidade, mas simplesmente opostos complementares: feminino e masculino, passivo e ativo, oculto e manifesto, lua e sol. E tudo se une em um todo maior para ser parte de um sistema poderoso e vitalizante.

Rio com a ideia de que meu terno possa ser parte de algo poderoso e vitalizante.

Mas paro de rir quando penso em mim nesses mesmos termos. Aqueles filósofos taoistas antigos não pensavam na escuridão como ruim e na luz como boa. Isso não tinha nada a ver com moralidade. Eles só pensavam no yin e no yang como partes essenciais de um todo.

Fico imaginando qual será a sensação de ser verdadeiramente inteira. Será que é isso que está acontecendo comigo?

Porque, embora eu não me sinta culpada como deveria, me sinto muito mais forte do que antes.

Bom, então que seja.

CHAMO A EQUIPE ao meu escritório para me atualizar, dizer-lhes quais indicações seguir e quais informações podem ser deixadas de lado. Eles fazem anotações, absorvem minhas palavras, aceitam minhas instruções sem questionar. Só Asha hesita, enquanto seus cálculos fazem com que ela absorva mais lentamente os meus. Pelo menos, é isso que eu acho. Ela está me estudando muito atentamente; os comentários dela parecem girar ao redor do que ela está pensando. Com certeza, ela é uma ameaça. Estou certa disso agora.

Mas é ela quem realmente está em perigo. Ela não sabe quem eu sou. Sou sensual, sou dominante, fui tocada por um estranho.

Só mais para o final da tarde é que lembro que essa não é a mulher que eu deveria ser. Não era essa a imagem que eu tinha em mente quando dei boa-noite ao Dave, ontem, dizendo estar exausta.

E não falei com Robert hoje. Nós nem trocamos um e-mail, mas ainda assim ele está comigo, atraindo-me para novas direções, como um trampolim para novas tentações.

Eu não falei com Robert Dade hoje, mas isso não importa.

Meu demônio está vencendo.

CAPÍTULO 11



TRABALHO ATÉ TARDE, O QUE não é nada incomum para mim. Sou a última no escritório. Até Tom Love foi embora há uma hora. Mas estou me sentindo cheia de energia. A culpa é do terno... ou do sexo. Rio sozinha. Sim, provavelmente é mais o sexo do que o terno.

Estatísticas, fatos e números cobrem minha mesa e minhas mãos. Eu os uso como blocos de construção para dar forma aos sonhos profissionais de Robert.

E se eu conseguir, o que acontecerá? E se eu conseguir traçar um caminho para que a Maned Wolf domine completamente o mercado? E se eu embrulhar esse mapa do tesouro e colocá-lo aos pés de Robert? Será que ele ficaria surpreso? Será que me adoraria?

Mas não é isso que eu quero. Gosto do modo como Robert me vê. Existe um realismo seco no afeto dele. A atração que sentimos um pelo outro é quase brutal, mas o ato do amor nunca tem nada a ver com angústia nem aflição.

O que eu quero é que ele me agradeça com os olhos, a boca, a língua. Eu o quero de joelhos, não em adoração, mas em ação.

Esses são os meus pensamentos quando o telefone toca.

É ele. Como sempre, ele liga na hora certa.

— Onde você está? — pergunta ele.

— Estou no trabalho, brincando com números para você.

— Ah, duvido que seus motivos sejam completamente altruístas. — A voz dele tem um tom grave em nossa conexão instável. Ela tem tanta textura que sinto que deveria poder vê-la.

— Não — admito —, gosto de fazer isto.

— Não há nada mais espetacular do que ver você em um estado de prazer.

— Ora, ora, sr. Dade, essa é uma tentativa de algum tipo de insinuação sexual?

Há uma pausa no telefone. Sei o que ele está pensando. Ele não esperava que eu estivesse tão brincalhona. Eu lhe disse que nunca mais deixaria que ele me tocasse.

Mas eu sou rubi. Não diamante. Não tenho mais certeza daquilo que desejo, e minha consciência, minha *aceitação* dessa incerteza, traz uma sensação de triunfo.

E o triunfo me deixa brincalhona.

— Você acabou de trabalhar por hoje. Essa não foi uma pergunta.

— É mesmo?

— Encontre comigo na frente do prédio.

O celular fica mudo.

Sem hesitar, empilho os papéis repletos de números. A pilha não está tão organizada como deveria, mas um pouco de descuido parece apropriado.

Tiro meu blazer e abro minha pasta. A blusa transparente está lá dentro.

Tiro a minha blusa e, depois, o sutiã, antes de colocar a transparente.

Meu coração está batendo forte enquanto eu coloco o blazer de novo. Não há desculpas desta vez. Eu sei o que vou fazer. Não sei se será ou não a última vez. Não me importo. Meu corpo quer explorar e, desta vez, não sinto necessidade de negar.

Caminho até a rua e, em questão de minutos, Robert Dade chega em um Alfa Romeo 8C Spider prata. Suas linhas esguias e potência elegante combinam perfeitamente com meu humor. Ele não diz nada enquanto sai do carro e abre a porta para mim. Quando estou no banco do carona, eu o ouço dizer:

— Gosto do seu terno. — Então fecha a porta.

Faz muito tempo desde que andei em um carro esporte e nunca estive em um como este. O banco me abraça como um amante enquanto, ao mesmo tempo, mantém minha postura ereta, pronta para reagir a qualquer aventura que o veículo possa me trazer. Tudo é prata ou preto. As cores fortes não são necessárias para que esta beleza seja o centro das atenções.

Robert Dade entra ao meu lado.

— Aonde estamos indo? — pergunto.

Robert se vira para mim, com a chave na ignição, a mão no volante revestido de couro, o motor ronronando.

— Para a minha casa.

Respondo com um sorriso, depois volto meus olhos para a rua enquanto nos afastamos rapidamente.

Nunca perguntei a Robert onde ele morava. Imaginei que fosse em Hollywood Hills, Santa Monica, talvez em algum lugar entre as mansões de Beverly Hills. Mas ele mora em West Hollywood, em uma colina, acima da agitação do Sunset, em uma ruazinha tortuosa que ninguém pensaria em pegar se não conhecesse alguém que morasse ali. As casas são impressionantes, mas não surpreendentes. Mas a escuridão oculta os elementos arquitetônicos mais sutis e, assim, acho difícil formar uma ideia.

Na verdade, as casas nunca poderiam prender minha atenção, nem mesmo se tivessem cinco andares de altura e fossem cobertas com placas de ouro. Essa honra agora pertence exclusivamente ao homem a meu lado. Ele dirige o carro de modo relaxado por todo o caminho, pressionando suavemente as borboletas atrás do volante, de vez em quando, para assumir o controle total. Percebo que os pensamentos dele correm muito mais que o carro. Ele me quer, mas está hesitante. Sinto isso no modo como ele se recusa a virar a cabeça na minha direção, como se eu pudesse ficar assustada com um olhar. Posso sentir, pelo modo como ele mantém o silêncio, que teme que uma palavra errada possa despertar novamente minhas declarações anteriores.

Mas não vou mudar de ideia e, quando ele abre os portões automáticos com o toque de um botão, estico o braço e deixo que minha mão deslize sobre a coxa dele e continue para cima, deixando claros meus desejos, minha intenção e minha disposição para ir em frente.

Ele respira por entre dentes cerrados como se isso fosse tudo que ele pudesse fazer para não me agarrar, tirar-me do assento e me possuir bem aqui na rua, antes mesmo de termos chance de passar por sua entrada particular.

Mas, como em relação ao carro, ele tem o controle e nos leva delicadamente para a entrada e, depois, para a garagem aberta que espera por nós.

Não há outro carro ali, apenas uma motocicleta. Ela não é tão chique nem sofisticada quanto o Spider. Não tem acessórios cromados que chamem atenção. O assento já viu dias melhores. A lama cobre os pneus pretos estreitos.

Gosto disso! Gosto do fato de esse homem, com um carro requintado, ter uma motocicleta que não evoca nada além de masculinidade vigorosa e áspera. Mais uma vez, olho para as mãos de Robert: bonitas, brutas, fortes, mas às vezes tão gentis.

Yin e yang. E, quando ele põe as mãos no meu rosto, quando me segura, quando nossos olhos se fitam e minha mão provoca outra reação primitiva e poderosa, sinto nossa totalidade.

— Não convido pessoas com frequência — diz ele. — Não recebo visitas. Mas, desde nosso encontro em Las Vegas, eu queria trazer você aqui.

— Por quê? — pergunto. — Você me teve no seu quarto de hotel, no escritório, na tela de seu computador... Por que precisava de mim aqui?

— Porque — começa ele e, depois, faz uma pausa enquanto procura uma resposta — ultrapassei as suas muralhas — diz lentamente —, e este é o único modo que me ocorreu de fazer você ultrapassar as minhas mais plenamente.

Não sei bem como responder, então espero pelo beijo que sei que virá. Começa suave, mas rapidamente torna-se mais exigente, com a língua dele tocando a minha. Ele segura minha cabeça, e eu empino os seios para a frente, tentando trazê-lo para mais perto de mim. Minhas mãos brincam com ele. Não tenho paciência. Eu o desejo, cada parte dele, agora. A ereção dele é plena e completa, e fico pensando se alguém já fez amor em um Spider.

Mas Robert se afasta. Ele para a minha mão enquanto respira para se acalmar e controlar seu corpo novamente.

Bom, controlar parcialmente. O corpo dele, como o meu, deseja explorar.

Ele sai do carro e espero enquanto dá a volta para abrir a minha porta. Mais uma vez, ficamos em silêncio enquanto andamos pela entrada de carros. A casa não impressiona pela aparência. Só posso ver uma parede e uma porta que parece levar, talvez, a um pequeno jardim fechado. Talvez não seja nada disso.

Mas quando ele a abre, sou saudada por uma vista de tirar o fôlego. Toda a cidade está por trás dessa parede. Uma visão que se estende até as praias de Santa Monica. Estamos no alto de uma colina, e tenho a sensação de estar a mil quilômetros das luzes que decoram a grande cidade abaixo de nós. Mas é claro que não estamos tão longe. Só a dois minutos do Sunset, onde carrinhos de cachorro-quente complementam algumas boates estrategicamente localizadas.

Sinto os dedos dele dançarem para cima e para baixo em meu pescoço, enviando choques de calor por todo o meu sistema nervoso. A casa ao lado deste jardim particular fica à minha direita. É construída na encosta da colina e, por isso, praticamente não pode ser vista da rua. É sustentada por pilotis, estruturas com aparência frágil que têm a força de deuses gregos.

Eu deixo que ele me guie pela porta da frente; a casa tem janelas de parede a parede, e fico imaginando como deve ser de dia: a luz brilhante do sol iluminando a madeira escura. Mas agora a única iluminação são as luzes da cidade. Ele aciona o interruptor com dimmer e ilumina a sala o suficiente para que eu veja um pouco melhor a decoração. O lugar não é nada imaculado, mas parece confortável. Há obras de arte ousadas e abstratas nas paredes.

Uma pintura em especial me atrai. Não posso dizer com certeza se são amantes ou mesmo se as silhuetas retratadas são plenamente humanas. Mas ela tem a essência da paixão desenfreada. Dois seres se abraçam enquanto uma massa de cor e de confusão completa em espiral tenta afastá-los. Mas eles são mais fortes do que a anarquia; o desejo deles é mais brilhante do que as cores.

Robert anda atrás de mim, pressiona o corpo contra o meu. Posso sentir a força dele; posso sentir o desejo dele pressionado contra minhas costas.

Olho fixamente para o quadro enquanto ele desabotoa meu blazer. O poder do quadro está nas duas silhuetas que se abraçam. É isso que importa.

O resto é nada.

Meu blazer cai no chão.

Lentamente, ele me vira e me acolhe. Meus mamilos estão eretos e tensos contra o tecido transparente e justo da minha blusa. Ele traça o contorno de meus seios.

— Você é magnífica — diz ele.

Tiro os saltos altos. Preciso estender o pescoço para encontrar os olhos dele, mas não me importo. Minha mão procura o botão da minha calça e eu a tiro sem esforço. A única parte do terno que estou vestindo agora é a blusa escandalosamente transparente.

— Olhe para mim — digo, calmamente.

Ele dá um passo para trás, enquanto seus olhos sobem pelas minhas pernas, calcinha, seios expostos,

pescoço e lábios e, por fim, olhos, antes de reverter o caminho até embaixo.

— Você vê quem eu sou? — pergunto. — Ou só vê o que deseja?

Vejo um brilho de entendimento enquanto ele traz os olhos de novo ao encontro dos meus.

— Vejo uma mulher que pode ser incrivelmente dominante e uma mulher que está exposta. Vejo que você é tão forte quanto terna, absolutamente brilhante e só um pouco ingênua.

— O que mais?

— Vejo... vejo que você tem coragem para enfrentar seus medos. Está com um pouco de medo agora, não é?

Concordo apenas com um leve aceno.

— Do que você tem medo, Kasie?

Eu tremo mesmo enquanto sorrio.

— Diga você.

— Tudo bem. — Ele dá um passo à frente e acaricia meu corpo com o olhar mais uma vez. — Tem medo desse lado de si mesma que começou a libertar.

— Em parte.

— Tem medo do quanto me deseja. Talvez esteja com medo porque agora posso fazer o que quiser com você sem que proteste em nenhum momento, já que sabe que as coisas que quero fazer são as coisas que você também quer que aconteçam.

Engulo em seco. Mas não quero deixar de olhar para ele. Ele dá outro passo e passa a mão pelo lado interno da minha coxa até pressionar minha calcinha, só o tecido fino está entre os dedos dele e meu clitóris. Conheço essa dança agora, mas ainda perco o ar enquanto seus dedos começam a se mexer.

— Vejo quem você é, Kasie — diz ele. — E essa é a única coisa que quero ver.

Minhas pernas estão tremendo e eu me inclino para a frente e seguro a camisa dele, abraçando-o com necessidade e paixão.

— Leve-me para o seu quarto — murmuro enquanto arrepios tomam conta de todo o meu corpo. — Quero fazer amor com você na sua cama cor de fogo.

A mão dele se afasta e, em um momento, estou nos braços dele, sendo carregada como uma princesa enquanto descemos um lance de escadas, situado discretamente. O quarto para onde ele me leva é enorme, praticamente tão grande quanto a sala de estar acima de nós. Vejo a mesa com o computador. Vejo a cadeira cara.

A cama está no centro de tudo, e ele me coloca sobre ela. Eu a sinto contra minha pele enquanto ele tira minha calcinha. Mas quando ele tira a camisa, o jeans e todo o resto, aí eu só consigo senti-lo, sentir a pressão dos músculos dele que pesam sobre mim. Os lábios dele devoram meu pescoço. Eu tiro a blusa transparente. Cada centímetro da minha pele precisa tocar a dele. As chamas não vêm da cama, mas de dentro de mim. Minha mão vai até a ereção dele e sinto meu próprio poder quando ele se contrai na minha mão. Cada saliência me parece familiar agora. Sei como tocá-lo para fazê-lo enlouquecer e brinco com ele, curtindo a respiração rápida dele. Mas não reclamo quando ele se afasta e baixa a boca até meu próprio centro. Tremo enquanto a língua dele mergulha profundamente em mim, me lambendo, me deixando ainda mais molhada do que antes. Não consigo ficar quieta. Gemo e grito enquanto seguro as roupas de cama embaixo das minhas costas que se arqueiam, quase me afastando, quase com medo da intensidade daquilo que ele me faz sentir. Mas ele mantém meu quadril parado, recusa-se a me deixar ir e usa o polegar para esticar a pele ao redor do meu clitóris e poder lamber e provar cada cantinho escondido, obrigando-me a experimentar aquilo de que tenho medo e que desejo.

O orgasmo é tão forte que acho que vai me arrebentar. Não tenho controle. Não tenho nem a capacidade de querer o controle que perdi. Não reconheço os sons guturais que saem da minha boca. Não tenho forças para resistir quando ele volta para cima, pairando sobre mim, olhando longamente o meu corpo nu, que treme, antes de me beijar e de meu gosto se misturar com o dele. Sinto a ereção

pressionando contra mim, mas ele não penetra. Ele está me provocando, e meu desejo está me tornando completamente selvagem. Luto para empurrar meu corpo contra o dele, luto para obrigá-lo a me penetrar, mas ele me segura pelos braços e me prende no lugar. Tenho de esperar, e o desejo, o tesão e a impaciência estão levando a intensidade a um ponto que eu nunca soube que pudesse ser alcançado.

— Por favor — digo, arqueando as costas, tentando encostar meus seios no peito dele. — Por favor.

— Você é a única mulher que conheço que é tão sexy quando pega o que deseja sem pedir licença quanto é quando implora pela liberação.

Não consigo conversar agora. Não posso comentar o elogio peculiar. Tudo que posso fazer é ouvir meu corpo. As chamadas estão me consumindo.

— Por favor — digo, de novo. — Preciso de você.

E agora é ele que geme e, em um instante, me penetra. Grito, incapaz de fazer qualquer outra coisa, exceto experimentar aquilo que ele me dá. Cada impulso me traz novas sensações. Ele solta meus braços e minhas mãos correm pelas costas dele, ao redor do pescoço, passam através do cabelo e, depois, descem até a bunda dele. Eu o tenho inteiro, mas quero mais.

E ele pode fazer o que quiser comigo porque o que ele deseja fazer é aquilo que quero que seja feito.

Enquanto ele mete cada vez mais profundamente em mim, tenho outro orgasmo. Desta vez, ele goza comigo. Nossos gritos se misturam em um coro primitivo.

Quando ele relaxa, quando sinto todo o peso dele em cima de mim, penso no yin e no yang.

E, nesse momento, sinto-me verdadeiramente inteira.

CAPÍTULO 12



DEZ, QUINZE, TALVEZ até vinte minutos passam. Ou terão sido anos? É difícil dizer. Perdi toda a noção de tempo e espaço. A realidade ficou esquecida em algum lugar do meu escritório. Esse momento, na cama de Robert, não pertence ao contínuo espaço-tempo. Ele está ao meu lado, as pálpebras dele estão entreabertas enquanto ele olha fixamente para o nada. Só agora nossa respiração se acalmou. Ele parece calmo, até mesmo em paz, totalmente diferente do homem que me segurou enquanto me penetrava com um desejo tão intenso e desenfreado quanto o meu. Não, o homem a meu lado está quieto, terno e, talvez, um pouco vulnerável.

Hesitantemente, deixo que minha mão se mova pelo peito dele. É um gesto suave que fala de um outro tipo de intimidade.

Ele dá um sorriso preguiçoso, com os olhos ainda fixos no teto.

— Bem que eu queria um cigarro neste momento — diz ele.

O comentário me surpreende.

— Você fuma?

— Fumei há muito tempo. Não penso nisso há milênios, mas um cigarro depois do sexo é calmante, ele nos traz de volta à terra e, depois *disto*, não sei se vou conseguir encontrar meu caminho para a terra de novo sem pelo menos um cigarro para me guiar.

— Detesto cigarros. Detesto o cheiro que a fumaça deixa no cabelo das pessoas e o modo como deixa roupas impregnadas durante dias. Meu primeiro amante era fumante. Nunca mais vou transar com um homem que fume.

— Droga! Tudo bem — diz ele, com o brilho provocador de novo nos olhos. — O que você acha de charutos?

Pego o travesseiro e bato com ele na cabeça de Robert. Ele ri e tenta se defender, mas eu monto sobre ele e bato de novo, várias vezes, enquanto ele brinca e implora misericórdia. Finalmente, deixo o travesseiro de lado e sorrio para ele. O cabelo dele está despenteado, e apesar do cabelo grisalho ele parece muito jovem... quase inocente.

Ele também está me observando, me absorvendo.

— Você está tão livre agora... Você é linda quando está livre.

Sinto uma pontada. Não sou livre. Ainda não. Ainda não terminei tudo oficialmente com Dave.

Mas não quero pensar sobre isso neste momento. Quero pensar sobre este homem embaixo de mim, com o cabelo despenteado e sorriso fácil.

Eu me inclino e beijo os lábios dele.

— Veja bem, se você fumasse, eu não faria isto.

— Essa é a melhor campanha antifumo que já ouvi na vida — responde ele.

— Sim, bom, a American Cancer Society pode ter suas táticas para incutir medo e culpa. E eu? — Eu me inclino sobre ele e o beijo de novo, demorando mais, tornando o beijo só um pouco mais íntimo. — Acredito em reforço positivo.

As mãos de Robert sobem até a minha cintura enquanto eu continuo a beijá-lo, boca, queixo, pescoço. O suor do amor que fizemos há pouco ainda está na nossa pele, mas eu o sinto endurecer novamente

enquanto meu caminho de beijos continua descendo.

O que estou sentindo é desconhecido: sem preocupações, brincalhona, leve. Eu me sinto leve.

Deus, será que já me senti tão leve antes?

Minha boca chega ao quadril dele e sinto as mãos dele no meu cabelo, sinto a expectativa dele.

Ele disse que via quem eu era. Disse que só deseja ver isso.

Deixo que minha língua mova-se rapidamente pelo topo de sua ereção. A respiração dele não é mais tranquila.

Sim, Robert Dade faz com que eu me sinta poderosa, vulnerável, leve e, algumas vezes, um pouco assustada.

Mas não me sinto assustada agora.

Minha língua viaja até a base e, depois, lentamente, sobe por cada saliência. Ele me dá toda a sua atenção. Olhando para ele, me surpreendo por ter conseguido acolhê-lo inteiro no meu corpo, sem o mínimo desconforto.

Mas nunca há dor quando estou com Robert. Mesmo quando ele me segura, quando puxa meu cabelo, me pressiona contra a parede, mesmo quando me diz aquilo que não estou pronta para ouvir, não há uma dor verdadeira.

Eu o acolho mais plenamente na boca, uma das mãos envolvendo a base do pau dele, enquanto a outra toca a carne suave por trás. Ele geme enquanto eu subo e desço, saboreando-o, conhecendo-o.

Nada disso parece errado. Não há tensão nem conflito. O prazer não deixa espaço para arrependimentos.

Gosto do sabor dele, gosto do que posso fazer com ele. Posso, literalmente, senti-lo pulsando contra a minha língua. Ele se inclina para a frente, me puxa para cima, mas impeço que ele se vire sobre mim.

— Não, não, sr. Dade, sou eu que estou no comando agora. Eu faço as regras.

— É mesmo? — respira ele, com um sorriso de aprovação e cuidado.

— Hum, sim. Agora, quer fazer sexo comigo de novo?

— Meu Deus, sim.

— É mesmo? É engraçado porque acho que não ouvi a palavra mágica.

E agora o sorriso dele se amplia enquanto o peito arqueja com desejo.

— Por favor.

— Por favor? — repito. Estou em cima dele de novo, minhas mãos pressionam o peito dele, minha nudez completamente à vista. — Eu esperava “abracadabra”, mas acho que “por favor” é suficiente.

E ele ri enquanto eu me abaixo sobre ele.

Então, o riso termina, mas não os sorrisos. Enquanto eu monto nele, lentamente e depois mais depressa, as mãos dele na minha cintura, minha cabeça para trás, os olhos dele no meu corpo, os sorrisos continuam até que a paixão fica tão intensa que nossas bocas não conseguem mais ficar assim.

Mas o sorriso dentro de mim nunca termina.

Eu sei, sem a mínima dúvida, que o sorriso interior dele é igual ao meu.

ELE QUER QUE EU fique, mas ainda não estou pronta para isso. Há muitas situações inacabadas. Por anos, eu amei a ideia de estar em um relacionamento. Eu gostava das regras, apreciava os limites. Mas agora estou encantada com a ideia da liberdade. Sei que tenho de terminar a relação com Dave, mas mesmo assim não estou pronta para ser nada de oficial para Robert Dade. Quero entrar devagar no relacionamento do mesmo modo como a gente entra devagar em uma piscina fria: molhando os pés para começar, abaixando até a cintura, esperando até que a água pareça um pouco menos gelada e, depois, mergulhando por completo.

Estou me abaixando, mas ainda não estou pronta para mergulhar por completo.

Eu me visto enquanto ele me observa. Ele quer me puxar para si, mas, em vez disso, relutantemente,

veste o jeans e a camiseta. Meus olhos se afastam dele por tempo suficiente para perceber alguns outros detalhes do quarto. Tem a cadeira cara na qual ele se sentou enquanto me via tirar o robe a quilômetros dali.

Meus olhos vão dali para as janelas do chão ao teto. A cidade de Los Angeles é sempre mais bonita de noite. É como se as estrelas que não podem ser vistas no céu tivessem caído até o chão e coberto as ruas com seu brilho. Olho Robert de relance.

— Você sempre viveu assim?

— Assim como?

— Hum, na riqueza? Em uma opulência totalmente hedonista? Sempre dirigiu carros com preço mais alto do que o PIB de países do terceiro mundo?

Ele ri e faz que não com a cabeça. Meus olhos continuam a se mover. Dessa vez, a foto emoldurada de um casal chama a minha atenção. A moldura está meio fora de lugar. Ela é de madeira barata, até mesmo um pouco rústica. Eu a pego e vejo uma mulher que parece latina, mexicana, argentina, talvez brasileira, não sei dizer. Posso ver que ela deve ter sido bonita em algum momento. Ela tem cabelo escuro e grosso e uma estrutura óssea que os cirurgiões gostariam de poder recriar. Mas mesmo nessa foto antiga, facilmente tirada há mais de vinte anos, é possível ver as olheiras. Dá para ver como os ombros dela estão levemente vergados e como o homem a seu lado, com pele tão branca quanto sorvete de baunilha, a está apoiando. Mas ele também está cansado. Olho para o modo como a pele dele se dobra enquanto olha para a câmera. Olho para o sorriso pesado como se o esforço de dizer xis fosse quase demais.

— Meus pais — diz Robert, enquanto se aproxima por trás de mim.

— Eles parecem se amar — digo, colocando a foto no lugar.

— Eles se amavam.

Ouçõ a mudança de tempo verbal e entendo o significado.

— Sinto muito.

— Está tudo bem — diz ele com um suspiro, apoiando-se na cômoda. — Faz muito tempo.

— Posso perguntar de que morreram?

— Ah, de muitas coisas. — A voz dele subitamente fica cansada, como o sorriso do pai. — Mas, principalmente, de quebra de confiança e decepção. Quando é demais, a decepção pode matar.

Não sei como continuar essa conversa, então espero para ver se ele fala mais alguma coisa. Como ele não diz mais nada, aceno com a cabeça e me afasto da foto, encontro meus sapatos, um num canto da cama, o outro jogado do outro lado do quarto.

— E você? — pergunta ele, enquanto eu prendo as tiras do sapato ao redor do tornozelo. — Seus pais ainda estão vivos?

— Vivos e bem — respondo, procurando minha bolsa no quarto.

— Você tem irmãos?

Faço de conta que não ouvi.

— Não consigo achar a bolsa. Eu a trouxe para dentro, não foi?

Ele me estuda por um momento. Sabe que estou ignorando a pergunta de propósito, mas sente que não é a hora de me pressionar. Afinal de contas, eu já corri um risco esta noite. Estou muito longe de minha zona de conforto, tão longe que podia inclusive estar em Moçambique.

E eu não tinha planejado acabar em Moçambique. Não conheço o idioma, nem as leis, e nunca mexi com a moeda, mas, meu Deus, como é bonito aqui!

CAPÍTULO 13



O DIA SEGUINTE voa. Mal posso acompanhar as horas, os minutos e os segundos enquanto eles se encadeiam e passam por mim. Minha equipe me traz pesquisas, rascunhos de relatórios, ideias, preocupações e observações, tudo para que eu possa criar uma apresentação bela e coesa. Não é uma tarefa fácil, e, em outras circunstâncias, isso poderia ter me estressado. Mas isso não acontece. Não posso ser atingida. A agitação ao meu redor é apenas um zunido. É a confusão na pintura de Robert, e eu sou a amante, a pessoa forte que não pode ser desequilibrada. Estudo as margens de lucro das operações europeias da Maned Wolf e sinto os beijos suaves dele na minha nuca. Estudo as projeções da divisão de ações cibernéticas e sinto-o pegar minha mão e pressioná-la contra o colchão embaixo de nós. Leio os planos para novos produtos e sinto o cheiro da pele dele, sinto a respiração e a presença dele.

Estou obcecada.

E quando Barbara me chama para dizer que Dave está ligando, eu quase me recuso a atender. Cem desculpas passam pela minha cabeça. Estou em uma reunião, saí para almoçar, estou em outra ligação... Talvez eu só não queira lidar com a dor que vou infligir.

— Oi, como está? — A voz dele parece arrependida, cuidadosa. Três palavrinhas benignas, mas isso é tudo que é preciso para abrir aquela portinha no meu coração e evocar a culpa.

— Estou um pouco ocupada neste momento — digo, vagamente. Talvez haja um modo de eu fazer com que ele rompa comigo.

— Sinto muito, não quero interrompê-la. Olha, sei que está um pouco brava comigo agora, mas, bom, e se conversássemos sobre isso? Hoje à noite? No Ma Poulette?

— Acho que vou ter de trabalhar até mais tarde. — Se eu apenas conseguisse convencê-lo de que não valho a pena... Como fazer com que um homem desista de você depois de seis anos de compromisso?

Minha covardia está transbordando.

— Por favor, Kasie. É que... eu preciso mesmo ver você hoje à noite. Sabe qual é o restaurante, não é? Aquele novo em Santa Monica? Posso buscar você às sete e meia?

Cada frase é uma pergunta. Ele está tentando me acalmar e aplainar a estrada diante de nós.

Hesito enquanto meus pensamentos se distorcem em formas que nem eu consigo entender. Não estou mais na estrada que Dave está aplainando. O chão embaixo dos meus pés é feito de cascalho solto. Existe uma sensação de impermanência nisso. E se eu me machucar, não sei se haverá alguém por perto para me ajudar a encontrar o caminho de volta. Essa é a opção que estou escolhendo. Estou bem certa de que é a correta para mim, mas não consigo saber por quê, e, assim, como posso explicar para Dave?

Será que preciso mesmo?

Minha covardia tem uma força que não pode ser igualada à euforia anterior. A única coisa que é clara para mim é que eu devo algo a este homem. E, no mínimo, eu lhe devo um jantar.

— Espero você às sete e meia — digo.

Talvez, nessa hora, eu me sinta corajosa de novo...

Assim espero.

O DIA PERDE a característica surreal que tinha antes. De repente, eu estou apressada, crítica e tão impaciente quanto o ponteiro dos segundos de um relógio, sempre correndo para chegar ao próximo

lugar. Depois de uma maratona de reuniões, Barbara me diz que Simone ligou; ela disse que era importante. Mas a ideia de importância para Simone geralmente inclui uma liquidação na loja Bebe. Além disso, não tenho tempo para retornar a ligação. Corro para casa e me apronto para partir o coração de um homem.

Quando abro a porta para Dave às 19h25, estou usando um vestido branco, na altura do joelho, sem mangas, mas não muito decotado. Ele combinaria com qualquer esposa de político. Meu cabelo está preso; pérolas envoltas em ouro enfeitam minhas orelhas.

— Você está perfeita — diz Dave, enquanto me oferece o braço.

Ah, essa palavra de novo. Estou começando a detestá-la, mas não digo isso para Dave.

Ele abre a porta de seu Mercedes para mim. É um belo carro e expressa aquilo que Dave deseja demonstrar: riqueza e conforto discretos. Penso na carga de adrenalina que senti enquanto o Alfa Romeo de Robert roncava embaixo de mim, lembro da emoção enquanto ele acelerava na noite escura de Los Angeles.

Será que essas emoções duram? Será que eu quero que durem?

Mas não são essas as questões em que tenho de pensar. Preciso contar a verdade a Dave. Talvez durante o jantar, ou antes dele, ou depois, talvez no carro, na volta para casa. Qual é a etiqueta para um ato de traição?

A culpa no meu coração tem um apetite voraz. Ela se alimenta das sobras da felicidade da noite passada.

Um passo de cada vez. Isso é tudo. Se eu for devagar, tudo ficará bem. Vou cuidar desta tarefa grotesca e, depois, com o tempo, Dave vai se curar e eu me sentirei livre de novo, como me senti nos braços de Robert. Sim, claro, quebrei regras, as regras de Dave, as regras dos meus pais, minhas próprias regras, mas as regras são feitas para serem quebradas.

Esse era o clichê favorito da minha irmã, até ela resolver que as regras nem deveriam existir.

Mais pensamentos sobre minha irmã surgem nos recônditos da minha mente, mas não lhes dou a atenção que estão pedindo.

Dou um olhar de relance para Dave. Ele parece bem. Acho que senti um levíssimo toque de colônia, o que é incomum para ele. Ele usa o mesmo frasco de Polo Blue há cinco anos.

Ele está vestindo o casaco esportivo que comprei para ele na Brooks Brothers, de linho italiano tingido com a cor castanha e quente do cashmere. Fica muito bem nele.

E, pela primeira vez, reparo no modo como ele segura o volante, como se fosse a única coisa que o mantém preso à terra. Será que ele está nervoso? Será que percebeu a minha mudança?

Estudo a expressão dele, mas desta vez não posso lê-la. Os olhos dele estão grudados na estrada, os lábios estão unidos de um modo que pode ser determinação ou apreensão.

Desisto e tento relaxar no assento macio de couro. O telefone vibra na minha bolsa, mas eu o ignoro. Tenho medo de minha reação se for ele. Tenho medo do que Dave verá no meu rosto.

Um passo de cada vez.

NUNCA ESTIVE NO Ma Poulette antes, mas não gosto do nome. É um trocadilho tolo, brincando com a palavra francesa para “galinha” e com uma expressão carinhosa em francês. Mas quem fala inglês não vai entender, e quem fala francês não vai achar engraçado.

Ainda assim, o interior é bonito. A iluminação suave complementa um charme bucólico. Tem uma parede de tijolos expostos aqui, toques em madeira ali. Dave diz seu nome e a recepcionista consulta sua lista. Ela hesita por um momento, com o dedo sobre o que suponho que seja a nossa reserva e, quando finalmente olha para cima, os olhos dela encontram os meus por um momento longo demais e o sorriso dela é reflexivo.

Alguma coisa está acontecendo. Este não é um simples jantar.

De repente, meu desejo é sair do restaurante. Mas não consigo fazer isso. Essa é a coisa engraçada sobre a covardia. As pessoas acham que ela nos faz correr e nos esconder, mas é provável que ela facilite alguma coisa mais sombria. Essa é a emoção que permite que você seja levada passivamente para lugares e situações que, de outro modo, rejeitaria.

E assim sou guiada, com a recepcionista na frente, e a mão de Dave no meu braço. Os clientes por quem passamos são indistintos enquanto somos levados por uma porta fechada para outra sala, como me dizem. Um lugar mais íntimo.

Um passo de cada vez, penso, enquanto ouço o ruído dos meus saltos sobre o piso.

A recepcionista abre a porta. Quando entramos, vejo todos: os pais dele, meus pais, alguns amigos da faculdade, um dos sócios da empresa de Dave, o padrinho dele, Dylan Freeland, que também é um dos fundadores da minha empresa. Inexplicavelmente, Asha está alguns passos atrás dele. E depois está Simone, com os olhos arregalados e refletindo o medo que estou sentindo. Ela acena para mim com a cabeça, e sei que ela gostaria de poder dizer: “Eu liguei. Tentei te avisar. Você escolheu a hora errada para não atender.”

— Eu queria que todos que amamos estivessem aqui hoje — diz Dave suavemente, enquanto todo mundo sorri para nós, segurando a mão das pessoas amadas e esperando o momento mágico.

Dave dobra um joelho. Não consigo me mexer, nem olhar para ele. Meu olhar está grudado nos meus pés. Um passo de cada vez.

Ele põe a mão por dentro do casaco esportivo que eu lhe dei, o casaco que agora terá mais importância do que eu pretendia que tivesse. Eu nem olho. Aperto meus olhos. Não quero este diamante. Não quero ser a rosa branca de Dave.

— Kasie — diz ele. A voz dele é confiante e insistente. Abro os olhos com relutância.

É o meu rubi. É o mesmo rubi que Dave e eu olhamos, com suas sedas agradáveis e brilho vermelho passional.

— Kasie — diz ele, mais uma vez.

Ele me comprou um rubi. Alguma coisa dentro de mim cede.

— Está me ouvindo? — pergunta ele, com um toque de nervosismo na voz. Levanto o olhar, vejo os sorrisos de aprovação dos meus pais, vejo o incentivo nos olhos de nossos amigos.

— Pedi que se case comigo — diz ele. Acho que ele disse isso algumas vezes. Eu me perdi no rubi, na covardia, na facilidade enorme de ser levada a um destino que pretendia rejeitar.

— Você comprou um rubi para mim — respondo, com a voz muito calma, muito distante. — Está me pedindo em casamento.

Nossos amigos, colegas, familiares, todos estão representados nesta sala. Alguns vieram de longe. Todos esperam a mesma resposta.

Encontro os olhos de Dave e dou um grande sorriso, para ele e para os convidados.

— Está me pedindo em casamento — falo, mais uma vez —, e minha resposta é sim.



CAOS.

Não sei como descrever isso de outra maneira. As palmas que explodem estão totalmente fora de sincronia com minhas emoções. Cada aperto de mão e cada congratulação emocionada me assustam. Este deveria ter sido um momento particular entre duas pessoas: eu e Dave. Mesmo nas melhores circunstâncias, eu gostaria que fosse assim.

Estas não são as melhores circunstâncias.

Vejo Simone em pé em um canto, sem nada de sua efervescência habitual. Ela e eu compartilhamos o segredo, o meu segredo, e isso a afeta tanto quanto me arrasa.

Os braços de minha mãe estão ao redor do meu pescoço, e as lágrimas dela molham meu rosto.

— Sentimos tanto orgulho de você!

— Eu não fiz nada, mamãe — falo. — Este jantar, a proposta, tudo foi feito pelo Dave.

— E quem escolheu o Dave? Você! — Ela ri. — Sinceramente, olho para você e para as escolhas que fez, e sei que fizemos boas escolhas com você. — Ela me puxa de lado, olha nos meus olhos. — Isso é bom — diz ela. — Nós somos bons.

Ouçoo que não está sendo dito. A vida que levo, pelo menos aquela que o mundo conhece, é uma justificativa. Ela desculpa um fracasso que nenhum de nós menciona. Minhas escolhas racionais e responsáveis são um anúncio ao universo de que aquilo que aconteceu com Melody não foi culpa de meus pais. Foi culpa dela, não deles. Afinal de contas, vejam a Kasie! Ela é perfeita.

Minha mãe segura a minha mão enquanto meu pai fica atrás dela, sorrindo com aprovação.

— Uma escolha estranha — diz ela, olhando o anel. — Por que não um diamante?

— Não era o que ela queria — responde Dave, afastando-se dos colegas.

— Não era, mas você disse que não me daria o que eu queria — relembro. — Ontem mesmo você se recusou a me ouvir.

Dave fica sério por um momento e depois, com uma desculpa gentil para dar a meus pais, me puxa de lado.

— Até ontem à noite, eu não estava lidando bem com o nosso noivado.

— Não — concordo. — Eu também não. — Fico vermelha ao pensar em como falar isso é dizer muito menos do que a verdade.

— Eu não tinha feito o pedido. Eu não disse as palavras. Acabei com toda a surpresa.

Olho ao redor da sala. “Surpresa” pode significar muita coisa. Existe a surpresa do destino e, também, a surpresa de um erro de cálculo.

— Eu queria corrigir isso — explica ele. — Então levei você a acreditar que eu não ia comprar este anel para que você ficasse ainda mais animada ao vê-lo. Trouxe nossas famílias aqui para surpreender você e compensar por não surpreendê-la com o pedido. De outro modo, fazer o pedido depois do fato, depois de já termos comprado o anel... — Ele deu de ombros. — Isso teria sido uma formalidade. Eu queria lhe dar romance.

Entendo o lado dele. Compreendo. Olho para meus pais. Estão se abraçando. Meu pai, tradicionalmente durão, está tão emocionado quanto minha mãe.

Sentem orgulho de mim. Sentem orgulho de si mesmos. Eu tenho a vida que eles queriam que eu tivesse.

Porque, de fato, alguém tem de ter.

MAIS APERTOS DE MÃO, mais brindes, o champanhe está circulando.

Não consigo sentir o momento. Dylan Freeland se aproxima. Ele abraça Dave e me dá um beijo formal no rosto.

— Acredito que você vai cuidar deste jovem — diz ele. — Ele é como um filho para mim.

O sorriso no meu rosto parece feio e desajeitado. Não gosto deste encontro de mundos. É um lembrete desconfortável de que minha vida pessoal está levemente ligada às minhas perspectivas profissionais. A corda bamba em que estou andando não é tão forte como imaginei que seria e só agora percebo claramente que não há rede de segurança.

Peço licença. Preciso de ar. Abro caminho entre a multidão. A cada passo, ouço outra congratulação em uma nova voz. Apresso o passo. Estou enjoada e tonta enquanto procuro a porta, a saída que me tire deste pesadelo.

Finalmente, chego a um pátio, mas ele não está vazio. Asha está ali, com um cigarro fino na mão.

— Nós não podemos fumar — diz Asha, em vez de me cumprimentar. — Nem mesmo no pátio. — Ela dá uma longa tragada e solta a fumaça pelo lado da boca. — Mas, algumas vezes, a gente *tem* de quebrar as regras. Não concorda?

Fico do outro lado do pátio, colocando a maior distância possível entre mim e a fumaça que carrega a promessa de câncer.

— Estou surpresa por você ter vindo — digo.

Ela dá de ombros.

— Dave ligou para o escritório. Ele não tinha certeza se havia alguém de quem você fosse íntima, alguém que ele devesse convidar. Engraçado ele ter de perguntar. De qualquer modo, eu disse a ele que não tinha ninguém, só eu.

— Não somos íntimas.

— Não, mas eu fiquei curiosa.

Tento manter meu foco. Ela usa um vestido preto justo, com um decote nas costas que revela um semicírculo de pele morena e macia. Éramos como cowboys em um faroeste, mas usamos nossos chapéus preto e branco sob a forma de vestidos e trocamos as pistolas por outras armas mortais, mas menos tangíveis.

Mas, então, talvez meu chapéu branco devesse ser cinza-claro.

— Você tem um problema comigo? — pergunto. Não sei se me importo com a resposta. Esta noite está cheia de demônios mais assustadores do que ela.

— Ninguém tem um problema com *você*, Kasie — diz Asha antes de tragar de novo. — Você ganhou seu emprego de presente de um amante grato e agora vai se casar com os dois. Você tem sorte.

— Ninguém me deu meu trabalho — retruco. — Mexi alguns pauzinhos para conseguir uma entrevista, isso é tudo.

— Verdade. — Ela pega um copo vazio e coloca a ponta de cigarro dentro dele. A fumaça circula e sobe, transformando o cinzeiro em algo parecido com um caldeirão de bruxas. — Você é muito boa em seu trabalho, também. Só tenha cuidado. Porque o problema com os pauzinhos é que, você continuar mexendo neles, algumas coisas podem desabar.

PASSA-SE MAIS MEIA HORA antes que Simone consiga falar comigo. Ela me puxa para o banheiro e olha para ver se há mais alguém nas cabines.

— O que você está fazendo? — explode ela, assim que nossa privacidade é confirmada.

— Eu não podia rejeitá-lo na frente de todos. Nossas famílias, nossos amigos, os colegas dele... eu não

podia.

Simone exprime sua frustração.

— Subestimei o Dave — murmura ela, mais para si mesma do que para mim.

— Ele pode ser muito romântico.

Simone me olha atentamente, estuda a minha expressão e parece não gostar do que descobriu.

— E agora? — pergunta ela, com tom duro e exigente. — Você vai romper com ele esta noite?

Amanhã?

— Não sei.

— Depois de as testemunhas irem embora e você retornar ao palco?

Olho para o rubi. Vejo o rosto dos meus pais. Penso na exuberância fora deste banheiro. Penso em Dave e em seu desejo de fazer a coisa certa.

Houve uma época em que eu também queria fazer a coisa certa. Eu tinha acreditado em preto e branco, certo e errado, bom e mau. A verdade é que eu não sou realmente uma taoista. Só aprendi o suficiente sobre a religião para passar no meu exame da faculdade. Aprendi o suficiente para romantizar a filosofia quando isso é conveniente. Nunca tive uma amizade fácil com a ambiguidade.

“Nós somos bons”, disse a minha mãe, mas ela não sabia como estava errada. Eu tinha sufocado e prendido o anjo no meu ombro e dado minha mente e meu corpo para o meu demônio usar de playground.

Posso voltar? Será que eu quero voltar?

— Não sei — digo. Essa é uma resposta para as perguntas de Simone e também para as minhas. Tentei dar um passo de cada vez, mas agora não sei em que direção devo andar. Então, estou no banheiro, com o peso dos segredos e da joia, procurando migalhas de pão que me levem de volta a um caminho que não me assuste.

A porta do banheiro se abre. É Ellis, a mulher com quem estudei na faculdade, a mulher que me levou ao almoço em que conheci o Dave. Raramente nos vemos agora, talvez três ou quatro vezes por ano num almoço dos colegas de faculdade, mas esta noite ela me trata como se eu fosse sua melhor amiga em todo o mundo.

— Estou tão feliz por você! — diz ela, animada, enquanto passa por Simone. — Sempre digo a todos que conheço que você e Dave são o casal perfeito.

Enquanto ela me abraça, ouço Simone resmungar:

— Perfeitos, como as estátuas da Itália.

DAVE ME LEVA PARA CASA. O anel precisa ser ajustado. Ele está um tanto apertado.

Eu dei minha resposta, mas ainda tenho de tomar uma decisão. Meu mundo está de cabeça para baixo e andando para trás. E a culpa é minha. Não posso culpar Robert Dade pelas complexidades na minha vida do mesmo modo que não posso culpar uma tempestade intensa por derrubar um edifício mal-construído.

— Você está feliz? — pergunta ele, e eu aceno e sorrio porque não sei o que mais posso fazer.

Ele vai para a entrada de carros e se vira para mim.

— Posso subir para tomar um licor?

A pergunta me pega de guarda baixa. É antiquada e formal, o tipo de coisa que um homem pergunta com um sorriso irônico em um terceiro encontro. Mas Dave está comigo há seis anos, tocou minha pele nua mais frequentemente do que o meu perfume favorito. Hoje, ele pediu para passar a vida comigo. Já ultrapassou o ponto de precisar fazer insinuações para abrir caminho até a minha casa.

Ainda assim, não questiono isso. Tantas coisas têm sido estranhas entre nós ultimamente que talvez essa mudança no vocabulário dele apenas combine com nossa nova estranheza. Então eu o faço entrar e, enquanto ele observa na porta da minha cozinha, escolho um vinho do porto doce em minha pequena adega e pego duas taças delicadas para bebermos.

Mas antes que eu consiga abrir a garrafa, ele põe a mão na minha. É um toque leve e, ainda assim, tem

um tipo diferente de peso.

— Faz algum tempo, Kasie.

Olho para a garrafa fechada.

— Dez dias desde que fizemos amor — continua ele.

— Ah, você está contando — brinco, mas com um tremor na voz. Faz mesmo tanto tempo? Por que não reparei?

Porque não faz dez dias para mim. Não faz nem um dia. Durante a madrugada, estive com Robert Dade.

Dave coloca a mão no meu pulso e os dedos dele pressionam suavemente a veia que mostra como meu pulso está acelerado.

Como posso fazer isso? Como posso estar com dois homens em menos de 24 horas? Como posso me chamar de qualquer coisa exceto de vadia depois disso?

Foco no vinho, sem me permitir nem ao menos piscar, como se até o menor movimento das minhas pálpebras pudesse provocar lágrimas.

— Vamos beber algo antes? — pergunto suavemente. A culpa me deixa tímida. Ela me faz corar e tremer.

Dave vê tudo isso, ele sente meu pulso acelerado, mas interpreta de outro modo. Ele se inclina e ternamente toca meus lábios com os dele. É um beijo doce, amoroso, e enquanto ele abre suavemente meus lábios com sua língua, eu cedo a ele, levantando os braços e colocando-os ao redor de seu pescoço, enquanto ele me puxa para mais perto. Parte do meu medo desaparece. Isso parece simples, confortável e seguro. Meu Deus, como preciso de um senso de segurança neste momento.

Gosto do jeito como Dave me segura, como se eu fosse preciosa e merecesse ser admirada.

É tão diferente da paixão descontrolada que dispara das pontas dos dedos de Robert. Lembro dele mordendo meus lábios, segurando meus braços acima da minha cabeça enquanto beijava ternamente o meu pescoço, pressionando-me contra a parede enquanto eu o acolhia dentro de mim.

Eu me afasto de Dave.

— Um drinque — falo, com voz fraca. — Quero tomar um drinque primeiro.

A confusão de Dave fica clara, mas é a mágoa que vejo que dói no meu coração. Eu me inclino para a frente e dou um beijinho com os lábios fechados no queixo dele.

— Só um drinque primeiro. Quero que você prove este porto.

Ele faz que sim e sai da minha cozinha.

Quantas vezes vi Dave sair de um cômodo? Isso nunca me incomodou. Mas agora a visão dele se retirando me atingiu como um mau presságio. Tive de respirar profundamente três vezes antes de minhas mãos ficarem firmes o bastante para conseguir tirar a rolha.

Eu o encontro no sofá. Ele não olha para mim enquanto eu lhe entrego o copo. O vinho é de um vermelho tão profundo que é quase preto, e agora até mesmo esse detalhe inócuo me parece significativo. A sala, de repente, está cheia de sinais e todos eles são alarmantes.

Outra respiração profunda, algumas outras palavras em silêncio que ajudam a me acalmar.

Dave finalmente levanta os olhos, com a dor se aguçando em algo que parece uma acusação.

— Você ainda está brava comigo? — pergunta ele.

Eu o olho fixamente, sem entender.

— Eu não devia ter ido embora naquela noite — continua ele. — Na noite em que você sentou no meu colo e me pediu para... — A voz dele falha e ele afasta o olhar de novo. — Pedi desculpas com rosas. Mas se isso não for suficiente, me diga o preço para deixarmos isso para trás. Porque isto — ele faz um gesto vago com a mão, apontando para tudo e para nada —, isto é um inferno.

— Não estou culpando você por um mal-entendido. Não estou brava.

— Mas algo está errado — observa Dave. — Quando ponho meu braço em volta de seus ombros, você não se inclina para mim como costumava fazer. Quando eu pegava a sua mão, a palma se encaixava

naturalmente na minha. Agora é como se nossas mãos não combinassem mais. Eu pedi você em casamento na frente de todos no mundo que são importantes para nós. É pedir demais que celebremos e... — Mais uma vez, a voz dele falha.

Quase não reconheço este homem. Nunca o vi tão infeliz.

Fiz isso com ele.

— Dave — digo o nome dele cuidadosamente e me sento a seu lado. Mas não me aproximo. Em vez disso, provo das notas doces do vinho e tento encontrar uma explicação que ajude em vez de destruir.

— Eu a assustei naquela noite? — pergunta ele. — Por favor, diga que não. Quero que você se sinta segura. É o meu dever. Diga que não estraguei algo tão importante. Por favor.

— Não, eu me sinto segura com você — respondo depressa. — Sempre. — Estudo o conteúdo do meu copo antes de dar outro gole.

— Então o que é?

Eu não respondo na hora. Estou ocupada juntando minhas migalhas de coragem. Este é o momento. Eu sei disso. É agora que preciso contar a ele.

— É a sua irmã?

O inesperado me atinge e me deixa totalmente desequilibrada.

— Você sabe que o aniversário dela é daqui a uma semana. Melody faria 37 anos, não é?

Como foi que acabamos *aqui*, de uma conversa sobre os problemas no nosso relacionamento para outra a respeito de Melody? Ela não tem lugar nesta conversa.

— Ela morreu dois dias depois de fazer 22 anos, não é? Isso significa que ela morreu há quase 15 anos.

Eu nem respondo. A conversa em que estávamos envolvidos estava me dilacerando, mas *esta* conversa é impossível. Sei por que Dave e eu estamos tendo problemas; tem a ver comigo. Mas tentar responsabilizar Melody por essa nova distância entre nós seria pior do que tudo que já fiz até agora. E seria pior que todos os pecados dela juntos.

— Você tinha 13 anos quando ela morreu — Dave fala lentamente enquanto tenta se lembrar dos detalhes de uma história que menciono muito raramente. — Foi um suicídio.

— *Não* — eu solto a palavra com veemência. — Foi uma overdose accidental. — Digo isso como se não fosse um tipo de suicídio. Cocaína, ecstasy, tequila, homens; minha irmã usava tudo isso para alimentar sua autodestruição. Cada fileira, dose e paixão brutal não era nada menos do que um golpe violento de faca.

E, mesmo assim, ela dizia que amava todos eles. O amor dela pelo excesso e pela agitação só era igualado pelo ódio à estrutura e aos compromissos tediosos.

Ela teve uma overdose accidental. Minha mãe disse que ela mesma provocou isso.

Dave não diz nada. Ele não quer que isto seja um monólogo. Ele esperava que eu segurasse a mão dele. Ele quer que, mais uma vez, eu me incline para seu abraço e lhe diga que ele me conhece melhor do que qualquer pessoa.

Mas esta não é uma lembrança que me leve a esse tipo de afeição. Neste momento, é difícil para mim pensar nele porque, *neste momento*, eu não sou a noiva dele. Eu nem o conheço. Nós nem nos encontramos.

Neste momento, eu tenho 9 anos e estou olhando pela janela do meu quarto para uma garota chamada Melody que não consegue parar de dançar. Ela está dançando no jardim e acompanhando uma música que mais ninguém consegue ouvir.

Será a última vez que eu a verei. Ela veio até minha casa para pedir dinheiro a nossos pais e, quando eles não quiseram abrir a porta e se recusaram até a reconhecer a presença dela, ela dançou.

Mas não vou falar sobre essas coisas com Dave nem com mais ninguém. Em vez disso, eu me arrasto de volta ao presente e curvo meus lábios em um pequeno sorriso, antes de colocar a mão no joelho dele e

olhar nos seus olhos.

— Isto não tem a ver com ela — respondo. — Não tem a ver nem conosco. Sou só eu sendo ridícula.

— Ridícula? — repete ele, como se lutasse para encontrar um modo de aplicar essa palavra a mim.

— Você teve razão em ir embora naquela noite — continuo. — Eu não estava agindo como eu mesma.

Deve ser nervosismo diante do casamento. Mas não estava certo. — Eu me inclino para ele, como costumava fazer, como ele quer que eu faça. — Não existe vantagem em estar louca ou fora de controle.

Ele acaricia meu rosto com as costas da mão.

— Você é diferente de qualquer mulher que conheci na minha vida. Você é a minha Kasie e é perfeita.

Eu disse que você não era perfeita, naquela noite em que comemos no Scarpetta. Menti.

— Não, essa era a verdade. Mas tenho certeza de que houve outras mentiras, mais agradáveis, que você me contou nesses anos. Todos mentimos, de vez em quando — falo. — E todos cometemos erros.

— Acho que sim — diz ele, hesitante.

— Talvez o que diferencie os bons dos ruins é apenas que alguns de nós, quando mentimos, quando cometemos um erro... talvez alguns de nós possamos recomeçar e consertar as coisas.

Mais uma vez, sinto as lágrimas ameaçando enquanto ele beija meu rosto, mas desta vez deixo que algumas caiam pelo canto de meus olhos e não reclamo quando ele as beija.

Você é diferente de qualquer mulher que conheci na minha vida.

Essas são as palavras dele, e eu gosto delas. Gosto da ideia de ser completamente única.

Isso significa que eu não sou como ela.

Os beijos dele subiram para a minha testa e desceram novamente até a minha boca. Não reclamo quando ele tira o copo de porto da minha mão e o coloca sobre o porta-copos na mesa de centro. Não me afasto quando ele abre meu vestido, tira-o dos meus ombros, segura meus seios. Não o desafio enquanto ele tira cuidadosamente meu vestido e o dobra sobre o braço de uma cadeira, junto com seu casaco esportivo e sua camisa. Não digo “não” quando ele me deita no sofá e se deita em cima de mim, com cuidado, com muito cuidado para não me machucar, não me ferir, não me causar nem um momento de desconforto. Ele cuida de mim. Sinto isso quando ele passa os dedos sobre minha barriga. Sinto isso quando ele beija meu cabelo; sinto isso no calor de seu sorriso. É aqui que eu devia estar. Estas são as regras que escolhi para a minha vida. Não tenho o direito de me oferecer a Robert Dade. Não há lugar para ele na minha vida pessoal nem nos meus pensamentos.

E, quando Dave beija minha testa, tento ignorar as imagens, as lembranças, tento esquecer que hoje de manhã eu perdi o controle.



DAVE PASSA A NOITE COMIGO. É claro. Está longe de ser a primeira vez.

É só que fazia quase duas semanas que não passávamos a noite juntos. Esqueci a sensação disso. O ressonar suave dele está me irritando.

Viro de lado e olho para ele. Sua boca está relaxada enquanto ele dorme.

Dave e eu estávamos saindo há uma semana antes de ele me beijar, três meses antes de fazermos amor. Ele disse que não queria me apressar, que sabia que eu não era esse tipo de mulher. Não tive coragem de dizer a ele que não tinha esperado nem metade desse tempo com os homens antes dele. Minha primeira vez foi aos 20 anos. Eu estava tão desesperada para me livrar da virgindade que nem me importei por ele ter cheiro de cigarro, por ele usar clichês quando falava, por ele mal olhar para mim ao me penetrar. Meu segundo amante tinha sido um jogador de lacrosse, inteligente, alto, bonito, com mãos ágeis e olhos atentos a todas as mulheres. A dor do rompimento foi aguda, mas passageira. Sobraram muitos lenços de papel na caixa depois de eu acabar de chorar.

Mas Dave é diferente. Ele me respeita. Ele acha que sou preciosa. Ele me honra com suas ideias românticas antiquadas.

E, além de tudo isso, ele me ajudou a conseguir o emprego que eu desejava.

Dave me deu muito, faz sentido que ele seja meu primeiro eterno, a primeira coisa na minha vida que não será passageira.

Essa constância tem valor, certo? Naturalmente, tem mais valor do que os segredos ilícitos que entremeiam os meus sonhos à noite. Não posso mais fazer amor com Robert. Nunca mais. Vou obrigá-lo a sair da minha vida.

Quem dera eu pudesse obrigá-lo a sair da minha cabeça.

SÃO APENAS 7h e entrego a Dave o almoço e uma caneca de viagem cheia de café forte antes da teleconferência que ele terá em um horário incomumente cedo. Ele fica surpreso; eu nunca tinha feito almoço para ele levar para o escritório. É uma jogada ao estilo de Norman Rockwell, e isso é bom. Preciso incorporar um pouco de moralidade no estilo de Norman Rockwell na minha vida.

Ele me beija na testa e sinto a completude de seu afeto. Enquanto eu o vejo indo embora, sinto algo mais, também, algo que vem de dentro de mim. Quero que seja amor.

Mas parece muito com obrigação.

Eu já devia muito a Dave, com o emprego e as frequentes gentilezas dele. Mas agora que eu o traí, eu lhe devo muito mais, mais do que presentes ou favores. Eu lhe devo felicidade.

Quase uma hora mais tarde, enquanto me visto para ir trabalhar, meu telefone toca e o número da secretária de Robert é exibido.

Não, isso está errado. É o sr. Dade de novo. Tenho de encontrar um modo de transformá-lo novamente em um estranho.

— Kasie Fitzgerald? — A voz inquisitiva de Sonya é mais suave ao telefone. — Desculpe por ligar tão cedo.

— Tudo bem. — Estou sentada na beira da cama, vestindo apenas um conjunto de sutiã e calcinha e com o telefone pressionado na minha orelha. Eu me sinto exposta, o que é tolice. Sonya não pode me ver.

Mas ela sabe coisas sobre mim que outras pessoas não sabem, e sou lembrada disso quando ela me diz, em um tom um pouco íntimo demais, que o sr. Dade está solicitando uma reunião fora do escritório.

— Tahiti Way, 13.900, em Marina del Rey — diz ela.

Existe algo nesse endereço que a empolga. Percebo isso pelo modo como ela murmura os números.

— O que tem lá? — Mantenho meu tom calmo, sem emoção. Quero apagar a lembrança dela. Será que ela me imaginou com ele? Será que me imaginou com ela? Será que eu gritei quando Robert deixou os dedos deslizarem sobre meu clitóris, quando ele beijou meu pescoço e meus seios? Será que ela me ouviu quando perdi o controle?

— Ah, eu imaginei que vocês dois já tivessem combinado os detalhes... Não perguntei especificamente qual parte da marina. Quer dizer, não é da minha conta.

E, com esse comentário, sei que ela ouviu tudo, imaginou tudo. Para ela, eu não sou só uma colaboradora do sr. Dade. Sou a mulher com quem ele transou na mesa, e, não importa o tom que eu use nem a roupa que eu vista, ela sempre me associará às minhas indiscrições.

Eu a odeio por isso.

Desligo sem dizer mais nada. Mas não havia mais nada a dizer. Ele sabe que eu irei. É meu emprego, meu vício, minha tentação. Não importa nem um pouco se é luxúria, ambição ou só uma velha e simples curiosidade que me levará até lá.

Tudo o que importa é que ele sabe que eu irei.

Uma gota de pressentimento desce pela minha coluna. Sei qual é o meu lugar agora. É junto a Dave. Tive minha última comemoração com Robert Dade.

Vou ao encontro por causa da ambição e apesar da luxúria, que terei de reprimir. Vou ao encontro para dizer adeus.

Escolho um terno Theory, não tão provocante quanto as roupas que usei no último dia em que nos vimos, mas com muito mais estilo do que minhas roupas usuais. Completo com uma blusa de cetim que poderia passar por masculina, se não fosse o tecido. Ele não vai me abalar.

Ou, se me abalar, não perceberá isso.

Só quando estou no carro, colocando o endereço no GPS, é que me lembro das palavras de Sonya. A marina?

Por uma fração de segundo, penso em desligar o carro. Por que eu encontraria esse homem em uma marina? O local é singelo demais, romântico demais, sussurra inúmeras fantasias de simplesmente velejar e se afastar de todo o resto.

Mas ele sabe que eu vou, então viro a chave.

ENTRO NO ESTACIONAMENTO que margeia a península. Os ancoradouros que abrigam barcos de lazer são rodeados por prédios e hotéis de alto padrão. É onde a fantasia encontra a realidade urbana, uma metáfora apropriada para minha situação atual. Mas não posso ter as duas coisas. Tenho de abrir mão da fantasia.

Meu celular vibra com uma nova mensagem de texto. É dele. Só me diz onde estacionar, para onde ir, quais portões abrir. O texto chega incrivelmente no momento certo. É como se ele tivesse um sexto sentido em relação a mim.

Estudo as palavras dele de novo. Ele está me instruindo. Do mesmo jeito que me instruiu naquela noite em Las Vegas, como me instruiu enquanto me observava na tela de seu computador. Mas será que essas instruções são mais inocentes?

Não, não inocentes. Nada em Robert Dade é inocente. E minha disponibilidade para seguir as instruções dele também não é.

Enquanto me afasto do carro em direção ao portão que ele me disse para atravessar, com o Ritz-Carlton à esquerda e o oceano à direita, fico imaginando o que ele vai me pedir para fazer a seguir.

Está quente, então tiro o casaco. O cetim não é o mais adequado para esse ambiente, mas terá de servir. Vou até os degraus e desço até a doca, passando por veleiros, restaurantes, turistas e palmeiras até encontrar o lugar em que devo virar na direção do horizonte. Eu o vejo, em pé no alto de um pequeno iate, usando outra camiseta barata, cinza-chumbo dessa vez, combinando com o cabelo; os jeans são desbotados. Não sei se são mesmo velhos ou simplesmente feitos para parecer assim. Não importa.

Ando na direção dele, como ele pediu, mas paro quando ainda estou a vários metros do barco.

— Vamos nos encontrar no iate clube? — pergunto da doca.

— Não, venha a bordo.

Minha vontade de atender ao pedido dele é tão intensa que até dói. Quero deixar que ele me leve em mais uma aventura. Quero seguir as ordens do meu demônio.

Mas faço que não com a cabeça.

— Existem muitos restaurantes para nosso almoço de negócios.

Ele me estuda por um momento.

— Está tudo bem?

É uma boa pergunta. Talvez não esteja neste momento, mas certamente estará se eu permanecer forte. Aperto meus lábios e balanço a cabeça, tensa.

— Se eu descer aí, não serei um cavalheiro.

Ele só está provocando, mas a ameaça me assusta mesmo assim. Tudo mudou. Agora estou oficialmente noiva, e todos sabem disso; meus amigos, meus pais, meus colegas. Se Robert fizer algo para me denunciar, as consequências cobrirão meu mundo com humilhação. Não posso me permitir sequer pensar nisso.

— Eu posso dar meia-volta e ir embora agora — digo. O vento aumenta e levanta meu cabelo com uma força silenciosa. Estou com o cabelo solto novamente e me acostumando com a sensação de quando ele balança. Estou me acostumando com o modo como as palavras do sr. Dade me balançam também, e isso é um problema. Eu me obrigo a me afastar dele. — Não estou aqui para isso, sr. Dade.

— Ah, então voltamos às formalidades.

Tem uma pergunta aí. Ele não entende o grau da mudança. Acha que eu estou só um pouco assustada ou que, talvez, eu também esteja provocando.

— Acho, por muitas razões, que devíamos buscar uma postura mais profissional. Temo que eu tenha deixado as coisas ficarem um pouco informais demais. Não vai acontecer de novo.

Ele para e me estuda.

— Acho que conhece a história do menino que gritava “Lobo!” — diz ele, impassível. — Você percebe que não tem muita credibilidade nessa área?

— Estou falando sério agora.

— Ao contrário da outra vez, quando estava só brincando?

— Não vou entrar no barco.

Ponho os ombros para trás e olho direto para ele. Espero pela raiva, a mágoa, a surpresa que devem surgir. Mas seu rosto de jogador de pôquer é inexpressivo. Não posso prever qual mão será jogada. Até ele sorrir. É o sorriso que abro quando percebo que estou jogando xadrez contra um adversário de valor. É o sorriso de alguém que sabe que vai vencer contra o melhor.

— Se eu descer aí, srta. Fitzgerald, vou beijá-la — ele levanta a mão quando eu começo a protestar — e não vou parar de fazer isso. Vou tocá-la do modo que deseja que eu a toque.

— Quietos! — falo entre dentes.

Olho ao meu redor. Não vejo ninguém nos barcos próximos, mas isso não quer dizer nada. Estamos em um lugar público, a voz dele é forte, não posso contar com a brisa do oceano para levar todas as palavras dele para o mar.

— Você quer isso, não quer, Kasie? — diz ele, com a voz mantendo o mesmo volume, o tom de tenor

baixo, insistente e confiante. — Você quer que eu a toque bem aqui, em plena luz, para que todos naquele bistrô próximo possam ver você. Você quer público. Você quer que eu tire a máscara na frente de todos.

— Não posso subir a bordo — digo, mas agora minha voz está ficando mais fraca. Ele não tem o direito de me dizer essas coisas, e eu não tenho o direito de querê-las.

Mas as fantasias estão invadindo minha consciência. Na mesa, diante da minha equipe; no sofá, na frente dos amigos dele, andando pelo cassino usando um vestido Hervé Léger, com todos olhando para mim e me vendo como a mulher que eu não devo ser.

— Venha a bordo — diz ele, mais suave, mais gentil. — Não vai acontecer nada que você não queira que aconteça. Lembre, você só tem de dizer não.

Mas eu não disse não? Eu não disse “não posso subir a bordo”? “Não posso” não é igual a “não”?

Mas não é. *Não posso* refere-se ao que eu era ou não capaz de fazer. *Não* não tem a ver com capacidade, mas com desejo.

Eu não tenho desejo de dizer não.

Cuidadosamente, eu me dirijo para o barco.

Ele vai a meu encontro, me beija inocentemente no rosto, mas sua mão escorrega entre nós e eu perco o ar enquanto ele aplica uma leve pressão no lugar que sempre faz eu me entregar.

— Eu não vim para isso — digo, me afastando.

— Não, você veio trabalhar. — Ele vai até uma garrafa de Sauvignon Blanc que está gelando em um balde. — Você nunca viria aqui só porque quer que eu a toque de novo, embora queira isso. Você não viria só porque se sente viva quando está comigo. Você não viria porque eu sou o único com quem você pode ser quem realmente é. Mas para trabalhar? Sim, você sempre vem para trabalhar.

Ele serve uma taça de vinho branco e o oferece a mim. O vinho me lembra Dave. Sacudo a cabeça.

— Não sou meu verdadeiro eu quando estou com você. Não sei quem eu sou.

— Esse é o problema — diz ele, pegando a taça. É a primeira coisa que ele não me pressiona para aceitar desde que cheguei. — Você não sabe quem é. Você até me fez descrevê-la *para* si mesma da última vez que nos encontramos e *ainda* não conseguiu descobrir. Normalmente isso seria o bastante para me fazer perder o interesse. A autopercepção é sexy. As ilusões, não.

O sol está atrás de mim, mas mesmo assim abro minha bolsa e pego os óculos de sol. Sinto que vou precisar de todas as camadas de proteção possíveis.

— Acha que eu me iludo?

— Algumas vezes. Isso não combina com você.

— Se isso é tão brochante, talvez você devesse parar de transar comigo.

Robert Dade começa a rir. É um riso fácil, mas com um toque de opulência. Ele suaviza os meus medos e faz com que eu queira me aproximar dele em vez de me afastar.

— Como já disse, eu faria isso. Mas a questão é — e, com isso, ele dá um passo à frente — a mulher que você realmente é, aquela que você mantém presa com tanta força, a mulher que só tem permissão de se mostrar quando é tocada de um certo modo, quando sente certas coisas; essa mulher é tão atraente que eu não consigo me afastar dela.

Dê as costas e vá embora. Fale que o noivado foi anunciado.

Mas eu não digo uma palavra. Minha voz foi levada pelo vento.

— Eu quero aquela mulher — diz ele de novo, dando outro passo. — E não só na cama. Eu quero saber como ela é em um jantar à luz de velas. Eu quero vê-la na praia. Quero saber qual é a sensação de andar ao lado dela falando sobre os pensamentos que você, Kasie, nunca deixa que ela compartilhe.

— Eu vou me casar.

— Com um homem que você não ama.

— Ele é o homem que eu quero.

— Você é uma mentirosa muito sedutora.

Levanto o queixo e o olho de modo desafiador. Um brilho de respeito é o que vejo nos olhos dele, mas talvez isso sempre estivesse ali. Respeito por mim naqueles olhos castanhos, mas então *não é* por mim. É pela mulher que ele acha que estou escondendo dele. Uma mulher que não quero ser.

— Eu quero Dave Beasley.

— É mesmo? — A voz dele é gentil, mas é impossível não perceber o tom de sarcasmo. — O que exatamente você quer que ele faça com você?

— Não seja grosseiro.

— Você quer que ele a mantenha na linha?

Não respondo. Robert está muito perto agora. Se ele der mais um passo, nós vamos nos tocar.

Mas ele não dá. Em vez disso, me rodeia do mesmo jeito que fez no quarto do hotel Venetian.

— Você quer que ele suprima sua verdadeira natureza? Que segure as rédeas que você criou para si mesma?

— Cala a boca. — Meu tom sussurrado contradiz o significado das palavras. Eu o sinto atrás de mim, embora ele ainda não esteja me tocando.

— Você quer que ele a prenda? Tem medo de não ser capaz de conseguir isso sozinha?

A respiração dele toca minha orelha enquanto ele se move para a direita. Espero que ele complete o círculo, mas ele não faz isso. Só fica parado do meu lado, olhando para mim. Se eu me inclinar, só um pouco, o alto da minha cabeça vai tocar o queixo dele. Meu ombro vai tocar o peito dele; minha mão, a coxa dele.

Continuo a olhar para a frente, agradecida por meus óculos escuros. Eles suavizam as cores que estão um pouco brilhantes demais hoje.

— Olhe para a minha mão — digo calmamente.

Ele para, perplexo com o que parece um pedido estranho. Mas então ele vê o anel e levanta a minha mão para que a luz caia sobre ele.

— Ele me comprou um rubi — digo, enquanto ele estuda a pedra. — Não um anel de brilhante, um rubi.

— De quem foi a ideia?

Mais uma vez, não respondo.

— Foi sua. — Ele diz essas palavras com um tom de surpresa agradável. E, agora, ele me toca. Mexe no meu cabelo e o afasta do meu rosto. Eu não me viro para olhar para ele. — Deixou que a mulher que você está tentando destruir escolhesse o seu anel.

— Isso não é *Sybil*, aquele livro sobre a mulher com múltiplas personalidades. Só existe uma em mim.

— Ah, eu sei, e é você, a única você verdadeira, que eu quero. Não a máscara que sorri suavemente e finge ser uma rosa branca, delicada, meiga, fraca.

— Você me chamou aqui para uma reunião de negócios, sr. Dade?

— Eu quero arrancar essa máscara. — Ele levanta as mãos e agarra o ar ao redor do meu corpo, como se pudesse literalmente arrancar algum campo de força invisível. — Eu quero jogá-la no oceano onde você nunca mais conseguirá encontrá-la. Não quero você presa àquela rédea, Kasie. Não quero confinar você, não quero controlar você. Quero libertá-la.

— Diz o homem que praticamente me chantageou para que eu entrasse neste barco.

— Ah, sim. Mas isso é diferente. Por enquanto, parece que tenho de praticamente chantagear você para que faça aquilo que deseja fazer. Quero que você faça essas coisas por si mesma. Quero que você ceda a seus desejos do modo como cede à sua ambição.

— Não seja idiota.

— Se você fizesse isso, seria invencível.

— Eu amo o Dave.

Ele hesita. Não tinha previsto isso.

— Eu amo o Dave — repito, mais alto desta vez.

— Ah — murmura. — Essa mentira é menos atraente.

— Você fez *sexo* comigo. — Minha voz é calma, fria. — Você conhece meu corpo, até sabe como fazê-lo cantar, mas isso é só química. Dave conhece o meu passado, ele sabe como eu penso. Você conhece meu corpo, sr. Dade. Dave *me* conhece.

— Duvido muito.

— Ele sabe de onde eu venho.

— Tenho certeza. E também tenho certeza de que ele sabe aonde *ele* quer que você vá.

— Não. Ele quer o que eu quero. Não porque ele está tentando me dirigir, mas porque *nós* realmente queremos as mesmas coisas. Isso é o que nos torna compatíveis. É você quem está me pressionando. O que você e eu temos, é só, só...

— Química — Robert termina por mim.

Ele se afasta, se senta em uma das cadeiras do convés. Bebe o vinho um pouco depressa demais. Será que está nervoso? Essa não é uma emoção que eu associe a ele.

— Você sabe o que é química? — pergunta ele.

Dou de ombros, mas internamente respondo à pergunta.

Química é a faísca que acende dentro de mim quando os dedos do sr. Dade passam pelo meu pescoço. É a aceleração do meu pulso quando ele beija esse mesmo ponto, provando meu sal, lambendo essa pele delicada. É o pulsar que sinto entre minhas pernas quando as mãos dele viajam dos meus ombros para meus seios, minha barriga, mais abaixo...

— É o estudo da matéria atômica — diz Robert, tirando-me dos meus pensamentos. — É a descrição de como os diferentes elementos químicos reagem. Mas, mais importante, é o estudo da formação desses elementos.

— Acho que devo ir embora.

— Para que dois elementos reajam um ao outro, eles têm de se encontrar — continua. — Eles se unem rapidamente e, de algum modo muito primitivo, reconhecem os detalhes do outro elemento que causarão uma reação química.

— Não tenho ideia de aonde você quer chegar.

— Nós não reagiríamos um ao outro do modo como reagimos se não pudéssemos sentir algo fundamental sobre a natureza um do outro. Quando vi você... quando toquei você, senti que havia algo na própria essência de quem você é que me faria reagir de formas que simplesmente não reajo, *não poderia* reagir, a outras. Somos bicarbonato de sódio e vinagre, Coca Zero e Mentos...

— Uísque e soda?

Ele sorri com minha contribuição inesperada a seu monólogo.

— Não sei se uísque e soda realmente provocam uma reação química.

— Talvez não — admito. Mas agora estou pensando sobre a pontada fria e suave do uísque quando ele o derramou entre as minhas pernas, lembro do gosto disso na língua dele.

— Química.

— Eu amo o Dave — digo de novo. O sol está ficando alto no céu. Eu o sinto nos meus ombros. Uma gota de suor cai da minha testa. *Estou reagindo ao sol*. Digo essas palavras para mim mesma. *É o sol, não o calor*.

— Quase acredito em você — diz ele. Por um momento, acho que ele está ouvindo meus pensamentos e não só as minhas palavras.

— Você deve acreditar em mim. — Eu me firmo, encontro coragem e afasto meus olhos do horizonte para encontrar os dele. — Nunca menti para você.

— Mas mente para ele.

— Eu amo o Dave — explico. — Todos mentem para as pessoas que amam. São as únicas que

merecem esse esforço.

— Então você deve se amar muito.

Algo fica entalado na minha garganta. Não sei se é uma risada ou um grito.

— Será que Dave ama esta sarda tanto quanto eu?

Ele se levanta de novo, põe o dedo na sarda que fica acima da linha do decote da minha blusa, bem onde os seios começam.

— Você treme quando as mãos dele deslizam para a sua cintura, quando as mãos dele deslizam sob o tecido sedoso de sua blusa?

As mãos dele estão na minha cintura; os polegares deslizam sob a parte de baixo da minha blusa, pressionando minha carne.

— Ele te faz tremer quando te puxa até ele?

As mãos dele se movem para a parte de baixo das minhas costas e aplicam pressão suficiente apenas para me levar para a frente, para ele.

— Quando ele te segura.

Estou nos braços dele; meus pés são levantados do chão enquanto eu me seguro a ele.

— Quando ele te pega...

Ele me carrega para a cabine, passando pela cozinha e pela sala de estar, até um quarto.

E, como ele previu, eu tremo.

Ele deixou as palavras no convés do iate. Na cabine, existe apenas o som da nossa respiração se misturando para criar um ritmo intenso e irregular. Quando ele me coloca sobre a cama, eu esqueço Dave, meu trabalho, meus ideais, e me lembro dos beijos do sr. Dade, do gosto dele, da sensação dele dentro de mim.

Eu solto o ar quando minha blusa cai no chão, meu sutiã segue o mesmo caminho. Puxo os cobertores embaixo de mim, enquanto ele mordisca um de meus mamilos e, depois, o outro.

Algumas sensações são quase fortes demais. Elas não podem ser controladas. Alguns desejos nos dominam por completo.

Arqueio as costas enquanto a mão dele escorrega para o lado de dentro das minhas coxas.

Não consigo pensar. Não vou pensar. Até o perfume suave da loção pós-barba me fala de sedução agora.

Ainda estou com a calça, mas bem poderia não estar. Ela não me protege do calor do toque dele enquanto ele pressiona a mão em mim.

O rádio está ligado, com um rock clássico em volume baixo; o gênero combina com ele. Ele tem a aspereza de Jimi Hendrix, o mistério assustador de Pink Floyd e a elegância moderna de The Doors.

Ele desabotoa a minha calça, que afrouxa enquanto ele abre o zíper; sinto o ar nas minhas coxas enquanto ele a tira.

Stairway to Heaven está se misturando com outra música... Ah, sim, Rolling Stones. É *Ruby Tuesday*.

Rubis.

Abro meus olhos e, de repente, posso ver não só a sala a meu redor, mas o caminho que estou tomando. Eu estico a mão e seguro a dele, bem na hora em que ele está para tirar minha calcinha.

Ele para, esperando que o gesto não seja o sinal de interrupção que ele percebe ser. Mas eu mantenho a mão dele parada, segurando-a com firmeza, não com paixão, mas com decisão.

— Kasie — diz ele, olhando nos meus olhos.

— Eu amo o Dave — digo. O barco oscila levemente; Mick Jagger canta adeus a *Ruby Tuesday*. — Eu amo o Dave, e isso não é só um sentimento, é uma decisão.

— Você está escolhendo a prisão em vez do desconhecido.

— Todos estamos em algum tipo de prisão — digo. — Mas posso escolher minha gaiola, e a gaiola em que vou viver com Dave é dourada.

Depois de dizer isso, eu me afasto, me sento e pego meu sutiã. A ressonância do toque dele ainda aquece meus seios, meu corpo ainda anseia por ele; meu demônio ainda está me puxando na direção dele. Mas eu tomei minha decisão. Este não é o meu lugar. Robert tem razão; ele é o desconhecido. E eu rejeito a aventura da descoberta. Talvez minha vida com Dave realmente seja um tipo de prisão, mas é o Ritz-Carlton em comparação com a prisão sombria da minha culpa.

— Não vá — diz ele.

Eu me viro. Ainda estou apenas com a minha lingerie, mas sinto uma armadura invisível crescendo à minha volta, protegendo-me dos ataques da tentação.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto. — Por que eu? Você deseja o que não pode ter?

— Imaginei... tinha esperança de poder ter você — diz ele calmamente. — Cada vez que eu te toco, o desejo aumenta. É como o manjar turco que a Feiticeira Branca dá a Edmundo em Nárnia. Eu preciso ter mais.

— Então isso significa que você é Edmundo, uma metáfora moderna para Judas, e eu sou a personificação do mal.

— Não — diz ele com um sorriso triste. Ele se levanta e, com cuidado, pega minha blusa e minha calça do lugar onde estavam caídas no chão, mas não as entrega a mim. Em vez disso, ele as segura como se fossem um tesouro ou a última esperança. — Minha metáfora não foi boa. Obviamente, o que temos não se parece em nada com um conto de fadas infantil. O que temos é mais denso, mais rico...

— Não está certo.

— Mas somos nós.

Sacudo a cabeça, olhando fixamente para a blusa na mão dele. Eu poderia tirá-la das mãos dele, mas não estou pronta. Não suporto a ideia de ser tão agressiva e violenta neste momento. Ele nunca mais me verá sob qualquer outra forma de nudez. Estou determinada a garantir isso.

Mas quero que ele me veja agora. Quero que ele olhe para mim mais uma vez. Eu não acolhi esse último toque; não previ minha própria força. Mas quero sentir os olhos dele em mim. Quero que seja uma lembrança que eu possa evocar quando a vida ficar dura a ponto de as fantasias se tornarem difíceis de conjurar.

— Você acha que eu quero o mesmo que você, mas eu não quero — murmuro. — Você acha que me quer, mas o que deseja é uma série de momentos roubados como este. Você acha que vê além da minha máscara, mas não pode ver que a máscara é tanto parte de mim quanto a ousadia por trás dela. Você não me quer.

— Mas você pode se libertar da máscara.

— Você não entendeu? — grito.

De repente, não sou a mulher de negócios formada em Harvard, não sou a noiva de um jovem advogado de uma família tradicional. Sou raiva, desespero, frustração, paixão não correspondida.

— Eu *não quero* me libertar dela! — Aperto os dentes contra a violência que está aumentando dentro de mim. — Você está me pedindo para jogar fora meus sapatos de sola grossa e andar descalça a seu lado, mas olhe para baixo, Robert! O chão em que estamos andando está coberto de pregos enferrujados! Quero minhas proteções. Elas são parte de mim! Eu as amo mais do que amo a... a selvageria de minha natureza oculta, e quero um homem que ame a parte de mim que eu celebro! Por que você não consegue ver isso?

— Porque sou um selvagem — diz ele simplesmente. Mas os olhos dele estão tristes, não exibem selvageria.

— Então encontre uma mulher criada por lobos. Eu fui criada para ser civilizada.

— Essa é sua definição de civilidade?

— Temos negócios, sr. Dade. Vamos tratar deles?

Ele suspira, *Ruby Tuesday* acabou, o silêncio cria uma pequena falha em minha resolução, e não posso

me dar a esse luxo. Não tenho mais trunfos.

— Me dê minhas roupas.

Ele as entrega a mim sem nenhuma resistência.

— Você e eu não somos pessoas boas — digo enquanto ponho novamente a calça. — Fizemos algo errado.

— Se fizer isso — diz ele, me observando atentamente —, se você se casar com um homem a quem não ama, vai não só me ferir, como se prejudicar. E, pior ainda, você vai *torturá-lo*.

Parei, mas só por um instante.

— Estou fazendo o que preciso fazer. — O chão está frio sob meus pés descalços.

— Acho que, se me ouvir por cinco minutos, vai perceber que tem escolhas.

Olho para ele. Há muitas coisas que ele não sabe. Muitos segredos e esqueletos. E não sei mais se estou fugindo ou sendo levada pelo destino. Tudo o que sei é que vou sobreviver. É mais do que minha irmã conseguiu fazer.

Ele me examina, seus olhos castanhos me absorvem como sempre.

— Tem alguma coisa que queira me contar? — pergunta ele.

Sorrio a contragosto. Ninguém nunca conseguiu me ler com tanta facilidade, e conheço esse homem há duas semanas.

Ele faz um movimento qualquer e diz:

— Vou subir ao convés e servir duas taças de vinho. Espero que, depois de você se vestir, possamos conversar.

— Ah, agora você quer conversar? Então, não é mesmo só sexo? — digo com uma ponta de sarcasmo.

— Eu lhe disse, quero você de todas as formas. Vou para o convés. Se você for conversar, então saberei que pelo menos há alguma esperança.

E, assim, ele sai da cabine. Ouço os passos dele se afastarem e novamente os ouço acima de mim quando ele vai para o convés, que agora é o meu teto.

Com um susto, percebo que Robert Dade não está mais me pressionando. Ele não está me tentando nem me dominando.

Robert Dade só me perguntou se podemos conversar.

Como eu conversaria com uma pessoa normal? Já fizemos isso? Sempre foi paixão, provocação e excitação. Já nos sentamos e tivemos uma conversa que não fosse sobre trabalho?

Não.

Mas talvez pudéssemos. A possibilidade me surpreende e, rapidamente, cria uma atração misteriosa. Podíamos ser mais do que o rugido de um carro esporte, mais do que uma noite quente em um hotel de luxo.

Fecho os olhos por um instante. As imagens que dançam na minha frente são diferentes das fantasias que mantive nas últimas semanas. Nessas imagens, vejo Robert e eu sentados lado a lado em um cinema, comendo pipoca. Eu nos vejo lendo o *Wall Street Journal* e o *LA Times* enquanto comemos um brunch de domingo. Na minha fantasia, nossos impulsos audaciosos apoiam-se em um vínculo que é tão forte quanto as vigas que sustentam sua casa luxuosa na colina.

Robert é o homem que destrava minhas inibições e sente prazer em experiê-las. Mas se, além de tudo isso, ele também pudesse ser meu amigo e meu parceiro, se ele pudesse ser um homem que se dispõe a andar comigo em terreno mais firme, talvez, só talvez, isso pudesse mudar as coisas.

Robert sempre atraiu o meu demônio, mas e se eu lhe desse a chance de fazer amizade com meu anjo?

Se ele pudesse, então talvez, só talvez, eu pudesse ser uma mulher que tivesse tudo.

Pequenas fagulhas de esperança se acendem no meu coração, mas o toque do celular me tira dos devaneios. O som vem da minha bolsa, que está largada no chão. É o toque de Dave.

Eu pego o telefone, mas não atendo, deixando que a mensagem calma e contida de minha caixa postal o

atenda. Não posso falar com ele agora, não enquanto estiver neste lugar e certamente não antes de ter mais tempo para acalmar meus pensamentos e minhas emoções.

Mas aí ouço o toque de quando ele me envia uma mensagem de texto. Ele nunca faz isso.

Eu sei onde você está. Sei o que está fazendo.

Tento achar sentido nas palavras. Isso não pode significar... Como... Então, chega mais uma mensagem de texto:

Tenho que ligar para Dylan Freeland daqui a pouco. Ele não sabe o que você está fazendo... por enquanto. Mas se não sair desse barco para me encontrar no seu carro em cinco minutos, vou garantir que Dylan, nossas famílias, TODOS fiquem sabendo.

Fico olhando fixamente para a tela com os olhos arregalados e sem piscar. Dave nunca me ameaçou antes, com nada, muito menos com a destruição da minha carreira. Mas eu também nunca o tinha traído como agora.

Olho para mim mesma: a calça está amassada e a blusa ainda está na minha mão. Estou tremendo. Estou arruinada. Chega outra mensagem.

Deixe-o, agora. Estou lhe dando uma chance. Pegue-a. Pegue-a ou eu vou tirar tudo que você tem.

Nunca me senti tão acuada nem com tanto medo. Não é apenas porque isso pode me custar meu emprego. Isso pode me custar toda a minha reputação profissional. Isso pode me custar todo o respeito de meus pais. Ele pode destruir a convicção que eles têm de que nós somos bons, de que a nossa família é boa.

Com mãos trêmulas, ponho a blusa, pego a bolsa e subo ao convés.

— Kasie — diz Robert, com um tom tão suave que eu poderia me enrolar nele, como se fosse um cobertor. — Só precisamos conversar um pouco. Você não precisa ir. Não temos de fazer joguinhos...

Mas a voz dele se apaga enquanto passo por ele, sem parar. Saio do barco e caminho. Posso sentir que ele me observa. Ele acha que fiz uma escolha. Ele acha que estou fugindo dele.

Mas não estou. Não estou nem sendo impelida. Estou sendo pressionada.

Então percebo que essa é a primeira vez que eu o ignoro. A ausência de resposta às palavras de conciliação dele pode, na verdade, ser a única coisa que o impede de ir atrás de mim. Pode ser isso que o faça desistir.

O pensamento me faz tropeçar, mas continuo andando, me afastando do barco, me afastando do píer e do horizonte, de volta ao estacionamento onde posso ver Dave. Mesmo a distância, posso ver a raiva que transborda dele, incendiando todo senso de segurança que ainda me sobrava.

— Posso fazer você pagar por isso — ele murmura entre dentes quando chego perto o bastante para ouvir.

— Dave, eu sinto muito...

— Cale a boca. — Ele estende a mão. — A chave do carro, por favor.

Sem dizer uma palavra, eu lhe entrego a chave.

Ele destrava as portas.

— Vá para o banco do carona.

Obedeço. Ele vai para o banco do motorista e sai do estacionamento cantando pneus, se afastando de Robert Dade. E só Deus sabe para onde estamos indo.